CRISTINA LUIZA CZERWONKA SUREK

AS MULHERES DE ROÇA VELHA – ARAUCÁRIA - PR: AS DO LUGAR E AS QUE CHEGARAM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia como requisito parcial à obtenção de grau de Doutora em Geografia da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho

CURITIBA

2011

Ao meu pai Edward (in memorian) e à minha mãe Leocádia pelo exemplo de vida.

Ao meu companheiro e marido Miecislau, às filhas Clarissa e Alessandra e ao filho Cassiano, à nora Deborah, aos genros Samuel e Carlos, às netas Sophia, Paula e Stella e ao neto Oliver, pelo amor, apoio e estímulo nos momentos difíceis e pela paciência e compreensão ao longo de nossas vidas.

Agradecimentos

Ao meu orientador Sylvio Fausto Gil Filho, pela orientação segura e serena e, acima de tudo, pela sua generosidade e seu imenso coração.

Ao amigo e médico Samir Ale Bark que me fortaleceu e sustentou durante esta caminhada.

Às mulheres de Roça Velha pela disponibilidade de me receber e abrir seu coração.

À minha irmã, Lucia Izabel Czerwonka Sermann pela presença, apoio e estímulo em todas os momentos da minha vida.

Aos professores Joseli Maria Silva e Jorge Montenegro por clarearem o caminho a ser trilhado.

Ao amigo e colega Marcos Merlin por suprir as minhas limitações tecnológicas com paciência e habilidade.

Às amigas Dulcemeri Ramos e Elis Ribeiro por dividirem comigo as angústias, incertezas e alegrias.

Ao amigo Nilson Cesar Fraga pelas experiências enriquecedoras.

Ao colega Laércio Mello pelo auxílio com os mapas e escalas.

Ao amigo e colega Marcelo Fassina pelo auxílio para o uso das tecnologias.

Ao secretário Luiz Carlos Zem pela competência e amabilidade.

Aos professores e colegas do Programa de Pós – Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, que com seus conhecimentos me abriram novos horizontes.

Aos mantenedores e gestores do Centro Universitário Curitiba - UNICURITIBA, que me permitiram concluir mais esta etapa de minha vida profissional.

“De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estamos começando,
A certeza de que é preciso continuar e
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo,
Fazer da queda um passo de dança,
Do medo uma escada,
Do sonho uma ponte,
Da procura um encontro,
E assim terá valido a pena existir.”

Fernando Sabino

RESUMO

O presente estudo que tem como tema *As Mulheres de Roça Velha, Araucária – PR: as do lugar e as que chegaram* investigou como se estabelecem os elementos de permanência e mudança do papel feminino na reestruturação espacial de Roça Velha, Araucária - Pr. A particularidade do estudo está na busca do entendimento de como ocorre a apreensão da realidade pelas mulheres e a construção das espacialidades femininas determinadas pelas relações de gênero e de que forma as transformações ocorridas no processo de industrialização e urbanização de Araucária re-arranjaram as espacialidades cotidianas femininas. Os objetivos estabelecidos para o estudo foram analisar as espacialidades das mulheres de Roça Velha compreendendo seu gênero performativo, observando a cultura e o local, sendo para tanto necessário estruturar os fundamentos teóricos que sustentam a temática; descrever a realidade objeto do estudo; coletar dados junto aos sujeitos envolvidos; articular teoria e realidade; descrever as transformações das espacialidades das mulheres. Como embasamento teórico utilizou-se a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, a hermenêutica de Paul Ricouer, as diversas obras e escritos de Paul Claval devido à sua fundamental importância ao tratar da Geografia Cultural e as abordagens de gênero de Judith Butler, Linda Mc Dowell e Joseli Maria Silva. Em virtude da questão central desta pesquisa optou-se por desenvolver um estudo de natureza qualitativa, utilizando-se das técnicas de observação assistemática e aplicação de entrevistas não estruturadas com a mulheres definidas como sujeitos da pesquisa. Concluiu-se que os elementos de permanência do papel feminino na reestruturação espacial de Roça Velha baseiam-se na família, representada como o núcleo fundamental das relações, na representação do trabalho doméstico e a não aceitação da performatividade de gênero, manifestada pela prévia definição de papéis de sexo e gênero. Como elementos de mudança do papel feminino foram constatados a melhoria e facilidade de mobilidade, o aumento da escolaridade, a inserção no mercado de trabalho formal e a profissionalização e o acesso e uso das tecnologias que transformaram o conteúdo representacional dos papéis de gênero vivenciados pelas mulheres de Roça Velha, Araucária – PR : as do lugar e as que chegaram.

Palavras chave: Geografia de gênero, mulheres, representações sociais, papéis de gênero.

ABSTRACT

This study, entitled *As Mulheres de Roça Velha, Araucária – PR: as do lugar e as que chegaram* (The Women at Roça Velha, Araucária – PR: the natives and the newcomers), investigated how elements of permanence are established and how the role of women has changed in a spatial restructuring of Roça Velha, Araucária, Paraná. In particular, the study aims to understand how the women perceive their reality and how female spaces are determined due to gender relations, and how the everyday lives of women are re-organized by the transformations brought upon by industrialization and urbanization in Araucária. The objectives of the study are (a) analyzing the space occupied by Roça Velha women in their performative genre, observing the culture and the place – thus the need to structure a theoretical framework that supports the theme; (b) describing the reality that is object of the study; (c) collecting data from the participating subjects; (d) articulating theory and reality; (e) describing the transformation in the spaces occupied by women. The theoretical basis used for this study were Serge Moscovici's Theory of Social Representation, Paul Ricouer's hermeneutics, various books and articles by Paul Claval due to their seminal importance for Cultural Geography, and the approach to gender posited by Judith Butler, Linda McDowell and Joseli Maria Silva.
The author chose a qualitative approach to tackle the main issue of this research by using nonsystematic observation techniques and unstructured interviews with the women selected as subjects in the study. We concluded that the elements of permanence of the female role in spatial restructuring in Roça Velha are based on the family as the fundamental nucleus of relationships, in the representation of domestic work and in the non-conformance to gender performativity, manifested by gender and sex roles defined in the past. As elements of change in the role of women we noticed an improved and easier mobility, higher levels of schooling, entry into formal labor market and the professions, and access and use of technologies that transform a representational content of gender roles experienced by the women in Roça Velha, Araucária – PR: the natives and the newcomers.

Keywords: Gender geography, women, social representation, gender roles.

LISTA DE SIGLAS

CEASA - Centrais de Abastecimento do Paraná

CEFET - PR - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e Caribe

CEPIA - Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação

CIAR - Centro Industrial de Araucária

CIC - Cidade Industrial de Curitiba

CNDM - Conselho Nacional dos Direitos da Mulher

CODAR – Companhia de Desenvolvimento de Araucária

COHAB-CT – Companhia Habitacional de Curitiba

FIEP - Federação das Indústrias do Estado do Paraná

GETE- Grupo de Estudos Territoriais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IGU - International Geographic Union

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

MEC – Ministério da Educação

NEER - Núcleo de Estudos em Espaço e Representações

NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura

PIB – Produto Interno Bruto

REGGAL - Rede de Estudos de Geografia e Gênero da América Latina

SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

SPM - Secretaria Especial das Mulheres

UAB - Universität Autônoma de Barcelona

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher

UNL – Universidade Nova de Lisboa

USP – Universidade de São Paulo

WGSG - Women and Geography Student Group

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – ESTRADA DE ACESSO À ROÇA VELHA 99
MAPA 1 – MAPA DO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA-THOMAZ COELHO 100
MAPA 2 – LIMITES ORIGINAIS DE THOMAZ COELHO 101
MAPA 3 – MAPA DE ARAUCÁRIA DESTACANDO ROÇA VELHA 102
FIGURA 2 – PORTAL POLONÊS THOMAZ COELHO 103
FIGURA 3 – IGREJA DE SÃO MIGUEL 105
FIGURA 4 – IGREJA, CAPELA MORTUÁRIA E SALÃO PAROQUIAL 113
FIGURA 5 – CEMITÉRIO DE SÃO MIGUEL JUNTO AO SALÃO PAROQUIAL 114
FIGURA 6 – INÍCIO DA TERRAPLANAGEM PARA A CONSTRUÇÃO DA REPRESA 115
FIGURA 7 – VISTA DE PROPRIEDADE EM THOMAZ COELHO ANTES DA INUNDAÇÃO 116
FIGURA 8 – VISTA PARCIAL DE PROPRIEDADE COM PARTE COBERTA PELO LAGO 117
FIGURA 9 – VISTA PARCIAL DA REPRESA DO PASSAÚNA 117
FIGURA 10 – VERTEDOURO DA REPRESA DO PASSAÚNA 118
FIGURA 11 – PROPRIEDADE ANTES DA INUNDAÇÃO 119
FIGURA 12 – IGREJA DE SÃO MIGUEL APÓS A DIVISÃO DAS TERRAS 120
FIGURA 13 – DE UM LADO THOMAZ COELHO, DO OUTRO ROÇA VELHA 121
FIGURA 14 – MORADORES TRABALHANDO NA TERRA (1983) 123
FIGURA 15 – RESIDÊNCIA DE ALVENARIA DE SILVESTRE RENDAK 127
FIGURA 16 – CASA DE MADEIRA DE CASEMIRO RENDAK 128
FIGURA 17 – CASA DE REGINA 129
FIGURA 18 – CASA DE UMA DAS MULHERES QUE CHEGARAM 141
FIGURA 19 – O PLANTIO EM ROÇA VELHA 142

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 EM BUSCA DOS CAMINHOS TEÓRICO – CONCEITUAIS 17

2.1 DURKHEIM E A TEORIA CLÁSSICA DAS REPRESENTAÇÕES 20
2.2 MOSCOVICI E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 21
2.3 PAUL RICOUER E A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES 24

3 A ÓTICA DA GEOGRAFIA CULTURAL 31

4 A GEOGRAFIA DE GÊNERO:UMA VISÃO PANORÂMICA 41

4.1 GÊNERO: A CONSTRUÇÃO DE UMA CATEGORIA DE ANÁLISE 44
4.2 UMA PANORÂMICA DA GEOGRAFIA DE GÊNERO 52
4.3 UM BALANÇO DA GEOGRAFIA DE GÊNERO NO FINAL DO SÉCULO XX 59
4.4 GEOGRAFIA HUMANISTA, GEOGRAFIA DE GÊNERO E O DEBATE PÓS-MODERNO 61
4.5 A PRODUÇÃO INTERNACIONAL NO FINAL DO SÉCULO XX 64
4.6 O ESTADO DA ARTE NO BRASIL 68

5 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA 88

6 O CENÁRIO DO ESTUDO 96

6.1 ARAUCÁRIA – OS PRIMÓRDIOS 96
6.2 DO ESPAÇO ORIGINAL AO ATUAL: DE THOMAZ COELHO À ROÇA VELHA 104
6.3 ROÇA VELHA – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES 122

7 O ESPAÇO DE RELAÇÕES SOCIAIS: GÊNERO E COTIDIANO 130

8 AS MULHERES DE ROÇA VELHA 138

8.1 O COTIDIANO DAS MULHERES DE ROÇA VELHA 142
8.2 A CONSCIÊNCIA DE SER MULHER, A SEGURANÇA E A INDEPENDÊNCIA 147
8.3 FAMÍLIA 156
8.4 CONFLITOS E FRUSTRAÇÕES 159
8.5 SEXUALIDADE, AFETIVIDADE E COMUNICAÇÃO 162

9 CONCLUSÕES DA PESQUISA 175

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS 179

REFERÊNCIAS 185

1 INTRODUÇÃO

A temática de gênero nos estudos de Geografia é recente no Brasil, embora tenha sido abordada anteriormente em algumas das demais ciências sociais como a história, antropologia e sociologia.

Integra as abordagens da geografia humanista, que pode ser considerada uma geografia fenomenológica e existencialista, centrada na pessoa, na consciência, criatividade e vivencia humana.

Faz parte das pesquisas dos geógrafos culturais que visam em seus trabalhos e pesquisas descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural; as transformações produzidas pela existência dos seres humanos no mundo da natureza e os significados que a cultura atribui a essa existência e à sua relação com o mundo natural.

Pode-se afirmar que não existem o homem e a mulher naturais, pois os seres humanos são todos portadores de cultura.

Nesta perspectiva, para desenvolver um estudo sobre as representações das mulheres torna-se fundamental entender a dimensão histórica e cultural em que os fenômenos se manifestam ou os fatos ocorrem e qual o peso, a importância da dimensão cultural, o que é vivido e como está representado.

A concretude da pesquisa se configura no espaço de representações das mulheres de Roça Velha, Araucária-PR. A particularidade do estudo está na busca do entendimento de como ocorre a apreensão da realidade pelas mulheres e a construção das espacialidades femininas determinadas pelas relações de gênero.

O questionamento emergente do contexto de estudo remete ao cotidiano das mulheres. Observando suas práticas e representações é possivel perceber que estão vinculadas à dimensão histórica e cultural do local, fundadas, sobretudo nas relações de gênero.

O fundamento para responder a esse questionamento está na definição de uma hermenêutica que permita entender como o processo de reestruturação espacial e os papéis de gênero são percebidos pelas mulheres de Roça Velha.

Em virtude do objeto construído, o espaço de representação das mulheres, a pesquisa qualitativa é a mais indicada porque permite um mergulho profundo nas nuances e particularidades que o tema comporta.

Essa modalidade de pesquisa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Também, a escolha de um tema de pesquisa, na maioria das vezes, está ligada ao universo do pesquisador. A busca de aprofundamento de estudos sobre determinada temática que não surge espontaneamente, mas faz parte de interesses e circunstâncias do pesquisador, visa, sobretudo responder às inquietações do mesmo.

Ao eleger o tema deste trabalho e objeto de pesquisa buscou-se respostas para muitas perguntas que de alguma forma estão presentes na minha trajetória pessoal e na construção de minhas próprias representações.

A pesquisa se constitui em um interesse pessoal; a narrativa expressa a visão de mundo e as representações que são construídas e para isso, faço uma rápida narrativa da minha vida.

Sou curitibana, filha mais velha de pais europeus e quando nasci meus pais já não eram jovens para os padrões da época; trabalhavam ambos, minha mãe como secretária de uma grande empresa, no final dos anos 1940 e meu pai que havia trabalhado como professor nas escolas polono-brasileiras em Contenda-Pr. era contador. Ambos vieram da Polônia, mas se conheceram no Brasil.

Fui criada com muita liberdade e responsabilidade, podia fazer tudo que fosse considerado certo para a época, e até algumas delas consideradas avançadas, desde que não descuidasse das minhas obrigações. O valor familiar maior era o do conhecimento, escola boa, estudos, livros, teatro e cinema e até viagens para Matinhos, no litoral do Estado, uma aventura.

Para o meu pai o fato de sermos mulheres, minha irmã e eu, não diminuía as expectativas e as possibilidades de crescimento pessoal, respeito e igualdade de tratamento, portanto nunca me senti inferior ou menosprezada por ser mulher.

Estudei em escolas públicas e privadas e me formei em Filosofia, na então Universidade Católica do Paraná, em 1969.

Comecei lecionar aos 19 anos, primeiro na Escola Normal e depois no ginásio; fiz concurso para professora da rede estadual e atuei na rede por 25 anos.

Ao me casar escolhi um marido liberal que permitia que eu fizesse o que gostava e não me pressionou ou impediu de estudar, trabalhar ou fazer o que me dava prazer (continuo casada por 42 anos, com o mesmo marido).

Enfim, as escolhas eram minhas e a responsabilidade também.

Meus impactos com o universo feminino aconteceram quando mudamos para o interior. Logo que cheguei em Cascavel fui a uma loja e a dona me perguntou: - você é esposa de quem? para que pudesse fazer um cadastro. Nem sequer cogitou da possibilidade de que eu fosse independente financeira e pessoalmente, tivesse uma identidade própria.

Minha transferência no trabalho também era tratada vinculada às funções do meu marido e não considerando meu potencial e aí comecei a perceber o que suponho que não observava em Curitiba por possuir um círculo de amigos com valores semelhantes aos meus, as mulheres só existiam em razão de sua dependência e vinculação aos homens.

Ao longo do tempo que vivi em Cascavel, fui professora de ensino médio e superior, diretora de escola, inspetora de ensino e secretária de educação, também estudei, fiz meus primeiros cursos de pós-graduação e comecei a investigar as falas e práticas das mulheres. Nos anos 1970 e 1980 ainda não se falava de gênero, fazia-se estudos sobre as mulheres e na região, como o poder e a presença dos homens eram muito fortes eles nem precisavam ser estudados, só obedecidos.

Na pesquisa de campo que realizei na época, perguntava às mulheres porque não estudavam, não investiam em si mesmas, na cultura e no conhecimento, até porque a maioria possuía boas condições financeiras e quase todas me respondiam: - meu marido não quer ou meu marido não deixa.

Coisas corriqueiras como mudar o corte dos cabelos ou decidir a pintura ou decoração da casa não eram decididas por elas, quase sempre com a mesma desculpa.

Tomei coragem e por se tratar de pesquisa para um trabalho de curso fui entrevistar os homens, os maridos, e eles nem sabiam o que as mulheres queriam fazer. Para a maioria, os desejos e anseios das mulheres não eram relevantes, eram até inexistentes; elas tinham que cumprir o seu papel social, cozinhar, cuidar da casa e dos filhos, receber os amigos e continuar felizes, afinal nada faltava na sua vida.

Então, em meados dos anos 1980, com muito menos leitura e apoio teórico do que tenho hoje, pude constatar a invisibilidade das mulheres que usavam o argumento da proibição dos maridos para se sentirem valorizadas, criando para si uma representação de importância na relação conjugal e doméstica.

Quando conversava com elas e dizia: - decida você, tome coragem; havia sempre a preocupação em desagradar ou perder o que estava socialmente posto; a responsabilidade é dos homens.

Algumas mulheres que quebraram o paradigma estabelecido separaram-se dos maridos de forma bastante dolorosa e desgastante, assumiram o compromisso de viver com liberdade com custos altos; a discriminação da sociedade local, a falta de dinheiro, o compromisso com a educação dos filhos, o descontentamento da família, entre outros.

Estas situações faziam com que as outras mulheres permanecessem como estavam, não se arriscassem a mudar.

Continuei minha vida profissional e tive grandes oportunidades, aprendi muito e cresci e quando voltei para Curitiba, já em meados dos anos 1980 esperava encontrar no meu círculo familiar e de amigas, mulheres mais livres, participativas e que tomassem decisões, mas não foi o que aconteceu.

Ouvi discursos bonitos, falas elaboradas, mas pude perceber poucas mudanças nas práticas e nas representações femininas.

Isso ficou muito evidente, quando da realização do I Simpósio Polono-Brasileiro na América Latina[1], que ocorreu em Curitiba em 1988.

Participei da organização e como tal, no meu grupo de trabalho deveríamos compor as mesas de trabalho e houve uma insistência muito forte para que as mulheres participassem separadamente dos trabalhos, ou seja, mulheres falando para mulheres. Embora discordasse fui voto vencido e me submeti à vontade da maioria e o que assisti comprovou o que já vinha percebendo, mulheres empresárias, mulheres artistas e mulheres professoras apresentaram trabalhos muito relevantes, mas num espaço restrito, o espaço feminino; algumas até chegaram a afirmar que jamais dariam depoimentos como os que estavam fazendo em espaços mistos ou só masculinos.

[1] O I Simpósio Polono Brasileiro na América Latina aconteceu em Curitiba em 1988, reunindo poloneses e

Ao longo dessa trajetória novas inquietações foram surgindo relacionadas ao espaço onde as relações ocorriam, tais como capital ou a cidade do interior, o masculino e o feminino, os padrões de resposta das mulheres que se repetiam.

Trabalhei em uma faculdade de artes e lá o universo feminino era mais aberto, menos formal e atrelado às convenções, era muito interessante, uma outra postura de vida, outros padrões, ou melhor, não havia padrões,

Ao longo da minha trajetória profissional me aposentei do serviço público e fui trabalhar em uma instituição de ensino superior fortemente marcada pela área do direito que me permitiu também o convívio com mulheres profissionais da área e a busca de leituras e teóricos que tivessem como foco os estudos de gênero, até porque atuo na área da sociologia, campo fértil e muito atualizado nesta temática.

Embora o presente estudo pudesse ser desenvolvido nos diferentes espaços nos quais convivo ou atuo escolhi uma área muito próxima de Curitiba e que tem características bastante peculiares, Roça Velha, Araucária, Paraná.

A escolha por Roça Velha deveu-se ao fato da grande mudança ocorrida no local com o represamento do rio Passava e a construção da represa que abastece de água Curitiba e a região metropolitana. As transformações ocasionadas pelo processo de industrialização e urbanização de Araucária e também porque nesta região convivem mulheres mais velhas e mais jovens, algumas originárias do local e outras que chegaram recentemente, tornando rico o universo da pesquisa. O universo feminino pesquisado se constitui de um mosaico: urbano e rural, jovens e menos jovens, profissionais e donas de casa, formadas e semianalfabetas convivendo numa região que sofreu profundas transformações.

Neste cenário objetivou-se portanto, analisar as espacialidades das mulheres de Roça Velha compreendendo seu gênero performativo, observando a cultura e o local.

Para tanto foi necessário:

1. estruturar os fundamentos teóricos que sustentam a temática;
2. descrever a realidade objeto do estudo;
3. coletar dados junto aos sujeitos envolvidos;
4. articular teoria e realidade;
5. descrever as transformações das espacialidades das mulheres.

O processo de industrialização e urbanização de Araucária levou a transformações profundas das relações entre os moradores da região pesquisada e do todo o município, fazendo com que os papéis exercidos por homens e mulheres sofressem um impacto significativo. As práticas do cotidiano e as representações sociais dos diversos atores sociais foram pressionadas pelas mudanças. Mas nesta mescla de habitantes há um significativo grupo feminino que permanece no local e passa a conviver com mulheres que se mudaram para a região trazendo novas práticas.

Nesta perspectiva a pesquisa realizada teve como questão central entender como se estabeleceram os elementos de permanência e mudança do papel feminino na reestruturação espacial de Roça Velha, Araucária – PR? .

2 EM BUSCA DOS CAMINHOS TEÓRICO – CONCEITUAIS

Uma das grandes dificuldades enfrentadas ao realizar uma pesquisa é a definição das bases conceituais tanto para a metodologia quanto para o entendimento e análise dos dados obtidos.

São vários os questionamentos dos quais é preciso dar conta, tendo como horizonte maior a questão do gênero, neste trabalho com ênfase nas mulheres.

A construção das bases teórico-conceituais da pesquisa foi desenvolvida com a leitura de autores tais como Zygmunt Baumann em Vida para Consumo e Vida Líquida, com a leitura de Alain Touraine em suas obras O Mundo das Mulheres e *Un Nuevo Paradigma para compreender el mundo de hoy*, Peter Berger em A Construção Social da Realidade, Walter Benjamin em A Tarefa do Tradutor e Textos Escolhidos, Christopher Lasch em A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo, Paul Claval em diversas obras e textos[2] devido à sua fundamental importância ao tratar da Geografia Cultural, Serge Moscovici em Representações Sociais: investigações em psicologia social, Don Mitchell em Cultural Geography: a critical introduction e Paul Ricouer em Tempo e Narrativa, Hermenêutica e Ideologias e Teoria da Interpretação, Judith Butler em Problemas de Gênero, Linda McDowell em *Gênero, identidad y lugar: Um estudio de las geografias feministas,* Joseli Maria Silva em Geografias Subversivas e Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas e artigos produzidos pela mesma. Os autores escolhidos produziram e produzem nos séculos XX e XXI, e buscaram ou buscam responder à inquietações próprias deste tempo, mesmo que com diferentes abordagens. Dos autores acima citados, optou-se por trabalhar com os que consideramos mais próximos à temática do estudo.

Nas obras de Zygmunt Baumann buscou-se o entendimento das mudanças que ocorrem na sociedade atual, em que as condições sob as quais agem seus membros, mudam num tempo mais curto do que o necessário para consolidar as formas de agir em hábitos e rotinas. Esse processo, torna a vida

[2] Os textos e obras de Paul Claval estão citados na bibliografia básica devido à sua importância para a Geografia Cultural e por servirem de base teórico-conceitual neste trabalho.

líquida, que é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante.

É a partir desta compreensão que Baumann aborda os mutáveis padrões do emprego em diferentes setores, considera que o mercado de trabalho é um dos muitos mercados de produtos em que se inscrevem nas vidas dos indivíduos, que precisa ser acompanhado, observado e calculado nas atividades da vida individual.

Em Alain Touraine, buscou-se a visão crítica das lutas feministas e da representação que as mulheres têm delas mesmas e de seu lugar na vida social e também a abordagem que faz sobre a cultura, como novo paradigma, muito importante neste século. A importância da leitura de Touraine está vinculada à sua produção, em especial na obra *Un nuevo paradigma para compreender el mundo de hoy* em que discute o novo paradigma do século XXI vinculado a globalização das comunicações, as mudanças na economia e a necessidade de um novo paradigma devido à importância que os problemas culturais adquiriram, o que segundo Touraine (2006, p.13) exige que o pensamento social se organize em torno deles. A instalação do paradigma cultural coloca em primeiro plano as reivindicações dos direitos culturais, que se expressam sempre pela defesa de atributos particulares, conferindo a eles um sentido universal. Mesmo não sendo o feminismo sua produção mais significativa, em suas obras mais recentes tece análises sobre o movimento feminista. É importante considerar também a produção resultante da pesquisa realizada com mulheres que se compõe de 60 entrevistas de duas horas cada uma com mulheres de todo o mundo, em 2004 e 2005, na qual as mulheres se definiram como mulheres e não como vítimas.

O trabalho voluntário, como papel benevolente da mulher e a mudança das pessoas para os subúrbios, onde as mulheres se tornaram mães e donas de casa em tempo integral, reforçando a divisão de tarefas entre os sexos é explicada por Lasch, questão também tratada por Mitchell ao se referir à ideologia burguesa e a movimentos sociais que fortalecem o papel social de homens e mulheres, definindo-os como naturais.

Os longos silêncios e as dificuldades nas entrevistas fizeram com que fosse procurado apoio em Walter Benjamin, em sua Linguagem do Silêncio.

As bases da Geografia Cultural se alicerçaram fundamentalmente, na

leitura de Paul Claval, e Don Mitchell e também nas obras e autores estudados nas aulas e seminários do Programa de Pós – Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, que oportunizaram o conhecimento de uma outra realidade, vista pelos olhos de estudiosos e teóricos envolvidos e produzindo sobre Geografia Cultural.

As abordagens e estudos de gênero, de sua performatividade, da construção das espacialidades femininas basearam-se em Judith Butler, Linda McDowell e Joseli Maria Silva, cuja contribuição foi fundamental para o entendimento das questões de gênero na Geografia.

Em Serge Moscovici buscou-se o entendimento de representações sociais e na hermenêutica de Paul Ricouer a possibilidade de entender a articulação entre representações sociais e linguagem.

Buscou-se em Moscovici as bases, o entendimento das representações sociais, retrocedendo brevemente a Durkheim.

Em todos os autores consultados e estudados, buscou-se a visão comum de mundo e do homem, que se constrói na relação dialética com o contexto em que vive, com a sua cultura, com os signos e com a linguagem procurando entender como a representação social do gênero define ou influencia posturas e decisões.

Nos autores citados buscou-se as bases epistemológicas que explicam que as pessoas se constroem em determinado contexto, no seu fazer cotidiano, construindo espacialidades conectadas à cultura local que se manifesta em seus discursos e está expressa em suas representações. A pesquisa qualitativa e a utilização das técnicas de entrevista e relatos foram consideradas como o melhor caminho para obter os dados para o estudo do objeto de pesquisa construído.

2.1 Durkheim e a teoria clássica das representações

As bases clássicas da teoria das representações estão definidas em Durkheim[3] que pode ser considerado como um pioneiro na reflexão sobre as representações.

Para Durkheim, tanto a vida mental do indivíduo como a vida coletiva são feitas de representações, que partindo do indivíduo agem sobre o corpo e o espírito afetando as representações presentes e passadas que o constituem.

As representações que partem da individualidade dos homens ganham uma nova existência na vida social, destacam-se do indivíduo e criam uma existência independente em relação ao seu substrato.

Na passagem do individual ao coletivo, elas são vistas como dotadas de relativa autonomia, compondo um agregado simbólico superior. É das relações que os indivíduos estabelecem, que decorrem as representações coletivas, ou seja, a vida representativa só existe a partir da reunião de indivíduos. As experiências coletiva e individual (esta em menor grau) atuam no processo de constituição da vida representativa.

Para Durkheim, uma sociedade não é simplesmente constituída pela massa dos indivíduos que a compõe, pelos movimentos que eles realizam, mas antes de tudo, pela ideia que ela faz de si mesma. Este aspecto cognitivo da sociedade torna-se, ele próprio, um fato social por meio do qual a sociedade elabora e expressa sua realidade.

Os fatos sociais influenciam e condicionam as atitudes e comportamentos dos indivíduos na sociedade. Os fatos sociais são reais, objetivos e são constituídos por relações sociais exteriores aos indivíduos e que perduram no tempo. Possuem um poder coercitivo que se impõe ao indivíduo, independentemente de sua vontade individual, portanto o indivíduo sente, pensa e age condicionado por uma realidade social maior, a sociedade ou a classe.

As representações coletivas são concebidas como formas de consciência que a sociedade impõe aos indivíduos.

---

[3] Émile Durkheim (1858-1917) é considerado um dos pais da sociologia moderna. Foi o fundador da escola francesa de sociologia, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica. É reconhecido pelos conceitos de coesão social, consciência coletiva e fato social.

2.2 Moscovici e as representações sociais

A partir de 1961, com a elaboração da teoria das representações sociais proposta por Serge Moscovici[4] a noção de representação social ganha outra dimensão, abandonando a distinção entre sujeito e objeto.

Moscovici que possui uma vasta obra, doze livros individuais e quatorze que ele organizou, tem influenciado estudos e pesquisas, tanto na Europa como nos Estados Unidos e no Brasil.

Desde o final dos anos 1950, Moscovici preocupa-se com os mesmo temas como o processo social de produção do conhecimento, a definição de sociedade e as representações sociais.

> Moscovici não se interessou em compreender apenas como o conhecimento é produzido, mas principalmente em analisar seu impacto nas práticas sociais e vice-versa. Interessou-se no poder das ideias de senso comum, isto é, no estudo de como e porque as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como elas transformam ideias em práticas.
> (OLIVEIRA, 2004, p.181).

A teoria das representações sociais proposta por Moscovici possibilita o estudo do senso comum, considerando o sujeito não como um ser puramente racional, mas entendendo inseparáveis na construção do conhecimento, o senso comum, o sujeito, o objeto e a sociedade:

> O que eu denominei de senso comum pós-científico é como todo conhecimento partilhado pela sociedade como um todo, entrelaçado com nossa linguagem, constitutivo de nossas relações e de nossas habilidades. É um conjunto estruturado de descrições e explicações, mais ou menos interligadas umas às outras, da personalidade, da doença, dos sentimentos ou dos fenômenos naturais que todas as pessoas possuem, mesmo que não estejam cientes disso e que elas usam para organizar sua experiência, para participar de uma conversação, ou para negociar com outras pessoas. Ele é Umgangsdenken (pensamento cotidiano) associado com Umgangssprache (linguagem coloquial,) sem o quais a vida do dia a dia é inconcebível (MOSCOVICI, 2003, p. 202)

As representações podem ser entendidas como universos simbólicos que

[4] Serge Moscovici foi o primeiro a introduzir o conceito de representações sociais na psicologia social contemporânea. Explica ele que uma psicologia social do conhecimento estuda o como e porque as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como elas transformam ideias em prática, numa palavra, o poder das ideias é o problema específico da psicologia social.

emergem a partir da experiência dos homens no mundo, sendo construídas e ganhando sentido em contextos relacionais específicos.

A inovação na teoria proposta por Moscovici está em apresentar a representação como construída coletivamente a partir das comunicações interpessoais e intergrupais, surgindo de uma necessidade do sujeito em harmonizar suas falas e atitudes com as da sociedade.[5]

Isso faz com que a representação social tenha um caráter fluído e possa ser modificada pela criatividade do sujeito e por sua possibilidade de mudança da vida social, podendo existir diferentes representações sociais dentro do mesmo grupo.

A grande diferença entre a teoria durkhemiana e a teoria proposta por Moscovici é que na primeira a ênfase está na reprodução do pensamento enquanto que na segunda considera-se o movimento, a mudança.

> Nós mesmos vemos as representações sociais se construindo por assim dizer diante de nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem nenhuma transformação. Mesmo quando a mudança afeta o sentido, os conceitos, as imagens, ou a intensidade e associação das crenças no seio de uma comunidade, ela é sempre expressa em representações (MOSCOVICI, 2003, p.205)

As mudanças na sociedade acontecem pela capacidade que os grupos possuem de manter conflitos, tensões, e de negociá-los, criando novas conformações de poder entre si. É um processo de circulação de informações e

> O efeito dessas conversações e debates é reforçar, identificar e levar à efeito toda a ideia, ou item, de conhecimento circulante na sociedade, tanto novos como velhos (MOSCOVICI, 2003, p.353).

Para Moscovici, a representação social se constitui de duas faces indissociáveis: a face figurativa ou imageante, que corresponde ao objeto, e a face simbólica, que corresponde ao sentido atribuído ao objeto pelo sujeito, ou

[5] As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam , se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, de um gesto, ou duma reunião no nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossa relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância , do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica (MOSCOVICI, 2003, p.10).

seja, o entendimento é que não existe representação sem objeto. Toda representação é construída na relação do sujeito com o objeto representado, não é mero reflexo do mundo externo na mente, ela vai além do trabalho individual do psiquismo, emerge como um fenômeno colado ao social.

Da configuração estrutural das representações sociais, Moscovici caracteriza os processos formadores das mesmas. São eles: a objetivação e a ancoragem.

A objetivação corresponde à função de duplicar um sentido por uma figura, dar materialidade a um objeto abstrato, naturalizá-lo, corporificar os pensamentos, tornar físico e visível o impalpável, transformar em objeto o que é representado. Isso acontece quando o sujeito recorta uma parte das informações circulantes sobre determinado objeto, descontextualizando-as de seu enfoque original. Os recortes feitos são esquematizados em torno do núcleo figurativo, que reproduz de forma imaginante uma composição conceitual. Este esquema passa a ser visto como dotado de realidade, como uma verdade e não como é propriamente, uma construção mental.

Um exemplo de objetivação que pode ser utilizado é a comparação de Deus a um pai. Ao fazê-lo, materializamos o abstrato, passando a tratá-lo com naturalidade, familiaridade.

Ancorar é duplicar uma figura, dar a ela um sentido. A ancoragem corresponde à classificação e denominação das coisas estranhas, ainda não classificadas nem denominadas. Consiste na integração cognitiva do objeto representado a um sistema de pensamento social preexistente. Ancorar é encontrar um lugar para encaixar o não-familiar, é pegar o concreto e lhe atribuir um sentido.

Esses dois processos constituem as formas específicas das representações sociais estabelecerem mediações, trazendo para o nível quase material a produção simbólica de uma comunidade e dando conta da concretude às representações sociais na vida social.

Embora sociais e historicamente localizáveis, as representações individuais e coletivas podem guardar um sentido geral que ultrapassa a

sociedade que as viu nascer, sentido esse chamado de themata.

As ideias, embora cotidianas e sociovariáveis, podem também ser universais, porque elas preexistem à vida, são um ambiente social e cultural, tem certa autonomia e se descolam da estrutura social e material. Themata é o nome utilizado para descrever o conjunto dos pensamentos ambiente, relativamente autônomos e descolados da estrutura social. As ideias individuais ou coletivas teriam como pressuposto outras ideias sociais (OLIVEIRA, 2004, p.185).

A temática ligada às representações sociais também integra as discussões de Paul Ricouer.

2.3 Paul Ricouer e a construção das representações

A dinamicidade, a complexidade e o movimento que caracterizam o universo de representações e sua estreita articulação com a experiência que se realiza através da linguagem, podem ser percebidos em Paul Ricouer. Considerado por muitos o maior hermeneuta da atualidade, postula pela decifração dos sentidos ocultos nos signos aparentes, preocupando-se com a interpretação do ser, que se faria pela dissolução das ilusões da consciência e da restauração do sentido.

A proposta contida na formulação da hermenêutica crítica de Paul Ricouer compreende uma teoria não alienada dos aspectos sociais, históricos e culturais, bem como dos valores aí existentes. Fora de um contexto histórico, axiológico e cultural é impossível conceber e proferir juízos e é no contexto que as pessoas são capazes de interpretar, até porque essas interpretações retornam ao próprio contexto, transformando-o.

Para Ricouer não há isenção axiológica, uma vez que não se pensa e não se fala de um lugar não-ideológico, que é inexistente. Todas as sociedades desenvolvem a sua cultura como um elemento essencial para a sua constituição e esta cultura é permeada de ideologias.

A relação com o vivido permite o esclarecimento da existência, mediante

conceitos. E neste sentido esclarecer a existência é elucidar seu sentido.

A busca da extração e da interpretação do sentido funda-se na análise rigorosa da vontade humana.

> A vontade precisa ser estudada em si mesma. Seus componentes essenciais são o projeto, a execução e o consentimento. Isso implica a correlação do voluntário e do involuntário. Porque querer é projetar um mundo, - apesar ou contra os obstáculos. Querer também é projetar uma intenção que, pelo consentimento, converte-se em necessidade "sofrida" e retomada pelo consentimento (RICOUER, 2008, p. 08).

Na concepção de Ricouer, o homem não é um simples meio entre o ser e o nada. A intermediariedade do homem consiste em operar mediações entre contrários ou relativos, construir representações.

O homem não cria o real, ele o recebe como uma presença e toda a visão é um ponto de vista, o mundo é o horizonte de todo o objeto que só é percebido em parte, porque há possibilidades infinitas de captá-lo.

É pela linguagem que se diz, que se fala das coisas em sua ausência, a palavra transcende todos os pontos de vista, o símbolo leva a pensar.

A linguagem é feita de tal forma que o poder de dizer, de significar, de exprimir ou de comunicar pode realizar-se em registros tão diferentes quanto o conhecimento científico, a poesia, a expressão mítica, a formulação religiosa, o conversar do cotidiano e é pela interpretação das falas que pretendemos perceber como é redescoberta a realidade das pessoas ouvidas.

Em sua obra Tempo e Narrativa, Ricouer discorre sobre sua tese fundamental que é a de que a narrativa é que torna acessível a experiência humana do tempo, o tempo só se torna humano através da narrativa

Estabelece como bases dois horizontes filosóficos radicalmente diferentes, o capítulo XI do livro Confissões de Santo Agostinho e a Poética de Aristóteles, afirmando que embora as diferentes temporalidades e concepções, cada uma delas gera a imagem invertida da outra.

Para solucionar os enigmas do tempo que aparecem na obra de Santo Agostinho, Ricouer propõe a partir do texto aristotélico, sua teoria da tríplice mimese.

A discussão filosófica estabelecida por Ricouer (2010, vol. 1, p.10) em A intriga e a narrativa histórica[6] ajuda a entender a construção das representações e o papel da experiência nesse processo.

O estágio inicial do percurso evidencia que a ação das pessoas se realiza a partir de um mundo previamente constituído através da linguagem, os sujeitos agem em função de um universo cultural existente constituído de valores, normas e representações. São esses processos que articulam a experiência inteira.

É possível pensar a mimese como representação e pela via de entendimento do seu processo de constituição entender como ocorre a apreensão da experiência do mundo através da linguagem.

Ricouer tem como um de seus objetivos constituir a mediação entre a narrativa a partir dos três estágios da mimese.

Os três estágios que apresentam uma configuração narrativa podem ser pensados como se segue.

Mimese I - o mundo anterior ao texto – é o mundo prático ainda não explorado pela atividade mimética, ainda não narrado. É o momento da pré-configuração do mundo que condiciona a relação entre o mundo do produtor e o mundo do texto e permite entender o agir humano;

A mimese II - o mundo do texto tem a função de mediação entre o antes e o depois da configuração (concordância-discordância). É a fase da configuração da intriga, em que a linguagem é utilizada para a conformação dos sentidos no texto.

É uma construção particular e Ricouer destaca dois traços que caracterizam o ato configurante: a esquematização e o tradicionalismo.

A esquematização é realizada através da imaginação produtora que sintetiza e ordena os elementos pré-configurados, o que acontece a partir da tradição.

Há um jogo entre inovação e sedimentação, caracterizando a tradição que não é um lugar estável; comporta mudanças a partir da imaginação e das inovações que podem ocorrer a partir da mimese II.

A transição entre as mimeses II e III é operada através do ato de leitura,

[6] Ao se referir à intriga aristotélica, Ricouer diz que a análise aristotélica estabelece a preponderância da concordância sobre a discordância .

concluindo-se no ouvinte ou no leitor o percurso da mimese.

Na mimese III – o mundo do leitor – a narrativa alcança seu sentido pleno quando é restituída ao tempo do agir e do padecer. Marca a inserção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou leitor.

Há um percurso que parte do mundo da vida, ainda não narrado, passa pela configuração da trama e encontra o mundo da vida do leitor.

A completude do processo é:

> Não apenas que alguém tome a palavra e dirija-se a um interlocutor, é também que ambicione levar à linguagem e partilhar com outro uma nova experiência. É essa experiência que por sua vez tem o mundo como horizonte (RICOUER, 2010, p.132).

Ricouer enfatiza o movimento dinâmico que caracteriza o processo de constituição das representações: uma em relação às outras e estas em relação ao mundo. Partindo de um mundo pré-figurado, a representação se configura através da combinação de sentidos de um texto, que se oferece como um mundo a ser lido pelo leitor.

Segundo Ricoeur é fundamental que se entenda esses termos, o *mythos* e a mimese como processos ou operações e jamais como estruturas fixas (RICOEUR, 2010, p. 57). Enquanto que a composição ou tessitura de intrigas já é, por si só, uma atividade, a mimese também deve ser entendida como algo dinâmico, como a arte de produzir ou representar.

Na proposta de Ricouer há uma estreita identificação entre os dois termos. Apesar de reconhecer que na Poética predomina a ideia da mimese, como termo englobante, não dissociará um conceito do outro. E isso porque, segundo ele, não é possível identificar a representação da ação, a mimese, com uma mera réplica da realidade. Não se trata, portanto, mesmo quando se imita, de uma cópia, pois, sempre há, nesse ato, uma atividade produtora. Pelo contrário, é preciso pensar juntos:

> A imitação ou a representação da ação e o agenciamento dos fatos. Está excluída de início, por essa equivalência, toda interpretação da *mimese* de Aristóteles em termos de cópia, de réplica do idêntico. A imitação ou a representação é uma atividade mimética enquanto produz algo, a saber, precisamente a disposição dos fatos pela tessitura da intriga.[...] a *mimese* de Aristóteles tem só um espaço de desenvolvimento: o fazer humano, as artes de composição (RICOEUR, 2010, p. 61).

Há um entrelaçamento entre os dois conceitos que determina a imprescindibilidade de um com relação ao outro, já que a mimese não se limita a imitar ou representar. Tanto a tessitura da trama quanto a atividade mimética são compreendidas como empreendimento humano, como um fazer, como um criar que, mesmo quando imita, já produz algo. E é por isso que os conceitos são interdependentes. Se pretende-se imitar uma ação, desde o início já elabora -se uma disposição desses atos, e ao imitar nunca se faz como uma simples cópia, pois aí também há algum tipo de criação.

A mimese deve ser compreendida como uma atividade produtora. Ao se traduzir mimese por imitação, deve-se entendê-la como imitação criadora e se ela for traduzida por representação, é preciso não pensar em representação duplicada, mas em abertura para a ficção. (RICOUER, 2010, p. 82).

O universo simbólico que marca a vida social não existe de modo independente dos sujeitos, o início de instauração de uma representação ocorre a partir da afetação que um dos elementos do mundo exerce sobre os indivíduos, os quais agem dele. É nesse processo que sujeitos, mundo e representações se afetam e se modificam reciprocamente.

Nesse sentido, é possível afirmar que o fluxo de significações que configura os três estágios miméticos, que constituem as representações, acontece a partir de interações que caracterizam a experiência humana e ao mesmo tempo instituem novas experiências, em um movimento dinâmico que marca o mundo intersubjetivo.

2.3.1 O entendimento de mimeses em Platão e Aristóteles

Aristóteles utiliza o termo com sentido inteiramente diverso de Platão. Para Platão, as artes condenáveis são aquelas reguladas pela mimeses, e a mimeses é entendida como imitação. Uma poesia, para Platão, é mimeses. O poeta representa o mundo sensível, que por sua vez é cópia da Ideia imutável, que constitui a realidade. Este sentido negativo de mimeses – imitação, simulacro -, tal como é empregado por Platão, foi a tradução do termo que se consolidou na tradição filosófico-literária ocidental. Aristóteles[7], porém, dá ao termo um caráter positivo e uma importância maior, a ponto do termo, que é apenas mais um no vocabulário platônico, se tornar um conceito no interior da *Poética*. Os conceitos de mimeses (traduzido por imitação) e katharsis (traduzido por purgação, purificação) serão as peças fundamentais que estruturam a definição de tragédia no capítulo III da *Poética*: "É pois a tragédia imitação de um caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamento distribuídas pelas diversas partes do drama, imitação que se efetua não por narrativa, mas mediante atores, e que suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação destas emoções". A mimeses do poeta trágico não faz dele um mero imitador ou plagiador, como em Platão. O imitar aristotélico das ações é uma criação pois resgata o mundo nos mesmos moldes pelos quais ele se produz, e isto se dá pelo intermédio do próprio mundo, portanto para Aristóteles a mimeses é ativa e criativa. Contrapondo a teoria das representações de Moscovici e a proposta de Ricouer em Tempo e Narrativa é possível perceber aspectos comuns e similares: as bases fundadas na fenomenologia, a não separação entre o sujeito e o objeto, a construção das representações que ocorre pela experiência do mundo (o senso comum) que os indivíduos experienciam e a construção de novas representações que agem sobre o mundo vivido, ancorando novas experiências, criando um mundo intersubjetivo, que se modifica a cada nova experiência.

Para o entendimento das espacialidades femininas em Roça Velha, além da base teórica de Moscovici e Ricouer é necessário também fundamentar o

[7] Nota sobre o conceito de mimeses e katharsis na Poética de Aristóteles. Disponível em http://www.consciencia.org. /aristoteles_poetica.shtml de autoria de Miguel Duclós.

estudo nos princípios da geografia cultural, que é abordada sinteticamente, a seguir.

A perspectiva da Geografia Cultural possibilita a interpretação da realidade a partir das relações dos grupos, em especial o do universo definido para a pesquisa, com o ambiente e pela compreensão das formas de organização do espaço contemporâneo e como o mesmo é afetado pelos dinamismos culturais, porque como afirma Claval (1999, p.421) as singularidades da nossa época não são absolutas, inscrevem-se na história complexa das relações entre espaço e sistemas estruturados de informação.

Deve-se também à possibilidade do entendimento das representações de mulheres, situando-as em seu contexto social e espacial e pela busca de entendimento de como são construídas as suas territorialidades.

As abordagens feitas pela sociologia ou pela história, na maioria das vezes, não se aprofundam nas questões da territorialidade que são objeto de estudos da geografia cultural.

Para entender sua importância e representatividade no universo atual dos estudos de geografia é necessário fazer um breve recorte histórico.

3 A ÓTICA DA GEOGRAFIA CULTURAL

A Geografia Cultural pode ser considerada como uma perspectiva da Geografia Humanista e tem raízes na Geografia Tradicional em geógrafos como Ratzel, La Blache e Sauer. Surge como uma virada à geografia positivista e possui várias abordagens, propõe uma reflexão sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição. Não é desse modo, uma ciência da Terra em seu objetivo final. Ela se entrosa com as humanidades e ciências sociais no sentido de que todas compartilham a esperança de prover uma visão precisa do mundo humano. Procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar.

A partir do final da década de 1960, ocorreram mudanças na concepção referente aos estudos humanistas, com o surgimento de críticas à concepção neopositivista na ciência e à inclusão de aportes fenomenológicos e críticos que culminaram numa nova Geografia Cultural.

> A renovação da geografia cultural não deixou de lado o passado, mas privilegia o presente ou o passado recente. Mas o que é mais importante ressaltar não é o recorte temporal mas a análise dos significados que são ou foram atribuídos á espacialidade humana. Pois, repita-se, a abordagem cultural está precisamente centrada nos significados que os diversos grupos sociais constroem relativos à espacialidade passada, do presente e mesmo do futuro (CORREA, 2009).

A geografia cultural clássica, de acordo com Claval, começa a perder força após os anos 1950, 60 e 70. Isso ocorreu por conta de três fatores principais.

O primeiro foi o fato de se considerar cada vez mais incoerente “falar das culturas sem tratar das representações, das opiniões ou das crenças” (CLAVAL, 1999, p. 61), ou seja, dos aspectos não-materiais da cultura.

O segundo aspecto refere-se aos sucessivos progressos técnicos e a diminuição da diversidade dos utensílios e equipamentos, sobre a qual o conceito de cultura utilizado pela geografia clássica apoiava-se. Isso se deu, em

grande medida, pela difusão do capitalismo aos mais remotos lugares da terra, processo por alguns chamado de “mundialização” ou “globalização”.

E por fim, o conceito de gênero de vida perde sua credibilidade, pois a cidade, mais importante do que nunca durante este advento de uma sociedade dita por alguns, “pós-moderna”, diversifica-se, tornando-se lugar da heterogeneidade e da diferença, dessa forma, uma “nova geografia cultural” parece estar sendo gestada.

O início dos anos 80 foi marcado por um intenso debate teórico que provocou uma grande fragmentação da geografia norte-americana. Envolvendo autores ligados à geografia humanista o debate se caracterizou pela recusa a explicações paradigmáticas para a disciplina e pela busca de alternativas para as explicações positivistas que predominaram por muito tempo como perspectiva teórica.

Os neopositivistas se envolveram no debate preocupados com a fragmentação da estrutura epistemológica da geografia, o que no seu entendimento poderia prejudicar o progresso da mesma.

A proposta de aproximação da geografia humanista surgiu com COSGROVE, em 1983 que propõe uma geografia cultural radical considerando que:

> Uma geografia humanista toma a cultura como o centro de seus objetivos: compreender o mundo vivido dos grupos humanos. Uma geografia marxista precisa reconhecer que o mundo vivido, ainda que simbolicamente constituído, é material e não deve negar sua objetividade. O mundo vivido não é um mero produto de uma consciência humana libertada , mas é precisamente o encontro coletivo do sujeito com o objeto, da consciência com o mundo material. Sustentar a dialética da cultura e da natureza sem deslizar para o idealismo ou para o materialismo reducionista é o problema teórico central do materialismo histórico. E, portanto, da construção de uma geografia marxista (COSGROVE apud HOLZER, 1992, p. 389).

O artigo Novos Rumos da Geografia Cultural (1987) de Denis Cosgrove e Peter Jackson pode ser considerado um marco na renovação da Geografia Cultural norte-americana, que tinha como metas: contextualizar com base na teoria, o presente e o passado, os aspectos sociais e culturais, as áreas rurais e urbanas; entender a contingência como elemento fundamental para a

inteligibilidade da cultura; transformar as ideologias dominantes e as formas de resistência em objetos de investigação.

A análise dos múltiplos significados da paisagem não deve ser considerada único tema importante para a nova geografia. Novos horizontes temáticos com forte conteúdo político, envolvendo questões sociais, podem e devem ser explorados pelos geógrafos culturais.

As metas propostas por Cosgrove e Jackson seriam concretizadas pela pluralidade temática do periódico *Ecumene*, que surgiu na década de 1990 e que foi dirigido pelo primeiro por seis anos.

Para a Nova Geografia Cultural o termo chave é o significado por permitir uma análise não positivista da realidade social.

A imaginação, considerada como o que dá significado ao mundo, permite que o ser humano inicialmente realize as transformações que condicionam sua existência na natureza. É através de metáforas que a imaginação atribui novos significados aos diversos aspectos naturais e sociais da realidade. Não pertence apenas aos sentidos, como vínculo com a natureza e nem ao intelecto como separação dela. Seu trabalho não é totalmente reprodutivo e nem produtivo; porque a mesma desempenha um papel simbólico, capturando dados sensoriais sem que eles sejam reproduzidos como imagens miméticas e fazendo uma metamorfose, pela sua capacidade metafórica de gerar novos significados.

Merece destaque também James Duncan, que discute os aspectos fundamentais que emergiram após o debate estabelecido entre as vertentes velhas e novas da geografia com suas diferenças de métodos e temas. Duncan afirma a existência de uma pluralidade de caminhos possíveis: a geografia cultural passa a ser vista a partir de uma heterotopia epistemológica.

> A geografia cultural não se constitui em um subcampo caracterizado por uma uniformidade epistemológica, presa a uma ortodoxia. A partir de 1980 torna-se nitidamente claro que a geografia cultural pode ser definida como uma heterotopia, uma mistura de gêneros. Nesta heterotopia epistemológica ora estão justapostas, ora combinadas, matrizes distintas e posições individualizadas (CORRÊA, 2009)[8]

[8] O artigo Contribuições sobre a Geografia Cultural escrito por Roberto Lobato Corrêa pode ser encontrado em http://www.ihgrgs.org.br/Contribuições/Geografia_Cultural.htm

Sobre a contribuição de Duncan à Geografia Cultural, Silva afirma;

> A geografia proposta por Duncan (1990) e seus pares da Nova Geografia Cultural é uma abordagem aberta aos paradoxos, à pluralidade e, em certa medida, provoca a 'desordem' do discurso geográfico baseado na objetividade material do espaço e nas interpretações hegemônicas. O rico contexto de efervescência imaginativa da Nova Geografia Cultural potencializou as produções geográficas feministas que emergem a partir de 'fissuras' do pensamento hegemônico desde a década de 70. Mas é no contexto recente, a partir dos anos 90, que esta corrente 'científico-política' realiza importantes críticas à postura repetitiva da geografia, enquanto disciplina acadêmica, sua instrumentalização na manutenção e reprodução do poder e invisibilidade de vários grupos que compõem o espaço (SILVA, 2009, p.138).

Na obra The city as text a ideia da cidade como um texto parte do estudo de Duncan a respeito do Reino de Kandy no Sri Lanka do início do século XIX. Para consolidar o poder da monarquia, o monarca promoveu uma série de grandes obras reformulando a paisagem do reino de acordo com textos míticos. A paisagem foi assim escrita podendo ser lida dentro do contexto da reprodução dos textos fundadores.

Duncan concebe a cultura como um texto, a paisagem de Kandy não é simplesmente um texto desinteressado, mas ela comunica uma ordem social que se pretende solidificar através desta comunicação, torna-se portanto um discurso político da monarquia. Como texto a ser interpretado esse discurso pode ser lido de maneiras diferentes uma vez que a heterogeneidade do grupo social pode atribuir significados diferentes àqueles significantes da paisagem (SILVA, 2006).

Desta perspectiva, o conceito de intertextualidade pode ser entendido como se várias inter-relações de textos se cruzassem compondo a paisagem-texto. A cidade-texto de Duncan pode ser entendida como uma dinâmica relacional e processual entre sistemas de significados e práticas que se transformam mutuamente ao longo do tempo. As pessoas na cidade-texto são os sujeitos da mudança social e espacial e também são afetados por ela.

> As tensões e poderes são elementos de compreensão do espaço para além da materialidade, conforme o geógrafo James Duncan (1990) e *"The city as text"*. Ele considera a paisagem urbana como um sistema de significados a qual, tal qual a linguagem expressa em texto, é depositária e transmite informações. A "paisagem/texto" é um discurso, uma estrutura social de inteligibilidade dentro da qual todas as práticas são comunicadas, negociadas e desafiadas. Assim, os discursos estão sempre permitindo recursos e limites dentro de certas direções de pensamentos e ações que "aparentemente" são naturais. A pretensa naturalidade da ordem do mundo e, portanto, da dimensão espacial da sociedade, para James Duncan, é resultante de vários embates e lutas entre os grupos sociais (SILVA, 2009, p.137)

Afirma ainda:

> Os seres humanos são tanto agentes de mudança social e, portanto, espacial, quanto seus produtos. Ao considerar o aspecto da intertextualidade, o autor incorpora a construção de diferentes significados de um mesmo objeto assim como apresenta seus contrastes e assimilações e, além disso, admite que há uma conjugação de forças que age sobre a produção simbólica do espaço, assim considerada enquanto forma de conhecimento que orienta as ações cotidianas(SILVA, 2009, p.138)

No Brasil, o primeiro grande passo para os estudos humanísticos na Geografia foi a tradução dos livros Topofilia e Espaço e Lugar de Yi-Fu Tuan, uma iniciativa da professora Lívia de Oliveira no início dos anos 1980.

Entretanto, essas traduções surgiram numa época em que a Geografia brasileira assistia ao surgimento e fortalecimento de uma Geografia Crítica em detrimento da até então soberana Geografia Teorética, sendo esse um momento de crise, resistência e luta de duas fortes correntes paradigmáticas, deixando assim a Geografia Humanista às margens desse duelo e das produções acadêmicas.

Mesmo diante desse cenário de lutas entre as correntes do pensamento geográfico, é possível observar que há uma produção de trabalhos geográficos que se baseiam nos postulados da geografia humanista-cultural, e que, ainda que tardia se comparada às produções norte-americanas e europeias possui qualidade e aprofundamento teórico.

Portanto, a Geografia Cultural tradicional teve seu esgotamento provocado pela falta de reflexão sobre a cultura, que não levava em consideração as representações, opiniões e crenças dos indivíduos. Esse esgotamento pode estar diretamente ligado, segundo CLAVAL (1995) ao modelo em que essa Geografia Cultural estava estruturada, pois conforme o autor existiam quatro temas principais que norteavam essa abordagem: áreas culturais, a história da cultura no espaço, a paisagem cultural e ecologia cultural.

Esse olhar, sobretudo voltado aos aspectos materiais pode ter fornecido apoio para que as críticas à Geografia Cultural se acirrassem e a colocassem em descrédito por um longo período, ressurgindo na década de setenta com uma nova perspectiva, com um novo olhar sobre a abordagem cultural.

Nesta nova perspectiva, a Geografia Cultural apresentou-se renovada, num contexto pós-positivista, com consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica.

Com esse ressurgimento, as várias influências na Geografia Cultural apresentam-se de forma marcante, de um lado a influência daquela Geografia Cultural que a antecedia e de outro lado, a influência do materialismo histórico e dialético que vê na cultura uma dupla função: o reflexo do social e a condição social que segundo CLAVAL (1995) renovam-se com aparatos filosóficos dos significados, por meio das bases fornecidas pela geografia humanista de HOLZER (1996) que irá valorizar a experiência, a intersubjetividade, os sentimentos, a intuição e a compreensão daquilo que não se repete. A inclusão dessa abordagem na Geografia Cultural, da dimensão não material da cultura, é um elemento de diferenciação e simultaneamente de enriquecimento da mesma após 1970.

O cenário de mudanças sociais e mudanças nas ciências econômicas e sociais que se enriqueciam de novos conceitos pressionou os estudos de geografia para a reflexão de novas categorias que passam a compor o universo da chamada nova geografia cultural.

Assim para os estudos dos geógrafos, a cultura é rica de significados, por permitir respostas no plano ideológico e espiritual, ao problema do existir coletivamente num determinado ambiente natural, num espaço e numa

conjuntura histórica e econômica.

Novas temáticas vão sendo incluídas na discussão geográfica cultural ao mesmo tempo em que novas perspectivas vão sendo apontadas por outros autores tornando a gama de discussão ainda maior e não menos polêmica. As temáticas da religião, da percepção ambiental, da identidade espacial e a interpretação de textos (literatura, música, pintura e cinema) estão entre outras temáticas que emergiram ou foram retomadas. O espaço urbano passa a ser objeto de interesse pelos geógrafos culturais. Em realidade, a temática da Geografia Cultural amplia-se, assim como a sua renovação ainda não se esgotou.

Para pesquisar sobre a ampla gama de temas ligados à geografia cultural foram criados vários grupos no país, dentre os quais destacamos:

- o NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, criado em 1993, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cuja produção está centrada no estudo das relações entre espaço e cultura, vinculadas às linhas temáticas de espaço e religião, espaço e cultura popular e espaço e simbolismo. O NEPEC desenvolve estudos e pesquisas visando o resgate e o fortalecimento das referências culturais e históricas de festas populares e sua inserção na sociedade, além dos estudos vinculados à espaço e religião que marcam significativamente a produção do Núcleo.

- o GETE-UEPG - Grupo de Estudos Territoriais vinculado à Universidade Estadual de Ponta Grossa no Paraná, que desde 2003 vem desenvolvendo pesquisas e trabalhos buscando compreender as relações entre espaço, gênero e sexualidade.

- o NEER - Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, na Universidade Federal do Paraná, em 2004 que é fruto de longos debates e discussões referentes aos caminhos da Geografia Cultural entre pesquisadores da área e está vinculado à Rede NEER de âmbito nacional .

A Rede NEER tem procurado aprofundar as discussões temáticas, teóricas, metodológicas e práticas nos estudos de Geografia Cultural, Social e Humanística. Atualmente este grupo se transformou numa rede que conta com 26 membros que articulam pesquisa, extensão e atividades de ensino. Para consolidar as parcerias e contribuir ainda mais com os estudos culturais na

Geografia, o núcleo projeta colóquios bianuais, que já são considerados como marcos importantes da Geografia brasileira. Os colóquios se apresentam como oportunidades ímpares de divulgação dos estudos em Geografia Cultural e articulação de pesquisadores profissionais e estudantes de pós-graduação e graduação de todo o país. Tais eventos fortalecem o debate da Geografia e suas abordagens culturais no ensino e na gestão, fazendo-se necessários como oportunidade de atualização teórico-metodológica aos professores e gestores locais, além da comunidade acadêmica regional. Para a sociedade em geral, os colóquios procuram dar ênfase aos diferentes territórios de saber das diferentes expressões dos sujeitos e grupos culturais, valorizando a integração do saber científico a respeito das pluralidades referentes às outras racionalidades, contribuindo, assim, para a emergência de uma ciência mais democrática, ética e comprometida com as necessidades, as preservações e a estimulação das autenticidades de sentimentos humanos.

É importante também registrar a formação em 2006 da Rede de Estudos de Geografia e Gênero da América Latina (REGGAL) e a publicação do livro Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades organizado por Joseli Maria Silva, em 2009, que apresenta textos da organizadora, textos de pesquisas e dissertações de mestrado na área e trabalhos dos componentes da REGGAL.

As publicações e a formação de redes fortalecem a produção na área e dão visibilidade, além de permitir um debate científico sobre a temática.

Exemplo disso é o livro Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas cujos organizadores são Joseli Maria Silva, Marco José Ornat e Alcides Baptista Chimin Junior, lançado em 2011 que é uma produção coletiva do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) vinculado também à REGGAL.

Os temas propostos nas discussões atuais dentro do contexto brasileiro contemplam etnicidades e migrações, geografia das festas e das tradições populares, geografia da religião, do esporte, da paisagem urbana, da literatura, das culturas econômicas, do consumo cultural e das manifestações, da geografia do saber escolar, ambiental e de gênero.

Enfim, a Geografia Cultural não surge para dividir a geografia, mas como uma nova maneira de pensá-la. Ela ajuda a compreender de forma segura

como as pessoas e a sociedade se fazem, estudando os indivíduos na coletividade e a coletividade formada de ações individuais (CLAVAL, 1999).

Portanto a cultura, nos estudos que ocorrem em especial a partir dos anos 1970, tende a ser entendida como uma vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesmo, como uma visão de mundo que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço.

Os geógrafos culturais têm como objetivo descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural; as transformações produzidas pela existência dos homens no mundo da natureza e os significados que a cultura atribui a essa existência e à sua relação com o mundo natural

Pode-se afirmar que não existem o homem e a mulher naturais, pois os seres humanos são todos portadores de cultura.

Portanto, ao desenvolver o estudo das representações das mulheres de Roça Velha torna-se fundamental entender a dimensão histórica e cultural em que os fenômenos se manifestam ou os fatos ocorrem e qual o peso, a importância da dimensão cultural, o que é vivido e como está representado.

Neste sentido, o entendimento de que o cultural aparece como a face oculta da realidade que é ao mesmo tempo, herança e projeto podem ser observados no universo definido desta pesquisa.

Embora muito heterogêneo composto de habitantes não só de origem polonesa, o cenário deste estudo, Roça Velha, permite perceber traços dos antigos papéis de gênero, que influenciam os hábitos e as relações cotidianas das pessoas.

Especificamente no que diz respeito às mulheres mais jovens, as que se casaram com os proprietários de terras ou as que trabalham como domésticas ou caseiras nas propriedades, há um projeto, uma expectativa de uma vida mais “moderna”, mais urbana e independente.

A Sra. Regina, que trabalha como diarista e cujo marido é caseiro de uma propriedade, afirma no seu relato:

> *Estou fazendo autoescola, meu marido não gosta, diz que não vou passar mas eu vou em frente, não dou bola, sou eu mesma que pago as aulas, não sei se ele vai me deixar dirigir o carro quando eu tiver carteira.*

No espaço social, nos encontros que ocorrem nas casas ou na Igreja, há uma timidez, uma dificuldade em colocar-se, de algumas mulheres do local, que entendo como integrante da dimensão cultural na qual, estas mulheres estão inseridas, onde a figura masculina detém o conhecimento e o poder decisório, fazendo com que o espaço social seja essencialmente, uma noção subjetiva e cultural.

Mesmo sendo possuidoras de grandes áreas de terra, as mulheres do local não se consideram proprietárias e não utilizam ou exigem as facilidades da vida urbana, tais como máquinas de lavar roupa modernas ou outros eletrodomésticos e também não se sentem ofendidas ou discriminadas pelas afirmações masculinas.

Numa das propriedades que visitamos o Sr. Marcelo disse:

> *Construí uma área de lazer para minha esposa (eu pensei que fosse um estúdio ou espaço para exercícios) uma nova lavanderia equipada com tanque e uma máquina de lavar muito simples, para que ela possa se divertir e manter a forma.*

Em outra visita que realizamos, comentando sobre as facilidades da vida moderna, das possibilidades da utilização de máquinas para os serviços domésticos, ouvimos de um morador:

> *Aqui em casa temos a melhor máquina de fazer pão, não gasta luz e nem estraga, é maravilhosa e fortalece os braços da minha mulher que amassa o pão como ninguém, melhor do que qualquer uma das máquinas.*

Acredito que é nesse espaço de relações, marcadas ainda por um poder dominante masculino que a espacialidade das mulheres se constrói e que muito veladamente elas se rebelam e buscam uma espacialidade própria para uma maior independência, como no caso da Sra. Regina acima mencionada.

4 A GEOGRAFIA DE GÊNERO:UMA VISÃO PANORÂMICA

Na revisão de literatura sobre a temática feminismo, gênero e geografia, há um consenso de que é a partir dos anos 1970, que os movimentos sociais reivindicatórios de direitos iguais para mulheres, negros e homossexuais se intensificaram e transformaram lugares e mentalidades, alterando a dimensão cultural das relações sociais.

Esses movimentos que rompem os paradigmas e as conceituações tradicionais do entendimento do mundo provocam novas questões para as ciências humanas e sociais.

Especificamente, no que diz respeito às mulheres, a partir dos anos 1970, os estudos mostram que há uma significativa participação das mesmas em vários setores da vida pública, lutando pelos seus direitos e necessidades, denunciando as desigualdades sociais e participando de manifestações que tem como foco as relações de gênero.

O feminismo, como movimento social, é essencialmente moderno, surgido no contexto das ideias iluministas das ideias transformadoras da Revolução Francesa e da revolução americana e que se espalhou, em um primeiro momento, em torno da demanda por direitos sociais e políticos.

No seu surgimento, mobilizou mulheres de muitos países da Europa, dos Estados Unidos e, posteriormente, de alguns países da América Latina, tendo seu auge na luta sufragista, lembrando que no Brasil as mulheres passaram a ter direito ao voto em 1932.

Após um pequeno período de relativa desmobilização, o feminismo ressurgiu no contexto dos movimentos contestatórios dos anos 1960, a exemplo do movimento estudantil na França, das lutas pacifistas contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos e do movimento *hippie* internacional que causou uma verdadeira revolução nos costumes.

Ressurgiu em torno da afirmação de que o “pessoal é político”, pensado não apenas como uma bandeira de luta mobilizadora, mas como um questionamento profundo dos parâmetros conceituais do político, rompendo com os limites do conceito de *político*, até então identificado com o âmbito da

esfera pública e das relações sociais que aí acontecem.

Ao afirmar que o pessoal é político o feminismo traz para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado, base do pensamento liberal.

Na perspectiva do liberalismo, o conceito de público diz respeito ao Estado e às suas instituições. Já o privado se relaciona com a vida doméstica, familiar e sexual, identificada com o pessoal, alheio à política.

Ao utilizar essa bandeira de luta, o movimento feminista chama a atenção das mulheres sobre o caráter político da sua opressão, vivenciada de forma isolada e individualizada no mundo do privado, identificada como meramente pessoal (COSTA, 2006, p. 52)[9]

A influência mais marcante para essa mudança de paradigma parece ter sido a descoberta do político no âmbito do cotidiano, o que levou a um questionamento sobre as transformações da sociedade, o funcionamento da família, o papel da disciplina e das mulheres, o significado dos fatos, lutas e gestos cotidianos.

Também é possível afirmar que o movimento feminista impulsiona uma maior participação das mulheres nos escritos acadêmicos, especialmente, a partir da segunda guerra mundial, em função de um conjunto de fatores que têm dado visibilidade às mulheres, mediante sua conquista de novos espaços.

Como primeiro fator pode ser considerada a maior presença feminina no mercado de trabalho, inclusive nas universidades, associada à expansão da luta das mulheres pela igualdade de direitos e pela liberdade, numa conquista do espaço público que derivou da afirmação dos movimentos feministas.

Outro fator é a discussão dos paradigmas das ciências sociais que levou, entre outros aspectos, ao questionamento das universalidades, permitindo a descoberta do outro, da alteridade, dos excluídos da história e entre eles mais de 50% da população mundial, as mulheres.

Isso instigou os interessados na reconstrução das experiências, vidas e expectativas das mulheres nas sociedades passadas, descobrindo-as como

[9] O texto Movimento Feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política escrito por Ana Alice Alcântara Costa está publicado em Olhares Feministas.

objeto de estudo.

As novas tendências de abordagem histórica, sociológica e antropológica emergentes possibilitaram uma abertura para os estudos sobre a mulher, ao ampliarem áreas de investigação e ao renovarem a metodologia e os marcos conceituais tradicionais, apontando para o caráter dinâmico das relações sociais e modificando os paradigmas.

Possibilitaram a reorientação do enfoque histórico, com o desmoronamento da continuidade, o questionamento de abordagens globalizantes do real, de corte neopositivista e em geral centrada nos estudos das elites e dos heróis masculinos, permitindo também o questionamento da universalidade do discurso nas ciências sociais.

Tiveram como preocupação abrir trilhas renovadoras, desimpedidas de cadeias sistêmicas e de explicações causais, criar possibilidades de articulação e inter-relação, recuperar diferentes verdades e sensações, promover a descentralização dos sujeitos históricos e permitir a descoberta das histórias de gente sem história, procurando articular experiências e aspirações de agentes aos quais se negou lugar e voz dentro do discurso histórico convencional.

Nessa perspectiva, o tema da mulher passou a atrair os cientistas sociais desejosos de ampliar os limites de suas disciplinas, de abrir novas áreas de pesquisa e acima de tudo de explorar as experiências históricas de homens e mulheres cuja identidade foi tão frequentemente ignorada ou mencionada apenas de passagem.

Assim, num leque de várias correntes de interpretações, procurou-se recuperar a atuação das mulheres no processo histórico, enquanto sujeitos ativos, de modo que as imagens de pacificidade, ociosidade e confinação ao espaço do lar vêm sendo questionadas, descortinando-se esferas de influência e recuperando-se testemunhos femininos.

4.1 Gênero: a construção de uma categoria de análise

Em função das próprias transformações sociais nas reivindicações dos movimentos feministas é que surge o gênero enquanto categoria de análise.

Para a construção desta nova categoria importantes contribuições foram dadas pela arqueologia dos discursos de Foucault, pela proposta de desconstrução de Derrida, pela historiografia das mentalidades e até mesmo pela psicanálise de Lacan. Esses pensadores tiveram ressonância entre estudiosos do tema da mulher e dentro do movimento feminista, propiciando a emergência das pesquisas em torno do gênero, que convergiram com uma nova tendência historiográfica e geográfica: a história cultural e a geografia cultural.

Segundo Paul Claval :

> O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõe ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica (CLAVAL, 2002, p.20).

O estudo das relações de gênero integra as análises sociais contemporâneas e procura demonstrar que todo fenômeno social tem uma dimensão de gênero.

A construção do sujeito é uma prática de gênero que se manifesta na centralidade que a cultura dá à definição de cada uma das pessoas, a partir dos primeiros momentos de vida, designando-as como homem ou mulher.

Teóricos contemporâneos como Alain Touraine, Peter Berger, Linda Mc Dowell, Joseli Silva argumentam que as diferenças de gênero são construções socioculturais que em épocas diferentes adquirem maior ou menor importância simbólica e geram práticas sociais diferenciadas.

Na medida em que as práticas sociais de homens e mulheres começam a ter mais convergência, também as atitudes, as posturas e as linguagens vão se aproximando mais.

A postura desafiadora adotada por homens e mulheres para ocupar os

lugares tradicionais definidos pela sociedade, embora deixem menos visíveis as fronteiras identitárias, não as fazem desaparecer, apenas tornam-se mais complexas em sua compreensão.

O conceito de gênero permite compreender que não são as diferenças dos corpos de homens e mulheres que os posicionam em diferentes âmbitos e hierarquias, mas sim a simbolização que a sociedade faz delas.

Sobre a temática, Silva afirma:

> A concepção da construção social que transforma fêmeas e machos humanos em homens e mulheres considera os gêneros masculino e feminino como papéis desempenhados socialmente. Dessa forma, o conceito de gênero nega a construção universal das diferenças sexuais e implica a análise temporal e espacial na configuração das relações sociais, envolvendo uma perspectiva relacional, já que as mulheres são concebidas na sua relação com os homens. Essa concepção avançou no campo da geografia, incorporando as análises geográficas da produção capitalista e da reprodução social à dimensão das relações de gênero, que são mediadas pelas diferentes escalas espaciais (SILVA, 2009, p.35).

Assim, gênero é o conjunto de ideias que uma cultura constrói do que é ser homem ou ser mulher e este conjunto é o resultado de lutas na vivência cotidiana, conforme explica Veleda da Silva (2008).

É também um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos, é a maneira primordial de significar relações de poder, conforme Veleda da Silva[10].

O comportamento é instituído culturalmente por relações de poder e compreendendo que a cultura é construída permanentemente numa relação entre indivíduo e sociedade torna-se difícil entender as relações de poder porque as mesmas permeiam as práticas e gestos mais insignificantes do corpo.

A categoria gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens.

Essa categoria, o gênero, vem procurando dialogar com outras categorias das ciências sociais já existentes, mas foi é usado como sinônimo de

[10] **A Perspectiva Feminista na Geografia Brasileira**., publicado nos anais do I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico que ocorreu em Uberlândia em 2008.

mulher, já que seu uso teve uma acolhida maior entre os estudiosos deste tema.

A categoria gênero é considerada mais neutra e objetiva, do que o feminismo, seu uso também pode ser visto como uma faceta que busca dar legitimidade acadêmica por parte dos estudiosos do tema.

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados.

Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são, portanto uma forma primária de relações significantes de poder.

Tendo entre suas preocupações evitar as oposições binárias fixas e naturalizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, através de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas.

Os estudos de gênero têm se mostrado como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstituir experiências excluídas. Nesse sentido, aproximaram-se particularmente da psicologia e da antropologia, influências que sem dúvida favoreceram a ampliação de áreas de investigação histórica.

Assim, gênero se refere às diferenças geradas social e culturalmente entre o masculino e o feminino, e o termo sexo refere-se às diferenças biológicas entre homens e mulheres.

A abertura dos estudos históricos, geográficos e de outras ciências sociais para as abordagens de gênero vem colocando várias questões em relação a fontes, método e explicação.

A construção de um conhecimento dialético no campo dos estudos de gênero tem buscado recuperar a historicidade das relações entre os sexos, desvendar suas características, estabelecer relações e articulações entre

amplas dimensões.

Por outro lado, a variedade de novas abordagens também renova os olhares sobre o passado, incorpora a diversidade e a multiplicidade de interpretações, abrindo o campo para análise de expressões culturais, modos de vida, relações pessoais, redes familiares, étnicas e de amizade entre mulheres e entre mulheres e homens, seus vínculos afetivos, ritos e sistemas simbólicos, construção de laços de solidariedade, modos e formas de comunicação e de perpetuação e transmissão das tradições, formas de resistência e lutas até então marginalizadas nos diferentes estudos, propiciando um maior conhecimento sobre a condição social da mulher, estudada também pela geografia de gênero.

Recentemente emergiu uma discussão teórica trazida por Alain Touraine em seu livro O Mundo das Mulheres, publicado em 2007, resultado de pesquisa realizada com mulheres de diversas origens, dentre as quais, mulheres muçulmanas.

Com a pergunta: Será que as mulheres querem extinguir as mulheres? o autor aborda as questões vinculadas à dominação masculina, a imagem de inferioridade, a violência e as diferenças entre homens e mulheres e a construção da ideia de gênero, na tentativa de superação da inferioridade feminina no universo masculino, trazendo para o bojo da discussão a construção da ideia de gênero na perspectiva da dominação masculina.

Respondendo a algumas críticas que recebeu após a publicação da obra Touraine argumenta que na nova orientação de nossas sociedades, que é a dimensão cultural, era necessário fixar-se nos atores da reconstrução, que para ele são as mulheres, que em épocas anteriores foram privadas da subjetividade, foram consideradas como não-atores sociais e definidas mais por suas funções do que por sua competência.

Falando desta mudança afirma:

> A contrapartida que faz das mulheres as atrizes sociais mais importates é que a ação destas mulheres não é um movimento social, como havia sido num passado ainda recente o movimento feminista. Consciência feminina e mutação social não são mais separáveis e as mulheres constituem um movimento cultural antes que um movimento social (TOURAINE, 2007, p. 191).

Devido a fragilidade social da ideia de gênero nos anos 1960, outras teorias ocuparam o cenário. No período, após os anos sessenta, sob forte influência neomarxista, ocorre uma unificação de todas as lutas e o movimento ou frente de mulheres estaria organizado prioritariamente para combater o capital. No contexto do discurso marxista as lutas específicas das mulheres tendem a desaparecer, perdendo-se na ênfase dada ao combate ao capital.

Dentre as feministas que aprofundaram as análises à luz de outras teorias, pode-se destacar Judith Butler que difundiu o movimento *queer,* ao criticar as categorias de homem e de mulher dando a elas uma forma radical.

> [11]*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. A política *queer* está estreitamente articulada à produção de um grupo de intelectuais que, ao redor dos anos 90, passa a utilizar este termo para descrever seu trabalho e sua perspectiva teórica. Ainda que esse seja um grupo internamente bastante diversificado, capaz de expressar divergências e de manter debates acalorados, há entre

[11] Citação extraída do texto **Teoria Queer – uma política para a educação** escrito por Guacira Lopes Louro e publicado na Revista Estudos Feministas, n. 9, v 2,Florianópolis, 2001.

> seus integrantes algumas aproximações significativas. Os *queer* constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/elas compartilham alguns compromissos amplos em particular, apóiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; põem em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentradora ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes. As condições que possibilitam a emergência do movimento *queer* ultrapassam, pois, questões pontuais da política e da teorização *gay* e lésbica e precisam ser compreendidas dentro do quadro mais amplo do pós-estruturalismo. Efetivamente, a teoria *queer* pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação.

Segundo Silva:

> O pensamento acadêmico *queer* se desenvolve imbricado com o movimento que lutava pela liberdade sexual, questionando o caráter conservador do movimento homossexual, que excluía sua diversidade interna. O protagonista era o homem branco, homossexual, de classe média alta que obscurecia a luta de não-brancos, travestis, transexuais, etc.. Os pensadores *queer* elaboraram também questionamentos sobre a organização das hierarquias sexuais, que tornam invisíveis determinadas vivências (SILVA, 2009, p. 98)

Ainda segundo Silva, na Geografia a influência do pensamento queer está expresso em obras de geógrafas (os) como Gillian Rose, Linda McDowell, Nigel Thift, Jon Binnie, Gill Valentine, Clare Lewis, Steve Pile e David Bell, entre outros.

A discussão proposta pelos estudiosos de gênero, destacando as questões vinculadas à performatividade de gênero, possibilita a inclusão dos diversos atores sociais, contestando as hierarquias sociais dominantes, dando visibilidade aos grupos com diferentes práticas sociais.

Partindo da crítica de que o conceito de gênero perpetuava a dominação masculina, surgem na década de 90 perspectivas desconstrucionistas do conceito de gênero, na sua visão dual, entre as quais está Judith Butler, que

argumenta contra os determinismos em torno dos significados construídos culturalmente e inscritos nos corpos anatomicamente diferenciados de homens e mulheres.

A compreensão de gênero, segundo a mesma, deve ir além das categorias restritivas baseadas na dualidade macho/homem e fêmea/mulher porque essa visão simplista impossibilita as alterações sociais, considerando-se que o próprio conceito operado pelas teorias feministas ainda cultiva as concepções bipolarizada e oposicional circunscritas nos universos femininos e masculinos. (SILVA, 2009, p. 41)

Segundo Judith Butler:

> Se os atributos de gênero não são expressivos mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos de gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero foras das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2010, p. 201).

Afirma ainda:

> O gênero é um “ato”, por assim dizer que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantasístico (BUTLER, 2010, p. 211).

Touraine, também tece uma crítica ao movimento feminista dizendo que ao invés de levar a avanços efetivos faz com que haja recuos. A busca de uma sociedade unissex ou o determinismo social das condutas femininas prejudicaram uma ação autônoma das mulheres.

> Eu sou ambivalente como todo mundo, digamos, como em geral são-no as feministas em relação ao conceito de gênero. O gênero foi criado pelas categorias dominantes, que definem a mulher como um ser que não tem poder. Nossa cultura criou um polo de inferioridade e depois inventou a mulher como sua figura central. Se você usar esse conceito de gênero como protesto é muito positivo. "Eu sou mulher, minhas palavras não são minhas, são do amo". Mas, ao mesmo tempo, se quisermos entender movimentos de libertação e a ação autônoma das mulheres, precisamos ir além do gênero. É por isso que eu digo "sujeito", de um lado, e "sexo", de outro; quando se associa "sexo" a "sujeito", torna-se "sexualidade". Falando de sexualidade, você pode até certo ponto ir além dessa dependência fundamental que está inscrita no conceito de gênero. Por isso que Judith Butler questiona o conceito de gênero: porque as mulheres precisam ir além de gênero. E não é só isso: acho fascinante que tantas autoras rejeitem o dualismo homem-mulher, ou homossexual-heterossexual. Acho que fundamentalmente elas têm razão; é necessário ir além desses dualismos, que em si só são formas de hierarquização e inferiorização (ADELMANN, 2004).

Ainda segundo Touraine, os princípios da pesquisa feminista foram abalados com a publicação em 1999 do livro The power of feelings de Nancy Chodorow psicanalista e psicóloga feminista que encontrou o sentido da complexidade da experiência vivida e das emoções que um determinismo social havia tentado rechaçar, dando especial destaque aos sentimentos. Para ela a análise da cultura requer, por definição, a análise da construção das emoções na constituição da pessoa. A autora propõe uma nova psicodinâmica multiparental para a família onde as crianças poderiam ser dependentes de pessoas de ambos os sexos assim estabeleceriam uma noção individual do ego em relação a ambos. Dessa forma, a masculinidade não ficaria amarrada à negação de dependência e desvalorização da mulher. Argumenta que os comportamentos sociais tradicionais que envolvem a maternidade, o fato de se atribuir à mulher o cuidado dos filhos não são naturais mas sim resultado de valores e práticas sociais que são interiorizados nas primeiras relações da criança com as pessoas que a cercam sobretudo com a mãe. Esses processos dão origem a comportamentos que se perpetuam e são responsáveis pela divisão não igualitária dos papéis sexuais e pela consequente dominação masculina.

> O comportamento e as características da personalidade adulta são determinados, mas não biologicamente deterministas. Entretanto, culturalmente, a personalidade e o comportamento esperados não são simplesmente “ensinados”. Mais exatamente certas características da estrutura social sustentadas por crenças, valores e percepções culturais, são interiorizados através das relações objetais sociais

> primárias da criança e da família. Essa organização inconsciente ampla é o contexto no qual se dá o treinamento de papéis e a socialização intencional (CHODOROW apud FONTES, 2011).

Os aspectos vinculados às emoções e aos sentimentos que haviam sido considerados como elementos de fraqueza na luta pela igualdade que ocorria no movimento feminista passam a perder força e volta-se a ver a mulher como um sujeito dotado de sentimentos e emoções que em nada diminuem sua capacidade.

Na mesma época em que o movimento feminista se manifesta nas outras ciências há também produção na Geografia

Sobre a mudanças na Geografia, Silva afirma:

> Dentre os vários movimentos sociais emergentes nos anos 60, o movimento feminista, notadamente aquele reconhecido como a "segunda onda" foi fundamental para a inspiração da ação de geógrafas que iniciaram um movimento interno à geografia nos anos 70, sob a perspectiva de três objetivos principais: construir a igualdade entre homens e mulheres no âmbito da disciplina; centrar as investigações geográficas sobre as mulheres e desafiar as filosofias, conceitos e metodologias que sustentavam a hegemonia da geografia masculina, conforme afirma o WGSG (SILVA, 2009, p.27)

Geógrafas inglesas, americanas e canadenses assumiram o compromisso político de desenvolver estudos teóricos sobre gênero e também de buscar a promoção das mulheres nas instituições acadêmicas e científicas.

4.2 Uma panorâmica da geografia de gênero

Os primeiros estudos de geografia de gênero estão inseridos no contexto maior da dinâmica social, que na década de oitenta está voltada aos estudos da área urbana e a dimensão da vida cotidiana, razão pela qual o pioneiro estudo cartográfico realizado pela geógrafa canadense De Koninck, trata da distribuição do emprego masculino e feminino na região de Quebec. Nele a autora constatou que o confinamento das mulheres aos mais baixos escalões

dos setores de emprego onde eram admitidas, tinha uma contrapartida espacial.

O debate teórico metodológico da geografia de gênero foi fortemente influenciado pelo coletivo de geógrafas *Women and Geography Student Group* (WGSG) do Instituto Britânico de Geografia e da revista anglo-americana Antípode.

O WGSG publicou em 1984 o livro *Geography and Gender: an introduction to feminist geography* considerado um marco na discussão da temática.

No início da década de oitenta a revista Antípode, de Leeds, Inglaterra, publicou o número Mulher e Meio Ambiente trazendo para o debate as questões teóricas da geografia urbana, capitaneada por geógrafas.

Também em 1987 foi criado o *Study Group of Gender* vinculado ao *International Geographic Union (IGU*) com a finalidade de desenvolver e coordenar pesquisas, ampliando a discussão sobre a questão do gênero.

A partir da consolidação dos referencias na década de 1980 e ao longo dos anos 1990 as publicações não se restringiram mais aos veículos de língua inglesa, surgindo escritos em espanhol e português, conforme explica Maria Franco Garcia.

Em 1997 WGSG publicou a obra *Feminist Geographies: Explorations in diversity and difference* com a finalidade de apontar os avanços das pesquisas na área e também abordar os conceitos de espaço, lugar e paisagem.

Na busca pelos estudos de gênero já realizados é possível destacar o Departamento de Geografia da Universidade Complutense de Madrid, aonde a pesquisadora e professora Ana Sabaté Martinez vem consolidando e divulgando os estudos de geografia de gênero, introduzindo-os em todos os níveis do estudo e pesquisa acadêmicos.

O Departamento de Geografia da Universität Autônoma de Barcelona (UAB) no qual atua a pesquisadora e professora Maria Dolores Garcia Ramón, que é também coordenadora do Grupo de Estudos de Geografia e Gênero, é outra das referências consideradas, por suas perspectivas histórico – geográficas.

Para entender os caminhos percorridos na construção de uma geografia de gênero, buscou-se referências nas pesquisadoras mencionadas.

Para Ana Sabaté Martinez, a geografia feminista é aquela que incorpora as abordagens teóricas do feminismo à explicação e interpretação dos fatos geográficos.

Atualmente, é possível afirmar que a geografia de gênero vai além da denominada geografia das mulheres na qual simplesmente se estudavam as mulheres sem levar em conta a construção social do gênero.

Ao analisar o papel da mulher na investigação geográfica diz que a crítica ao neopositivismo na geografia levou a um crescente interesse pelas desigualdades sociais, ao uso do espaço e ao comportamento de grupos distintos da população, tendências que se desenvolvem especialmente no âmbito científico anglo-saxônico, especialmente britânico.

> El interes por la mujer se enmarca dentro de esta tendência, que, al coincidir cronologicamente com los planteamientos del pensamento feminista está produciendo uma creciente investigación geográfica acerca de la mujer , aunque com notable retraso respecto a otras ciências sociales (SABATÉ MARTINEZ, 1984).[12]

O tema da mulher pesquisadora na comunidade científica de geógrafos foi trabalhado por Zelinsky (1973) revisado por Bermann (1977), Rubin (1979) e de novo, Zelinsky com Monk e Hanson recolocaram a questão em 1982 com o artigo *"On not excludinghalf of the human in human geography*" publicado no periódico *The Professional Geographer.*

Linda Mc Dowell (1979) faz um estudo semelhante nas universidades britânicas, comparando a participação feminina no ensino e na pesquisa e Aurora Garcia Ballesteros (1982) faz uma breve análise histórica, única abordagem desta questão realizada na Espanha, na época em que o trabalho de Sabaté Martinez foi escrito.

---

[12] O interesse pela mulher se encaixa nesta tendência que coincide com os questionamentos do feminismo e produz uma crescente investigação geográfica acerca da mulher, mesmo que com significativo atraso em relação às outras ciências sociais (tradução nossa).

O balanço comum de todos estes estudos é que a participação da mulher nas áreas docentes e de pesquisa universitária fica muito abaixo do número de mulheres que estudam e pesquisam de forma isolada, sendo a diferença de sexos cada vez mais pronunciada quanto mais se ascende nas categorias profissionais universitárias.

Outras pesquisas realizadas tratam basicamente de três aspectos: a mobilidade, o trabalho e os níveis de bem-estar.

No que se refere à mobilidade a ênfase é nas investigações que tratam das diferenças de mobilidade entre as donas de casa e as mulheres trabalhadoras e entre a população masculina. O tema se baseia, na maioria das vezes, na aceitação da divisão de funções segundo o sexo, onde o trabalho é uma atividade basicamente masculina e as compras, são consideradas como uma atividade feminina.

Podem ser citados neste grupo Jeanne Fagnani (1977) que estuda a mobilidade na área metropolitana de Paris, G. Giuliano (1979) que estuda a utilização dos transportes públicos e Helena Lopata (1980) que estuda as mulheres de Chicago. Há também estudos como os de Susan Hanson e P. Hanson (1977) que investigam homens e mulheres trabalhadoras e John Everitt (1974) que desenvolve um estudo realizado em Los Angeles com um grupo de casais das classes média e média alta e conclui que há uma relação entre o tempo e a mobilidade, porque a maior mobilidade e conhecimento da cidade é a dos homens, em seguida a das donas de casa e por último a das mulheres trabalhadoras porque devido ao acúmulo de atividades e a carência de tempo sua mobilidade e conhecimento da cidade ficam reduzidos.

Outro estudo realizado é o de Jacqueline Tivers (1977) que analisa a mobilidade relacionada a mulheres que têm filhos pequenos, devido à dificuldade de se separar deles e a dificuldade de deslocamento utilizando-se de transportes públicos.

As conclusões obtidas por esse grupo de estudiosos são coerentes, mesmo que as pesquisas tenham sido realizadas em países diferentes: a mulher utiliza preferencialmente os transportes públicos, a mobilidade é escassa pela ausência de relações externas da dona de casa, a mobilidade da mulher

trabalhadora está fortemente limitada pela falta de tempo, as mulheres têm menor conhecimento da cidade e suas condutas espaciais são mais limitadas que as dos homens de igual nível socioeconômico.

Outros estudos desenvolvidos também demonstraram que o reduzido acesso da mulher trabalhadora a um veículo próprio e a falta de adequação do sistema social e familiar à situação da mulher trabalhadora, restringiram seu tempo para as atividades de lazer e atividades sociais sendo os finais de semana utilizados para os afazeres domésticos.

No aspecto trabalho, destacam-se as pesquisas realizadas por Susan Mackenzie (1980) que desenvolve o tema da mulher como elemento de reprodução de mão de obra em uma cidade industrial britânica; de A. G. Ferguson (1977) que trata do tema da participação laboral da mulher analisando as tendências e a evolução do emprego feminino e Jane Lewis (1983) que analisa o incremento dos postos de trabalho feminino em um dos novos centros, próximo a uma zona mineira tradicionalmente carente de opções de trabalho para a mulher.

Um estudo importante é o realizado por Irene Bruegel (1977) que investiga o problema da utilização da mulher como mão de obra de reserva e que é muito mais vulnerável em períodos de crise econômica.

Há também estudos desenvolvidos por Mingasson e Moureau-Pougy na França (1976) Howe e O" Connor (1982) na Austrália e Raya Sarawasti (1982) na Índia .

O que se percebe é que a contribuição ao tema do trabalho no período estudado é muito pequena, considerando-se que o trabalho é um dos elementos de maior diferenciação entre a população masculina e feminina.

No aspecto bem-estar, a investigação de Joey Helms (1974) sobre as mulheres idosas dos Estados Unidos é um dos estudos relevantes por tratar de um grupo de pessoas marginalizadas nos estudos de geografia. Baseado na ideia da deterioração econômica e social que sofre este grupo populacional nas cidades americanas devido ao aumento de expectativa de vida, com ganhos muito reduzidos, o que o relega a bairros degradados, com uma possibilidade de mobilidade muito pequena devido a carência de recursos financeiros,

incapacidade física e insegurança o que os priva de contatos sociais e familiares, o tema é de uma grande riqueza porque pode ser aplicado a grupos populacionais semelhantes, em várias cidades.

Os teóricos que realizam estudos de gênero afirmam que no mundo anglo-saxônico os termos geografia feminista e geografia de gênero são intercambiáveis, ou seja, equivalentes; ao passo que em países latinos a geografia feminista tem uma conotação mais militante (pelo seu caráter ideológico) e a geografia de gênero mais acadêmica, como explica Sabaté Martinez.[13]

Quanto ao estudo da mulher na geografia, o maior volume de artigos refere-se aos questionamentos gerais acerca do enfoque a ser estudado. Podem ser incluídos estudos de caráter histórico-retrospectivo como o de Alisson Hayford (1974) que analisa a aquisição dos conceitos de espacialidade e pertencimento local no homem e na mulher através do tempo, partindo da sedentarização do gênero humano com a aparição da agricultura.

A maioria desses trabalhos partem da exposição do caráter "invisível" que uma metade da humanidade teve para os geógrafos Tivers (1978) ; Monk e Hansosn (1982).

Pode-se também incluir neste grupo a série de trabalhos que se centraram nos conceitos de lugar e espaço referidos à mulher Foord (1980); Loyd (1976 - 1977); Mackenzie (1980) Mc Dowell (1979) ou ao homem e mulher comparativamente .

Quanto ao ensino da geografia, o número bastante elevado de artigos que trataram deste tema deve-se à publicação de um número monográfico da revista *Journal of Geography* em 1978 dedicado exclusivamente a este tema. Foram desenvolvidas duas linhas de análise diferentes: em primeiro lugar são explicadas detalhadamente algumas experiências de cursos desenvolvidos nas universidades americanas que versaram exclusivamente sobre o estudo da mulher em geografia (Deathrage-Newsom; 1978; Gunderson, 1978;Loyde Rengert, 1978; Wilkinson, 1978).

O outro grupo de trabalho concentrou seu interesse na necessidade de

[13] MARTINEZ, A. S. **La mujer em la investigacion geográfica**. Anales de Geografia de la Universidad Complutense, n 4 . Ed. Univ. Complutense, 1984.

um ensino de geografia não sexista, que ministre aos alunos tanto a informação do homem como da mulher e que não considere cristalizada e inquestionável a divisão do trabalho em função do sexo e da oportunidade desigual de acesso à educação. (Larimore; Lee; Libbee e Libbee; Monk (1978) Mackenzie e Rose (1982).

No que se refere ao feminismo e geografia, a abordagem teórica mais completa procede do campo do feminismo onde uma série de pesquisas preocupou-se em analisar as abordagens que a ideologia feminista utiliza para a explicação de determinados comportamentos espaciais, como a competência pelo domínio do espaço em zonas urbanas.

Para a autora estudada a maioria destes trabalhos podem ser considerados estruturalistas e são proposições em nível teórico, sendo muito raros os trabalhos empíricos que incorporam a teoria feminista como fator explicativo dos processos analisados (pode-se citar apenas o trabalho de Mackenzie em 1980).

Pelo seu caráter pioneiro, cabe destacar os artigos de Bruegel (1973) e Burnett (1973) que fazem uma revisão profunda nos modelos urbanos positivistas a partir de uma perspectiva feminista e criticam com dureza a ascensão destes modelos de uma função segundo o sexo que não se questiona, ideia seguida também por alguns geógrafos marxistas como Harvey.

As principais abordagens procedem do grupo de trabalho *"Women And Geography*" do Instituto de Geógrafos Britânicos que através da Revista Área, de diversos colóquios e pesquisadores independentes realizaram importantes abordagens neste campo como as de Bowlby, Foord e Mackenzie, Mc Dowell e Tivers.

Sobre a geografia feminista Mc Dowell afirma:

> La finalidad específica de una geografia feminista consiste em investigar y sacar a la luz la relacion que hay entre las divisiones de gênero y las divisiones espaciales, para descubrir cómo se constituyen mutuamente, y mostrar los problemas ocultos tras su aparente naturalidad (Mc DOWELL, 2009, p. 27)[14]

Referindo-se ainda ao gênero e a questão do espaço considera necessário examinar até que ponto os homens e as mulheres percebem de um modo distinto os lugares e os espaços e mostrar que tais diferenças fazem parte da constituição social tanto do lugar como do gênero.

Nesta perspectiva o espaço passou a ser um elemento importante para a compreensão das relações de gênero.

4.3 Um balanço da geografia de gênero no final do século XX

Outra contribuição importante é a realizada por María Dolors García Ramón em artigo denominado Gênere, Espai i Societat: Una Panoràmica De La Geografia Internacional a Finals Dels Any 90, no qual analisa a panorâmica internacional da geografia no final dos anos 90.[15]

Ao fazer um balanço da geografia de gênero no final do século XX apresenta a evolução dos diferentes paradigmas da geografia de gênero e sua repercussão internacional.

Afirma ela que na segunda metade dos anos setenta há uma tentativa de desenvolver pesquisas a partir de um marco teórico para compreender e não mais descrever as desigualdades entre homens e mulheres em relação ao espaço e ao entorno.

Boa parte dos esforços está concentrada no desenvolvimento de categorias marxistas de análise e as relações capitalistas vão se identificar com

---

[14] A finalidade específica de uma geografia feminista consiste em investigar e trazer à luz a relação que há entre as divisões de gênero e as divisões espaciais para descobrir como se constituem mutuamente e mostrar os problemas ocultos atrás de sua aparente naturalidade (Mc DOWELL, 2009, p. 27, tradução nossa).

[15] GARCÍA RAMÓN, M. D. **GÈNERE, ESPAI I SOCIETAT: UNA PANORÀMICA DE LA GEOGRAFIA INTERNACIONAL A FINALS DELS ANYS 90**. Cuadernos de Geografia-64-295.Valência, 1998.

a causa importante da desigualdade. Os estudiosos vão analisar as relações de gênero a partir de um marco conceitual mais amplo das relações sociais e vão explicar a subordinação das mulheres sobre uma base materialista, a da capacidade reprodutora.

Este enfoque vai ser muito importante na Grã-Bretanha, no grupo de trabalho sobre Gênero do Instituto de Geógrafos Britânicos, fundado em 1982 e que vai ter um papel central no desenvolvimento desta perspectiva. Pode-se afirmar que a geografia marxista dava mais ênfase ao estudo da esfera da produção do que a da reprodução – que é onde as mulheres são mais visíveis – porém também é possível afirmar que os geógrafos britânicos vão fazer um esforço muito importante para adaptar as categorias marxistas aos estudos de gênero.

Um dos grandes temas nos quais se concentraram os trabalhos desta linha é a análise da ocupação feminina. Nos trabalhos desenvolvidos foi possível constatar que a mão-de-obra feminina foi particularmente atraente para as empresas que buscavam espaço para os processos de trabalho pouco qualificado e mal remunerado a exemplo das atividades rotineiras e as mulheres foram uma fonte de mão de obra não especializada, barata, flexível e dócil.

O enfoque materialista e o conceito de classe vão resultar muito eficazes para a explicação da subordinação da mulher no mercado de trabalho em locais e épocas muito diferentes, tanto na Inglaterra dos séc. XIX e XX quanto na Grécia dos anos 70, em Portugal ou em Papúa – Nova Guiné em 1989.

A pesquisa sobre o trabalho feminino remunerado implicou em estudos sobre os vínculos entre o trabalho doméstico e sua nova situação no mercado de trabalho, levando assim, à exploração do conceito de patriarcado, conceito sobre o qual não se havia insistido num primeiro momento.

A posição frágil da mulher no mercado de trabalho ajuda a concentração e segregação da ocupação em setores determinados, geralmente muito pouco qualificados. É esta segregação que está na base da baixa qualificação e nos baixos salários que as mulheres recebem. Portanto, vai se destacar o papel essencial que leva ao “household” (afazeres domésticos) na perpetuação do sistema sócio-espacial; é defendido pelos estudos de gênero um enfoque

integrador entre o mundo do trabalho e o mundo do lar que permita recuperar um conceito mais amplo de trabalho que inclui não somente a remuneração (que tem valor de troca), mas também o trabalho invisível, que também tem valor e é crucial para a sobrevivência do sistema social.

Este enfoque integrador é uma abordagem muito inovadora porque permite quebrar as barreiras tradicionais e artificiais, entre o que se poderia chamar de geografia de consumo, muito mais ligada à esfera da reprodução.

Alguns trabalhos permitem a apropriação da relevância metodológica da perspectiva integradora do lar e do trabalho possibilitando assim tornar “visível” o trabalho da mulher rural em geral, e em particular a mulher presa à exploração familiar, que não deixa de ser importante na maioria das regiões estudadas.

4.4 Geografia humanista, geografia de gênero e o debate pós-moderno

Ainda segundo García Ramón, a geografia humanista-cultural também vai influenciar a partir do final dos anos setenta os estudos de gênero nos Estados Unidos, dando ênfase ao papel que as experiências, sentimentos e percepções tem nas análises geográficas e que vão se concentrar nas análises do espaço privado, do espaço cotidiano e do espaço doméstico assim como a proximidade tradicional das mulheres ao espaço dito privado e dos homens ao espaço público.

Somente se vai dar ênfase à diversidade cultural das mulheres, a partir das contribuições da psicanálise, que afirma que o viés da compreensão e do conhecimento das mulheres é qualitativamente diferente do conhecimento dos homens e que algumas das abordagens tais como o privado e o público se aproximam um pouco de posições essencialistas.

Os conceitos de local e identidade em muitos dos trabalhos, estudam como as mulheres se identificam com o local, qual o valor do entorno, como expressam seus sentimentos sobre o local, que tipos de locais as mulheres criam e como a configuração dos locais leva em conta as mulheres.

Os estudos da paisagem também são fundamentais e examinam a

diversidade de respostas e experiências que as mulheres experimentam, segundo, por exemplo, a etnia, a classe e a idade.

São, portanto, trabalhos sobre paisagens e situações muito diversas, por exemplo, a comparação entre o valor do campo e do espaço aberto da cidade por parte dos imigrantes asiáticos em Londres e por parte dos ingleses brancos e o trabalho sobre paisagem desértica do sudoeste dos Estados Unidos no qual se coloca a questão das relações entre a paisagem em um contexto multicultural.

É possível constatar que se amplia o conceito tradicional de paisagem geográfica, tradicionalmente a paisagem exterior passa a incorporar os âmbitos interiores, em particular o lar e assim pode apreender como as mulheres criam paisagens e expressam o sentir pessoal do local e da identidade.

Já na década de 90 o pós-modernismo e o pós-colonial ismo e a denominada nova geografia cultural são a base de muitas das discussões teóricas da geografia e, é possível afirmar que a geografia de gênero foi a pioneira na introdução do debate pós-modernista na geografia.

A geografia feminista e o pós-modernismo compartilham uma visão crítica do pensamento ocidental e das pretensões totalizadoras e universais e não acreditam na existência de um conhecimento real que seja universal, neutro, objetivo e produto exclusivo da razão e da lógica. Desta perspectiva metodológica todas as categorias de análise vão se desconstruir e vão se adaptar aos diferentes locais e circunstâncias.

Como exemplo, pode-se citar o conceito de classe social que necessitou se adaptar a contextos culturais muito diversos, aqueles em que havia relações patriarcais de tipos muito diferentes. Assim foram se incorporando as ideias da teoria da diversidade e as novas posições teóricas convidam ao estudo da complexidade das experiências da vida das mulheres, e não só da mulher, também convidam a combinar nas análises a dimensão de gênero que é aplicável tanto às mulheres quanto aos homens, considerando as diferenças que podem ser de etnia, de classe social, de sexualidade ou de nacionalidade, afirma García Ramón (1998, p.5)

A discussão sobre a diferença e o significado da linguagem e o contexto impulsionaram a geografia de gênero a colocar a questão da identidade e da representação, temas de destaque da geografia do final do século XX.

Também foram abordados temas da sexualidade e da masculinidade e sua representação e um exemplo pioneiro desta linha é o trabalho sobre a política cultural da masculinidade e seus estudos sobre a construção social de gênero entre homens e mulheres em diferentes contextos históricos e regionais.

Cabe dizer que a nova geografia cultural e a pós-modernidade reavivaram o debate metodológico na geografia em geral e na geografia feminista em particular.

Em círculos feministas se afirmou que a investigação racional, quantitativa e objetiva está ligada à masculinidade e que a visão qualitativa e emocional está mais ligada à feminilidade. Porém, pode-se afirmar que a opinião atual mais aceita em geografia aponta provavelmente para o debate pós-modernista – que cabe deixar de lado as concepções dualistas e as aderências rígidas aos gêneros, que é necessário criar estruturas mentais novas que não seguem oposições porque o que mais importa ao escolher o método é o rigor da análise e os objetos de estudo.

Portanto, na geografia de gênero não existe um método feminista de análise, ela tem sido a pioneira na redescoberta recente dos métodos qualitativos na disciplina, fato que nas outras ciências sociais já aconteceu anteriormente.

Este viés observável a favor dos métodos qualitativos deve-se a diferentes fatores. Por um lado é certo que os métodos quantitativos estavam restritos a um modelo positivista de ciência, aos princípios do mesmo, neutralidade e objetividade são dificilmente conciliáveis ao projeto feminista. Por outro lado, os dados estatísticos, que estão na base destes métodos, não separam por sexo ou oferecem os matizes necessários para uma análise da perspectiva de gênero. Por exemplo, muitos censos nos dão informação sobre o trabalho remunerado e não sobre o denominado invisível, especialmente no que se refere às mulheres. Ao menos, todos os métodos qualitativos oferecem a possibilidade de estudar processos sociais pouco explorados e trabalhados,

como é o caso de muitos temas que são estudados de uma perspectiva de gênero.

4.5 A produção internacional no final do século XX

Na revisão da produção no período entre os anos 1980 e meados de 1990, García Ramón baseou sua investigação em artigos publicados em revistas geográficas acadêmicas e em resenhas de livros por serem um termômetro sensível das novas temáticas. A pesquisa foi realizada em 178 revistas publicadas em 23 países em 12 idiomas e a produção em língua inglesa continuou predominante; 35 publicações, mas já merecem destaque as publicações em espanhol e também há publicações em português, tais como o Boletim de Geografia Teorética e a Revista Geografia.

Quanto à autoria, em nível global 80% dos artigos e resenhas são assinados por mulheres, sendo que nas revistas em francês e nos países do mediterrâneo e do terceiro mundo as mulheres têm uma porcentagem muito alta de participação na autoria.

Também é possível afirmar que nas revistas dos países de língua inglesa o enfoque de gênero está muito mais estabilizado já que os artigos aparecem de forma continuada. As publicações de caráter monográfico estão muito ligadas à vontade política dos conselhos editoriais, trazendo a temática para revistas que não haviam publicado nada sobre a mesma.

As publicações analisadas pela autora podem ser agrupadas em grandes áreas temáticas tais como: teoria – conceitos e metodologia; o estado da arte; ensino; mercado de trabalho; temas urbanos; temas rurais; população e sexualidade.

No período de 1985 a 1996 o tema que mais se destaca é o dos estudos urbanos; com destaque também para o surgimento recente de novas temáticas como a sexualidade e a masculinidade que aparecem a partir de 1989 com muita força, bem como os de estudos de população que surgem na mesma época.

No grupo de revistas latino-americanas destaca-se fortemente a temática dos estudos urbanos e, sobretudo o subtema da participação da mulher nos movimentos sociais de base na cidade, há também ênfase em temas que refletem a realidade da vida política e social das cidades da América Latina.

Os artigos de temas rurais podem ser explicados pela forte tradição ruralista na geografia local dos países e também pela importância do mundo rural, nos estudos sobre local e contexto.

Os estudos sobre a mulher nas ciências sociais brasileiras não são muito antigos, sem retroceder muito, é possível citar a publicação, em 1969, de A Mulher na Sociedade de Classes, de Heleieth Saffioti que levanta a porcentagem de mulheres na composição da força-de-trabalho do setor industrial, abrindo pistas para se repensar a história da formação do proletariado no Brasil. À luz deste trabalho, alguns outros avançaram; as pesquisas, como a de Maria Valéria Junho Pena, de 1981, aprofundando-se sobre a presença das trabalhadoras no processo de industrialização brasileiro; o de Maria Alice Rosa Ribeiro, sobre as condições de trabalho nas indústrias têxteis paulistas; o de Esmeralda Blanco B. Moura, que trouxe importantes informações sobre a legislação trabalhista relativa às mulheres e às crianças.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, sob o forte impacto das renovações teóricas e temáticas, várias obras são publicadas. Maria Odila Leite da Silva Dias, em Quotidiano e Poder, publicado em 1984, assim como em Do Cabaré ao Lar e A Utopia da Cidade Disciplinar, de 1985, por exemplo, procurara resgatar a atuação das mulheres trabalhadoras pobres, desvitimizando-as e insistindo sobre sua capacidade criativa, nas múltiplas estratégias cotidianas de sobrevivência e de resistência social.

A ampliação do leque temático resultante possibilitou recuperar a presença das mulheres para além dos limites da classe trabalhadora, enriquecendo em muito o conjunto das informações disponíveis. Entretanto, é só mais recentemente que uma crítica incisiva ganha peso no interior da epistemologia feminista e do pós-estruturalismo, questionando a construção de uma “história de mulheres”.

Condenando o essencialismo que subjaz a estas concepções, que

privilegiam o conceito da identidade em detrimento do da diferença, afirma-se que as mulheres não vivem isoladas na sociedade como um gueto, mas que interagem em múltiplas relações sociais com o sexo oposto, e que, afinal, não se pode perder a historicidade da constituição cultural e social do próprio ser mulher e ser-homem, assim como dos significados culturais e simbólicos do feminino e do masculino (MATOS, Olhares Feministas, 2006).

Ainda na perspectiva internacional, o artigo escrito por Maria Julia Ferreira chamado Mulheres Geógrafas na História da Geografia Moderna, vinculada à Universidade Nova de Lisboa, além de destacar as geógrafas desde o século XIX, procura demonstrar a importância das mulheres na ciência geográfica.

Ao iniciar o artigo faz menção ao tema mulheres e a produção que existe na área, buscando não somente um recorte inovador na temática, mas também homenagear a Dra. Zília Osório de Castro.[16]

O artigo escrito por FERREIRA (2011) inicia-se com a referência ao século XIX onde destaca a luta das mulheres pelo seu reconhecimento e contra a exclusão social de que eram vítimas. Afirma que no século XX, as mulheres foram conquistando alguns lugares, que não correspondem à representatividade que têm nas diferentes áreas, especialmente no ensino superior. Mesmo tendo assumido cargos políticos, é com a paridade ou com as cotas que se pretende introduzir um equilíbrio, ou seja o processo de afirmação parece ainda não ser natural e espontâneo.

Ao abordar as mulheres na História da Geografia retrocede ao século XIX, mencionando a valorização da vida familiar, que estabelece para a mulher o papel de educadora como intrínseco à sua condição feminina, somente na segunda metade do século XIX a mulher começa a se afirmar nas letras e nas

[16] A Dra. Zilia Osório de Castro é professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Sua investigação se desenvolve na área de Estudos sobre as Mulheres e História das Ideias Políticas. Atualmente coordena a equipe de investigação Faces de Eva, que possui um periódico com o mesmo nome.

ciências.

Descreve a papel da Geografia no século XIX, fazendo menção entre outros à Kant, que ensinara Geografia durante 40 anos e salienta a necessidade da Geografia Antiga se modernizar, para não se tornar uma área residual do conhecimento. Questiona qual o papel das mulheres na Moderna Geografia no final do século XIX e como resposta destaca as consideradas pioneiras da Geografia Moderna.

Dá ênfase à Mary Somerville (1780 – 1872), revelando que a mesma além de seus conhecimentos matemáticos, traduziu a Mecânica Celeste de Laplace e publicou *Physical Geography*, obra que teve grande repercussão e da qual foram publicadas sete edições. Escreveu ainda *On Molecular and Mycroscopic Science e On the Theory off Differences*. Foi a primeira mulher a entrar para a Sociedade de Ciências de Londres, em 1835, mas apenas a título honorífico, por ser mulher. Foi o livro a *Physical Geography* que a tornou pioneira da Geografia Moderna. Ela criou a primeira faculdade para mulheres na Universidade de Oxford, que depois de sua morte passou a ter o seu nome.

Também como pioneiras podem ser consideradas Ellen Semple, Martha Krug-Genthe uma das primeiras a fazer doutorado em Geografia, em 1901 e apresentar um paper no Congresso Internacional de Washington em 1904 na seção de Geografia e Educação e Millicent Todd Brigham que apresentou um paper no Congresso Internacional de Geografia em 1931.

Martha Krug-Genthe e Ellen Semple foram durante 50 anos, as únicas mulheres num colégio de 48 elementos, da Associação de Geógrafos Americanos. A transição das pioneiras para as geógrafas profissionais foi feita por Marguerite A. Lefèvre.

Entre as difusoras da Geografia Moderna, Ferreira destaca Ellen Churchil Semple que conheceu o trabalho de Ratzel e após a leitura de seu livro *Anthropogeographie*, resolveu estudar Geografia em Leipzig, mas por ser mulher não pode inscrever-se regularmente, apenas assistir aulas. Foi professora em diversas universidades, publicou várias obras, visitou grande

parte da Europa, Ásia e África, escrevendo e fotografando as áreas que visitava. Difundiu as teses de Ratzel. No Brasil, Ferreira aponta Berta Maria Julia Lutz que foi membro da Sociedade Internacional das Mulheres Geógrafas e participou ativamente em diversas organizações científicas.

A autora ainda relata o papel das Associações de Mulheres Geógrafas na afirmação do papel das mulheres na Geografia Moderna, destacando a Sociedade das Mulheres Geógrafas (*SWG*) com um significativo número de mulheres associadas, mais de mil, unidas pelo interesse pela Geografia.

Muitas destas mulheres não puderam frequentar os congressos internacionais de Geografia, a não ser como acompanhantes e com um programa paralelo (programa para senhoras).

Segundo Ferreira, a afirmação profissional acontece a partir de meados do século XX, sendo Jacqueline Beaujeu-Garnier considerada como a primeira grande geógrafa profissional. O processo de exclusão das mulheres do universo científico fez com que não houvesse destaque e visibilidade das mulheres. Só nos anos 1970/80 é que as mudanças começaram a ser mais sensíveis, com destaque para o mundo anglo-saxônico.

Ao concluir, a autora pergunta: porque é que tantos nomes se reduzem a tão poucas referências femininas no interior da Geografia?

Encerra o artigo com uma reflexão a respeito da composição dos quadros de docência e investigação, nas universidades de Portugal, cujos dados são bastante semelhantes aos brasileiros, no que se refere à visibilidade das mulheres na Geografia.

4.6 O estado da arte no Brasil

Os estudos de geografia de gênero no Brasil, segundo Franco García, M (2004) representam uma área de conhecimento imprecisamente demarcada e de caráter interdisciplinar, ainda que venham se impondo e ganhando

autonomia na estrutura conservadora da universidade. Os núcleos de estudo e pesquisa sobre a temática que surgiram ao longo dos últimos anos, mesmo que sem caráter permanente, são prova do interesse dos estudos na área.

No levantamento realizado no banco de teses da CAPES e também nos indexadores da produção científica nacional há dados sobre a produção ligada à gênero ou feminismo classificados nas áreas de história, sociologia e antropologia, e muito poucos cadastrados como geografia de gênero ou feminista o que reforça o caráter interdisciplinar da produção.

Os trabalhos pioneiros na discussão da geografia e gênero são os das professoras Rosa Ester Rossini da USP e Marlene Maria da Silva da Universidade Federal de Pernambuco que coordena o Grupo de Estudo Mulher e Trabalho, segundo informa, Franco García.

Segundo Joseli Maria Silva, pesquisadora da área vinculada à Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. :

> No Brasil a produção de geografia e gênero é bastante incipiente, se comparada às demais ciências sociais. Um levantamento realizado na Plataforma Lattes do CNPq, aponta que o número de pesquisadores, além de reduzido, é disperso e não constitui uma rede de pesquisa. Expressiva foi a produção de Rosa Ester Rossini que desde a década de 80 vem sistematicamente pesquisando na área de geografia e gênero, com foco voltado para a exploração da força de trabalho feminina, tanto nas atividades rurais como urbanas (SILVA, 2004).

Recentemente, o gênero tem sido enfoque de várias teses de doutorado. Um trabalho voltado para a educação geográfica e gênero foi desenvolvido por Tonini (2002). Franco Garcia (2004) dedicou sua tese de doutorado à análise de gênero na luta pela terra no Pontal do Paranapanema e Silva (2004) realizou seu doutorado na área de trabalho informal e gênero.

Na área de espaço urbano e gênero tem sido interessante a produção do Grupo de Estudos Territoriais – GETE, que desenvolve estudos sobre a compreensão da pobreza urbana feminina e norteia uma rede de pesquisas em andamento.

Segundo estudo realizado por Veleda da Silva, a discussão sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho paulista é apresentada na tese Recessão e participação feminina no mercado de trabalho no estado de São Paulo defendida por Viana em 1989, na UFRJ. Ainda segundo a pesquisadora acima citada, nos anos 1990 os estudos dos geógrafos (as) introduzem novos temas como o urbano, a saúde e os estudos de população.

Os estudos se ampliam e multiplicam a partir dos anos 1995 com a criação de grupos de trabalho e estudos sobre as mulheres, mas ainda com forte ênfase nas questões relacionadas ao mundo do trabalho.

Importante trabalho sobre o estado da arte no Brasil foi o produzido pelo grupo de pesquisadores vinculado ao GETE publicado em 2009 na revista eletrônica Ateliê Geográfico, denominado Geografia e Gênero no Brasil: Uma análise da feminização do Campo Científico, no que fundamenta o texto que se segue.

O estudo analisa a presença feminina nas estruturas organizacionais da academia na área da geografia e a produção científica brasileira, observando o perfil feminino de elaboração intelectual e os temas relativos às relações de gênero ou mulheres.

O questionamento: por que os temas de gênero são pouco visíveis na geografia brasileira? fez com que os participantes do GETE – Grupo de Estudos Territoriais refletisse sobre o alcance da centralidade da perspectiva de gênero nas ciências sociais e a contraditória impermeabilidade da ciência geográfica a ela.

O estudo que tomou como base a geografia brasileira, evidenciou a recente feminilização da carreira docente e de pesquisa na área da Geografia, nas instituições de ensino superior.

Com um universo amostral constituído por 27 universidades de cada uma das unidades da República Federativa do Brasil, privilegiando as federais, com exceção da USP , os pesquisadores definiram alguns eixos de investigação.

No primeiro eixo levantaram dados sobre a estrutura docente e sua qualificação, a partir de informações fornecidas pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, pelo SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior e das chefias departamentais das

universidades selecionadas como amostra.

Neste eixo os pesquisadores investigaram a representação feminina na organização acadêmica na área da Geografia, constatando que em 2006, na área da Geografia havia 438 cursos com habilitações em bacharelado e formação de professores de Geografia, o número de concluintes destes cursos presenciais foi de 10.870 pessoas e o total dos atuantes na área da Geografia era de 4670 professores, sendo 46,4% doutores e 38,5% mestres.

A diferença entre homens e mulheres no conjunto de profissionais ampliou-se ao se considerar os postos de poder. Nas universidades pesquisadas apenas 33,6% dos postos de chefia departamental eram ocupados por mulheres e nos programas de pós-graduação em Geografia a representação subiu para 39,5%.

No que diz respeito à coordenação dos grupos de pesquisa, as mulheres lideravam 47% dos 185 grupos cadastrados na área da geografia no CNPq, em 2008.

A investigação constatou que há uma desproporção entre a qualificação profissional e o emponderamento feminino nas estruturas das organizações que revela que não se trata de inaptidão das mulheres para ascender aos postos de mando , mas da constituição de estruturas de poder, que tornam o acesso difícil. As mulheres apresentam maiores dificuldades em conciliar as demandas profissionais com as demandas familiares e com o acúmulo do trabalho doméstico e profissional (Silva et al, 2009, p.45).

Os resultados obtidos no primeiro eixo da investigação demonstraram que mesmo com a significativa participação feminina, na ciência geográfica cotidianamente há um paradoxo no que se refere à abordagem de gênero, as mulheres produzem e reproduzem sua própria invisibilidade na geografia brasileira.

Segundo os pesquisadores, vários motivos podem explicar o resultado obtido, entre eles a recente participação feminina nas organizações acadêmicas e na produção da ciência no Brasil e a obrigatoriedade da realização de concursos públicos para admissão de docentes nas universidades públicas, baseados em critérios universalistas e meritocráticos.

O segundo eixo da pesquisa realizada tratou da produção científica e da

orientação epistemológica da geografia brasileira, realizando um levantamento nos nove periódicos melhor qualificados pelo CNPq, Sistema Qualis, com base na avaliação do triênio 2004-2006 .

Quanto à produção científica, no período compreendido entre 1939 a 2008, foram encontrados apenas cinco artigos relacionados à mulheres ou gênero, sendo alguns deles produzidos por homens.

Estudos realizados pelas geógrafas Susana Veleda da Silva e Diana Lan concluíram que :

> A despeito do forte movimento feminista desenvolvido na América Latina e de seu impacto nas demais ciências sociais, como a Sociologia, História e Antropologia, o conhecimento geográfico manteve-se à margem deste movimento. O estudo realizado aponta para um pequeno incremento de pesquisas científicas que associam gênero à geografia no final o século XX e início do século XXI (SILVA 2009, p.47).

A pesquisa identificou a Revista Brasileira de Geografia (RBG), como um dos periódicos mais antigos do país, surgido em 1939, na qual a primeira publicação de autoria feminina foi no ano de 1950, quando Lísia Maria Cavalcanti Bernardes, juntamente com seu marido Nilo Bernardes publicou o artigo " A pesca no litoral do Rio de Janeiro". No mesmo ano Lísia publicou individualmente Distribuição da população do Estado do Paraná em 1940-1950"; sendo até o ano de 1966 a figura feminina mais expressiva da geografia brasileira em termos de produção de artigos científicos.

Entre 1978 e 2008 outras geógrafas tiveram publicação expressiva, aproximando-se do desempenho masculino.

A pesquisa constatou que no período acima citado houve uma feminilização da geografia brasileira; as mulheres tornaram-se produtoras de conhecimento geográfico, mas a ciência praticada pelas geógrafas não se diferencia da produção científica masculina e muito pouco tem contribuído para construir a visibilidade das espacialidades femininas. As mulheres ainda não possuem a notoriedade e reconhecimento científico que seus pares homens (SILVA, 2009, p.50).

O estudo também investigou a participação das mulheres nos conselhos editoriais de revistas da área, constatando que entre os vinte agentes de maior

intermediação na rede formada por membros de conselhos editoriais, havia apenas quatro mulheres, o que permitiu constatar que há uma elevada influência dos homens sobre a produção do discurso geográfico nos periódicos selecionados, cujo critério foi anteriormente citado.

A pesquisa revelou que o processo de formação profissional no campo da geografia apresenta fortes características androcêntricas e que os currículos de graduação em Geografia, não apresentam menção alguma sobre relações de gênero. Na área da epistemologia, não há qualquer citação às Geografias feministas, corrente que se originou nas universidades anglo-saxãs e que se constituiu como um importante movimento contestatório da ciência.

Porém, isso não significa que as mulheres embora invisíveis no discurso geográfico brasileiro, não possuam uma existência espacial. O fato da geografia não incorporar temas femininos e o conceito de gênero como instrumentos analíticos não significa que eles não sejam próprios do campo científico.

Qualquer fenômeno social pode ser analisado geograficamente, e o que impede a visibilidade de determinadas abordagens dentro de um campo de saber é a incapacidade das pessoas em ultrapassar os limites da segurança do pré-estabelecido, a repetitiva aplicação de técnicas ou ainda a mera operacionalização de conceitos (SILVA , 2009, p. 60).

A pesquisa realizada, com base em dados disponibilizados pelos organismos oficiais de avaliação e acreditação do ensino superior brasileiro, vinculados ao MEC – Ministério da Educação e Cultura, concluiu que há uma recente feminização da carreira docente e de pesquisa na área de Geografia, nas instituições de ensino superior brasileiro. Mesmo assim, a geografia brasileira ainda possui uma pequena produção em abordagens de gênero, o que pode ser explicado pela dominação nas organizações legais e institucionais, controladas pela ótica masculina e pelas bases eurocêntricas na concepção da geografia o que dificulta a abordagem de gênero.

Para o aprofundamento do estado da arte no Brasil, foram consultadas publicações de outras áreas da ciência que tratam das questões de gênero, como as mencionadas a seguir.

A publicação A mulher brasileira nos espaços público e privado, editada em 2004 pela Fundação Perseu Abramo, como resultado da pesquisa realizada

pela Fundação já citada em parceria com a Secretaria Nacional de Mulheres do Partido dos Trabalhadores (PT) que aprofunda conhecimentos, discute e apresenta dados sobre o imaginário social brasileiro a respeito da desigualdade de gênero a partir da consulta a atores sociais mobilizados pelo problema em foco, nos últimos trinta anos.

Outra fonte consultada foi a coletânea Olhares Feministas editada em 2006 pelo Ministério da Educação: UNESCO e que tem como objetivo:

> Propor uma reflexão sobre o campo dos estudos feministas e de gênero no Brasil, a partir das experiências de alguns núcleos de pesquisa nacionais que na atualidade publicam sobre o pensamento feminista através dos periódicos: Cadernos Pagu, Revista Estudos Feministas, Revista Gênero e Caderno Espaço Feminino. Desde os anos 1980 instalaram-se no Brasil grupos de pesquisa dedicados a esta temática em vários locais do país e multiplicaram-se as iniciativas de investigação sobre este campo de estudos.
>
> A inclusão do tema gênero nesta Coleção, patrocinada pelo Ministério da Educação e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), evidencia e dá relevância à dimensão cultural da construção de homens e mulheres e de seus lugares sociais e da importância desse debate na sociedade brasileira.

Os trabalhos que compõem a coletânea se constituem em referências muito importantes para o entendimento da construção da categoria de análise gênero.[17]

Consultamos também a obra O Progresso das Mulheres no Brasil[18]produzida em 2006 pela Fundação Ford em parceria com o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) e com a ONG Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação (CEPIA).

O livro reúne artigos que abordam diversas dimensões da vida social, incluindo temas interdisciplinares que se tocam, combinando diferentes olhares de especialistas nas áreas de Antropologia, Sociologia Urbana e do Trabalho, Direito, Ciência Política, Serviço Social, Planejamento Urbano e Agronomia.

Como recorte temporal, todas as análises concernem ao período de

---

[17] MELO,H. **Olhares Feministas**. .

[18] **O Progresso das Mulheres no Brasil**. UNIFEM, FORD FOUNDATION, CEPIA. Brasília. Versão eletrônica disponível em http://generoracaetnia.org.br/ publicações.

1992-2002. Essa escolha se deve tanto à disponibilidade de informações relativas ao período de dez anos, quanto ao tempo "real possível" para se fazer uma avaliação dos impactos dos marcos históricos e legais da Constituição Federal de 1988 no cotidiano das mulheres brasileiras.

Pela investigação realizada é possível perceber que a geografia de gênero não é somente desenvolvida para estudar as mulheres, os estudos mais inovadores enfatizam o estudo comparativo das ações de gênero relativas tanto a homens quanto a mulheres.

Comentando sobre a geografia feminista, Veleda da Silva afirma que os movimentos sociais são importantes para a construção dessa geografia, uma vez que o feminismo deve perpassar todas as áreas da geografia. Diz ainda que a categoria gênero pode auxiliar na compreensão de determinados processos geográficos, mas é pela perspectiva feminista que se pode produzir um conhecimento engajado e comprometido com as mudanças sociais.

Na geografia mundial, em diversos países, diferentemente da geografia no Brasil, as questões de gênero e a perspectiva feminista estão incorporadas e consolidadas, contando com grupos de trabalho e encontros periódicos como os realizados pela União de Geógrafos Internacional (UGI)[19] que realizará o encontro *UGI2011 Regional Geographic Conference*, em novembro, no Chile e que possui entre as áreas temáticas a de Gênero e Geografia.

O I Seminário Latino-Americano de Geografia e Gênero que é também o Pré-Encontro da Conferência Regional da UGI, acontecerá em novembro no Rio de Janeiro, tendo como vice- coordenadora a Profa. Dra. Joseli Maria Silva.

Há também um levantamento atual da produção brasileira, realizado por Marcio José Ornat que realizou uma busca no Portal de Dissertações e Teses da CAPES, na biblioteca Digital de Teses e Dissertações, coordenada pelo IBCT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, desde o ano de 1987 a partir dos termos gay, gênero, homossexual, lésbica, prostituição, *queer*, sexualidade, transexual, travesti, travestilidade, todos relacionados à Geografia encontrando nas bases de dados citadas 33 trabalhos (dissertações e teses) .

O autor realizou também pesquisas em periódicos de circulação nacional

[19] Para mais informações acessar http://www.ugi2011.cl/07_information

e afirma:

> Na produção geográfica localizada nos periódicos de circulação nacional, novas discussões demonstram o desejo de constituição de novos horizontes para a geografia. Novas temáticas são apontadas por geógrafas/os como Oliveira e Vianna(1988), Mattos e Ribeiro (1996), Ribeiro(1997), Campos (2000) e Costa (2005),pensando as questões das mulheres, território, sexo e a prostituição a partir das suas espacialidades. Outras posturas podem ser vistas em Silva (2003, 2007 a-b, 2008), Ornat eSilv a (2007), Veleda da Silva (1998), Rossini (1992,1993,1994,1998.2002), López Pons e Lan (2008) entre outros. Estas reflexões buscam pensar o gênero e a sexualidade a partir de novas orientações epistemológicas, em sua maioria, desvencilhadas de perspectivas masculinistas (ORNAT, 2008).[20]

Outras visualizações foram obtidas a partir de um trabalho sistemático realizado pelo Grupo de Estudos Territoriais, entre novembro e dezembro de 2008, tendo por objetivo mapear as produções brasileiras localizadas em periódicos de circulação nacional. Este trabalho demonstrou que de mil quinhentos e nove artigos, localizados em cento e noventa e sete revistas, entre os anos de 1978 e 2008, foram encontrados apenas cinco artigos referentes a temáticas mulheres e gênero (Oliveira e Vianna,1988; Rossini, 1998; Diniz, 2003; Silva, 2007a-b).

O autor (ORNAT) continuou a pesquisa buscando nas linhas e projetos de pesquisa cadastrados na Plataforma Lattes (CNPq/Brasil), que tivessem por palavra-chave Geografia Feminista, Gênero, Sexualidade e Mulheres encontrando apenas quinze que possuíam como palavra-chave algum dos termos anteriormente citados.

Ao final da pesquisa que se aprofunda na busca da produção brasileira sobre a temática, o autor salienta a importância da geografia anglófona nas pesquisas sobre espacialidade, gênero e sexualidade e a valorização das mesmas, comparando-a com a brasileira.

Também vinculada à Geografia Cultural a temática sobre gênero tem estado presente nos diversos encontros (seminários, simpósios e colóquios) realizados no país.

Há também avanços no pais no que diz respeito às políticas públicas. É

[20] **Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista** é um dos antigos publicados em Terr@Plural, Ponta Grossa, 2 (2): 309-322, jul./dez.2008.

possivel perceber a criação ou ampliação de espaços destinados à discussão das questões de gênero. A criação de uma Secretaria Especial das Mulheres (SPM) cuja secretária tem *status* de ministra demonstra o interesse do governo brasileiro em discutir e estabelecer políticas relacionadas às questões de gênero.

Exemplo disso, é a convocação, em março de 2011, pela presidenta da República Dilma Rousseff por meio de Decreto, publicado no Diário Oficial da União, para a III Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, que será realizada em Brasília, nos de 12 a 14 de dezembro. A coordenação da conferência está a cargo da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM).

Seu objetivo é discutir e elaborar propostas de políticas que contemplem a construção da igualdade de gênero para o fortalecimento econômico, social, cultural e político das mulheres e para a erradicação da pobreza extrema. Terá como temário: análise da realidade nacional social, econômica, política, cultural e dos desafios para a construção da igualdade de gênero; e avaliação e aprimoramento das ações e políticas que integram o II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres e definição de prioridades. Ela será presidida pela ministra da SPM e presidenta do CNDM.[21]

Outro exemplo do interesse do governo é o Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, que em parceria com outras instituições públicas e com organismos internacionais e organizações da sociedade civil, pretende dar visibilidade e fortalecer as ações do Estado Brasileiro para a promoção da igualdade de gênero e dos direitos das mulheres. Destina-se aos/às gestores/as públicos/as, aos representantes políticos, a autoridades de partidos políticos, aos sindicatos, aos movimentos e organizações da sociedade civil, e em particular aos movimentos e às organizações feministas e de mulheres, assim como aos centros de produção de conhecimento e às universidades. Surgiu em diálogo com a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe – CEPAL que propôs a criação de um Observatório de Gênero para América Latina e Caribe como estratégia de disseminação de informações acerca das desigualdades de gênero e dos direitos das mulheres, com vistas a subsidiar o

[21] Para maiores detalhes acessar http://www.sepm.gov.br

processo de formulação e implementação de políticas de gênero e de políticas públicas com perspectiva de gênero no país. O Observatório desenvolve seu monitoramento em torno de cinco grandes eixos: Indicadores, Políticas Públicas, Legislação e Legislativo; Comunicação e Mídia; e Internacional. Em seu primeiro ano de funcionamento de março de 2009 a março de 2010, o monitoramento teve como foco temático: Mulheres, Poder e Decisão.[22]

A Fundação Perseu Abramo, anteriormente citada, realizou em 2008 uma pesquisa sobre Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil: Intolerância e Respeito às Diferenças Sexuais cujo resultado foi apresentado no Fórum Social Mundial em Belém, em 2009. Os dados foram colhidos em junho de 2008 com o objetivo de subsidiar políticas públicas que combatam a discriminação e o preconceito contra as populações LGBT.

Quando questionados sobre a existência do preconceito contra a comunidade LGBT, a maioria dos participantes da pesquisa respondeu que sim: 93% indicaram preconceito contra travestis; 91% contra transexuais; 92% contra gays e lésbicas e 90% contra bissexuais. Questionados sobre seus próprios preconceitos, apenas 29% dos entrevistados assumiram ter preconceito contra travestis; 28% contra transexuais; 27% contra lésbicas e bissexuais e 26% contra gays.

De acordo com a própria Fundação, os resultados encontrados na investigação chamam atenção quando comparados a resultados de pesquisas semelhantes. O diagnóstico de que a sociedade brasileira é preconceituosa com determinados grupos aparece em outros estudos. A pesquisa realizada em 2008 traz a estimativa de que 92% da população têm preconceito contra a comunidade LGBT.[23]

Pelo exposto é possível perceber que embora os estudos sobre a temática do gênero ocorram em diferentes áreas de estudos e pesquisas e também componham a agenda das políticas públicas há ainda muito a ser realizado.

Na realidade, existem muitos gêneros, muitos “femininos” e “masculinos”, e é necessário reconhecer a diferença dentro da diferença. Desse modo, mulher e homem não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe,

[22] Ver http;// www.observatóriodegenero.gov.br
[23] Disponível em http://fpabramo.org.br

etnia, geração e ocupação devem ser ponderados e entrecruzados numa tentativa de desvendamento, através de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas.

É importante desfazer noções abstratas de “mulher” e “homem”, enquanto identidades únicas, a-históricas, para pensar a mulher e o homem enquanto diversidade no bojo da historicidade, da cultura e do espaço de suas inter-relações.

Simone de Beauvoir em sua obra O segundo sexo, afirma que somente o corpo das mulheres não é suficiente para defini-las, porque a materialidade corpórea só se concretiza quando assumida pela consciência do agir na sociedade.

> Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninos e meninas, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo (...) Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância , ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada. (BEAUVOIR, 1967, apud SILVA,p.35).

Os estudos de gênero, porém, não representam opção para o pesquisador preocupado com um método que pressuponha equilíbrio, estabilidade e funcionalidade. Tal temática é extremamente abrangente e impõe dificuldades para definições precisas. São muitos os obstáculos para os pesquisadores que se atrevem a enveredar pelos estudos de gênero – campo minado de incertezas, repleto de controvérsias e de ambiguidades, caminho inóspito para quem procura marcos teóricos fixos e muito definidos (Olhares Feministas, 2006, p. 293).

4.7 As mulheres no contexto brasileiro

Até aproximadamente o final dos anos 1960, ser mulher no Brasil significava identificar-se com o papel de mãe e com a esfera privada do lar, ter um casamento indissolúvel e realizar atividades que exigissem pouco esforço mental e físico, de acordo com Venturi (2004).

Embora este padrão tenha constituído referência na época, as condições para sua concretização nem sempre eram oferecidas e em especial para as mulheres que habitavam a área rural, o trabalho doméstico e também a labuta pesada da agricultura eram tarefas realizadas pelas mulheres.

A pesquisa "A mulher brasileira nos espaços público e privado" realizada em 2001 por quase 200 pesquisadoras que entrevistaram 2.502 mulheres brasileiras maiores de 15 anos, das áreas urbana e rural, teve seus resultados amplamente divulgados em artigos, livro e no sítio da Fundação Perseu Abramo.[24]

A síntese dos resultados da pesquisa é apresentada, conforme abaixo descrito:

> Os traços que definem o perfil sociodemográfico da mulher brasileira desautorizam o uso do singular, uma vez que os indicadores médios, em si ruins, tornam-se dramáticos em alguns segmentos da população feminino. Portanto, mais que a mulher brasileira, existem mulheres brasileiras, oriundas de – e vivendo em – realidades sociais bastante distintas, herdeiras de quinhões muito desiguais de recursos materiais e simbólicos, a influenciar tanto sua leitura do passado e do presente, quanto suas opções políticas e expectativas em relação ao futuro.
>
> Erra muito quem, ao pensar nas mulheres brasileiras hoje, visualiza a dona-de-casa, conformada e satisfeita com sua dependência econômica e submissão ao marido, ou a espera de um. Não é assim que elas se veem. Como também erra, embora menos, quem pensa só na trabalhadora: já no mercado ou buscando entrar, a maioria das brasileiras acumula o trabalho fora, remunerado, e o trabalho doméstico não pago, a contragosto suportando a experiência estafante da dupla jornada.
>
> Indagadas sobre a primeira coisa que fariam para que a vida de todas as mulheres melhorasse, despontaram como principais respostas o fim das discriminações no mercado de trabalho (47%), a igualdade de direitos (10%), o combate à violência contra as mulheres (9%); maior liberdade (5%), menos machismo e mais reconhecimento por parte dos homens (5%) – respostas que constituem uma pauta específica de preocupações, que a visão masculina hegemônica, vinda de outro lugar, tem dificuldade de enxergar.

[24] Os dados disponíveis na página eletrônica www.fpabramo.org.br - formam o retrato de como vivem e o que pensam 61,5 milhões de brasileiras

> Vividas com intensidade e frequência diferentes, conforme os cortes de classe e/ou etnia, as denúncias de discriminação e opressão de gênero afloraram na pesquisa A mulher brasileira nos espaços público e privado, ainda que perpassada por um balanço e expectativas positivas.
> Duas em cada três brasileiras (65%) avaliam que a vida das mulheres melhorou "nos últimos 20 ou 30 anos", percepção que cresce com o aumento da renda familiar.
> Solicitadas a definir "como é ser mulher hoje", a maioria associa espontaneamente a condição feminina à possibilidade de inserção no mercado de trabalho e à conquista da independência econômica (39%); à liberdade e independência social de agir como quer, de tomar as próprias decisões (33%), ou ainda a direitos políticos conquistados e à igualdade de direitos frente aos homens (8%).

Em 2010, a mesma fundação realizou em parceria com o SESC, novamente a pesquisa Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado com o objetivo de acompanhar a evolução do pensamento e do papel das mulheres brasileiras na sociedade. A introdução do recorte de gênero é a grande inovação do estudo que ouviu mulheres e homens sobre a situação da mulher brasileira. Os resultados podem ser comparados aos do estudo realizado pela Fundação Perseu Abramo em 2001, citada anteriormente e que foi realizada só com mulheres.[25] Essa comparação aponta melhorias na situação da mulher, mas também comprova que há um longo caminho a percorrer na valorização e na inserção da mulher na sociedade

A pesquisa realizada em agosto de 2010, ouviu a opinião de 2.365 mulheres e 1.181 homens, com mais de 15 anos de idade, de 25 unidades da federação, cobrindo as áreas urbanas e rurais de todas as macrorregiões do país. O levantamento envolveu a inclusão de 176 municípios na amostra feminina e 104 na masculina. A margem de erro da pesquisa é entre 2 e 4 pontos percentuais para mulheres e entre 3 e 4 pontos para os homens, em ambos o intervalo de confiança é de 95%.

Entre os temas abordados no estudo estão: Percepção de Ser Mulher: Feminismo e Machismo; Divisão Sexual do Trabalho e Tempo Livre; Corpo,

---

[25] A metodologia utilizada foi a de abordagem através de aplicação de questionário estruturado através de entrevistas pessoais e domiciliares aplicadas por pesquisadoras (mulheres) para o universo feminino e pesquisadores (homens) para o universo masculino.

Mídia e Sexualidade; Saúde Reprodutiva e Aborto; Violência Doméstica e Democracia, Mulher e Política. A violência é o que chama mais atenção na comparação com a pesquisa anterior. Com relação à violência doméstica, em 2001, foram 12 modalidades abordadas; em 2010, foram 20. O tema Aborto foi mais aprofundado; entre os dados, estão os motivos que levaram muitas mulheres a terem abortado, como a falta de condições econômicas para ter um (ou mais de um) filho e a falta de uma relação estável e apoio do homem de quem engravidaram.

Os dados das pesquisas demonstram, no amplo universo pesquisado, algumas das representações que estão presentes na fala das entrevistadas para a realização deste estudo, tais como as vinculadas ao mundo do trabalho, a discriminação e a família.

Do resultado da pesquisa nacional, foram elencados os aspectos que aparecem com maior frequência nas entrevistas e narrativas que compõem o presente estudo.

Escolaridade

Ao tratar da escolaridade as pesquisas revelam que nacionalmente, 2/3 das mulheres não passaram do ensino fundamental, mas entre as brancas essa taxa é de 62%, contra 82% entre as negras e 84% entre as que cresceram e vivem no campo.

Na pesquisa realizada, o universo pesquisado se constituiu de mulheres brancas, sendo que algumas das que cresceram e vivem em Roça Velha, tem menor escolaridade.

Apenas 6% das brasileiras brancas chegaram ao ensino superior, dado que também aparece entre as entrevistadas, uma vez que do universo entrevistado (10 mulheres) somente 4 possuem ensino superior.

O relatório da pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo afirma que mais do que a mulher brasileira, existem mulheres brasileiras, oriundas de diferentes lugares e vivendo em realidades sociais bastante distintas, herdeiras de quinhões muito desiguais de recursos materiais e simbólicos, a influenciar

tanto sua leitura do passado e do presente, quanto suas opções políticas e expectativas em relação ao futuro.

A avaliação de que “a situação das mulheres” está melhor, “em comparação com a vida uns 20 ou 30 anos atrás”, subiu de 65% para 74% entre 2001 e 2010, percepção que cresce com o aumento da renda familiar e da escolaridade, o que também está expresso nas falas das entrevistadas, em especial das mais velhas.

O que é ser mulher em 2001 e em 2010

A maioria associou espontaneamente a condição feminina à possibilidade de inserção no mercado de trabalho e à conquista da independência econômica ; à liberdade e independência social de agir como quer, de tomar as próprias decisões, tanto na pesquisa nacional, como na realizada em Roça Velha.

Os papéis tradicionais de mãe e de esposa também aparecem na definição de ser mulher, tanto na pesquisa nacional quanto neste estudo. Em 2010, cerca de duas em cada três mulheres (63%) elencaram espontaneamente razões referidas ao mundo público para definir “como é ser mulher hoje”, com destaque para maior liberdade e independência e para conquistas no mercado de trabalho; mas quase metade referiu-se (também) aos papéis tradicionais de mãe-esposa e seus encargos.

Os aspectos negativos de ser mulher

Neste aspecto destacam-se dificuldades e discriminações no mercado de trabalho, tanto de funções como de salários, o preconceito social que reserva às mulheres discriminações e um lugar inferior em relação aos homens, tanto na pesquisa nacional, quanto nas falas das mulheres de Roça Velha, no eixo por nós denominado frustrações.

As melhores coisas de ser mulher

As citações referentes à liberdade e à capacidade da mulher em tomar decisões, a possibilidade de estar no mercado de trabalho e a independência econômica conquistadas pela mulher também aparecem entre as entrevistadas, tanto na pesquisa nacional, quanto neste estudo.

Trabalho

Em 2001, quando foram coletados os dados, da pesquisa nacional, as mulheres quando indagadas sobre se, pudessem escolher livremente, prefeririam "trabalhar fora e dedicar-se menos à casa e à família", ou "dedicar-se mais à casa e à família, deixando o trabalho fora de casa em segundo lugar, a maioria optou pela autonomia em detrimento do papel de gênero tradicional A opção pelo papel tradicional da mulher aumenta com a idade, como era de se esperar, atingindo a maioria apenas entre as mulheres com 60 anos ou mais , entre as aposentadas (37% a 53%) ou as que não frequentaram escola (39% a 54%), que são segmentos que se sobrepõem, dado que também pode ser constatado nas entrevistas com as mulheres de Roça Velha.

Embora majoritária, permaneceu estável entre 2001 e 2010 a preferência de pouco mais da metade das mulheres por “ter uma profissão, trabalhar fora de casa e dedicar-se menos às atividades com a casa e a família” (56% hoje, 55% antes), em vez de dedicar-se mais a estas, “deixando a profissão e o trabalho fora de casa em segundo lugar”, na pesquisa nacional. Das mulheres de Roça Velha somente duas não trabalham fora.

A divisão do trabalho doméstico

Na pesquisa nacional, em 96% dos domicílios em que residiam mulheres, uma mulher é a principal responsável pela execução ou orientação dos afazeres domésticos. Três em cada quatro brasileiras acima dos 14 anos de idade (75%) são as principais responsáveis pelo trabalho não remunerado (em 14% dos domicílios são suas mães) e 18% são auxiliares, atingindo 93% de participação nos afazeres domésticos. Entre as que coabitam com marido ou

parceiro, 91% são as principais responsáveis e 6% são auxiliares, subindo a participação para 97%. A participação masculina é de apenas 20% dos casos, contra a participação feminina quase absoluta (97%) na execução dos afazeres domésticos. Na pesquisa com as mulheres de Roça Velha, mesmo as mais jovens, que trabalham fora, realizam trabalhos domésticos, auxiliando nas tarefas do lar. Nas entrevistas realizadas o papel tradicional do trabalho doméstico não foi questionado, fazendo parecer que o mesmo está incorporado ao papel da mulher.

Entre os casais brasileiros, quase a totalidade dos homens são provedores (93%) e praticamente a totalidade das mulheres executam ou chefiam as tarefas domésticas (97%), segundo a pesquisa nacional. Esse é o retrato atual da desigualdade da divisão sexual do trabalho social, remunerado ou não.

Como todo fenômeno de opressão, sua reprodução não ocorreria sem a internalização dos valores dominantes, por parte dos/as oprimidos/as. Embora principais responsáveis - quando não as únicas - pelo cuidado e formação dos filhos e filhas dentro de casa, muitas mulheres parecem ter dificuldades para reequilibrar esses papéis de gênero: ainda que em tese a maioria das brasileiras (87%) concorde que “homens e mulheres deveriam dividir igualmente o trabalho doméstico" (71% de concordância total, 17% em parte). Ao mesmo tempo que gostaria de dividir esse trabalho, a maioria ainda acha que deve ter a palavra final ao definir como deve ser feito.

Na pesquisa com as mulheres de Roça Velha, somente uma das entrevistadas falou sobre a divisão do trabalho doméstico, as demais mantêm as práticas estabelecidas culturalmente, que dividem as tarefas entre femininas e masculinas.

Na pesquisa nacional realizada em 2010, a maioria de ambos os sexos concorda que homens e mulheres deveriam dividir por igual o trabalho doméstico; a mulher é quem deve decidir sobre o trabalho doméstico, não importa quem faça; é principalmente o homem quem deve sustentar a família; o cuidado com doentes e idosos na casa deve ser da mulher; os homens, mesmo

que queiram, não sabem fazer o trabalho de casa.

Embora na pesquisa com as mulheres de Roça Velha estas questões não tenham sido perguntadas diretamente, nas falas sobre outras questões é possível perceber práticas semelhantes às constatadas na pesquisa nacional. Em algumas falas as entrevistadas explicam a sua pouca escolaridade devido ao fato de cuidar dos idosos ou de irmãos menores em suas casas, o que as impediu de continuar os estudos.

Machismo

Para 90% dos homens e 94% das mulheres hoje (89% em 2001), há machismo no Brasil, conforme a pesquisa nacional.

Entre as entrevistadas de Roça Velha essa questão está expressa nas falas que tratam sobre a discriminação da mulher no mercado de trabalho e sobre o entendimento de que os homens querem que as mulheres fiquem sempre na cozinha.

Considerando-se ou não feministas metade das mulheres tem visão positiva do feminismo, identificando-o com a luta por igualdade de direitos em geral (27%), por liberdade e independência das mulheres (26%) e por direitos iguais no mercado de trabalho (7%), na pesquisa nacional. Neste estudo, os aspectos que aparecem com maior frequência são os relacionados à liberdade e independência das mulheres e os direitos iguais no mercado de trabalho.

Aborto: legislação e opiniões

De 2001 a 2010 dobrou de 36% para 72% a taxa das mulheres que sabem que o aborto legal no país “depende do caso” – o conhecimento da legalidade do aborto decorrente de estupro passou de 25% para 50%. Apenas 13% acreditam que o aborto não é permitido em nenhum caso (antes 53%), conforme a pesquisa nacional.

Entre as entrevistadas, a metade é favorável ao aborto em casos de

estupro ou má formação do feto, sendo que somente uma das entrevistadas se diz contrária em qualquer situação.

Os aspectos apontados na pesquisa nacional, aparecem nas entrevistas e narrativas das mulheres de Roça Velha e mesmo que não tenham sido realizadas entrevistas com homens, a observação permitiu inferir que há semelhança em alguns aspectos pontuados pela pesquisa e por algumas falas masculinas e práticas do cotidiano, em especial, no que se refere à divisão de tarefas domésticas. É no espaço do cotidiano que os aspectos apontados pela pesquisa estão presentes e na maioria das vezes as práticas estão incorporadas aos papéis desempenhados por mulheres e homens, ou não são percebidas, ou ainda, sua mudança depende da construção de uma nova espacialidade.

5 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Em virtude da questão central desta pesquisa: entender como se estabelecem os elementos de permanência e mudança do papel feminino na reestruturação espacial de Roça Velha, Araucária – PR ? optou-se por desenvolver um estudo de natureza qualitativa, pois permite captar as singularidades do objeto, preocupar-se com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades.

Tem como características o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter descritivo, o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador e o enfoque dedutivo.

Supõe também um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador que define o território a ser investigado.

Os dados situados em determinado contexto revelam parte da realidade e mantêm escondida outra parte da realidade. O vínculo entre signo e significado, conhecimento e fenômeno sempre depende do arcabouço de interpretação empregado pelo pesquisador, que lhe serve de visão de mundo e de referencial.

É importante também destacar que os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem, sendo sua articulação muitas vezes necessária como instrumento de análise porque algumas vezes o pesquisador precisa explicar um fenômeno, ou seja descrevê-lo e interpretá-lo, a partir de seus determinantes, suas relações de nexo causal. Portanto, os métodos qualitativo e quantitativo complementam-se e podem contribuir em um mesmo estudo para melhor entendimento do fenômeno estudado

Na perspectiva da pesquisa qualitativa e das técnicas utilizadas pela mesma, há um período em que a utilização de técnicas como a entrevista, parece menos apropriada para a pesquisa científica, ficando relegada à segundo plano ou desconsiderada enquanto fonte.

Após a crise dos anos 1930 e a Segunda Guerra, a sociologia positivista ficou em evidência, os *surveys*[26] foram eleitos como o método para a coleta de dados, e as entrevistas e narrativas passaram a ser consideradas antiquadas.

[26] Survey abordagem adotada para a realização de pesquisa quantitativa, com utilização de dados estatísticos.

Porém, a partir dos anos 1970, sociólogos e historiadores redescobriram o valor da entrevista em profundidade.

Para os sociólogos decepcionados com o duro empirismo da investigação quantitativa, esta forma de abordagem oferece informação coerente pela própria natureza, enraizada na experiência social real, capaz de proporcionar achados sociológicos singulares em oposição às respostas mecânicas dos questionários fechados. O uso do testemunho oral vem de longa data e os historiadores nunca deixaram de usar evidências mesmo consideradas pouco fidedignas, frente aos vazios e lacunas da historiografia oficial.

Quando há uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça um contato, uma relação de confiança, as entrevistas e narrativas acontecem com muita tranquilidade, fornecendo dados e observações muito importantes para a pesquisa. Essa modalidade de pesquisa tem no ambiente, a fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento, razão pela qual procuramos tronar-nos familiares ao grupo e também buscar dados e informações de caráter histórico.

A opção pela abordagem qualitativa para realizar o presente estudo deve-se ao fato da mesma ser exploratória, porque estimula as entrevistadas a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Também faz emergir aspectos subjetivos e atinge motivações não explícitas, de maneira espontânea, pelo entrevistado. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.

Devido ao caráter exploratório, as pesquisas qualitativas não pretendem generalizar suas informações; a abordagem em geral, ocorre indivualmente ou em pequenos grupos de entrevistados.

Para desenvolver a pesquisa realizou-se uma aprofundada revisão da literatura pertinente ao assunto, explicitada com maior detalhamento ao trabalhar com o estado da arte; um levantamento da produção mais recente na área e um levantamento histórico da área definida como local da pesquisa visando entender como o espaço foi inicialmente ocupado e que marcas desta ocupação ainda permanecem.

Nos encontros para entrevistas o que interessava era o ponto de vista das entrevistadas procurando apreender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pela pessoa

No cenário estabelecido buscou-se na pesquisa, a apreensão do cotidiano das pessoas com ênfase especial nas mulheres, a opinião que tinham sobre determinados aspectos de sua vida e quais as suas representações.

Foi utilizado o recurso da gravação, mediante prévia aquiescência das entrevistadas, visando garantir a fidedignidade e o anonimato, portanto os nomes utilizados são fictícios.

As entrevistas foram sempre realizadas sem pressa para permitir a interação constante entre pesquisador e pesquisado e também para que as interlocutoras pudessem relatar o que consideravam mais significativo fazendo com que elas próprias passassem a conduzir a conversa.

A abordagem ocorreu do modo mais aberto possível, pedindo que cada entrevistada respondesse algumas perguntas e falasse de sua vida, com um mínimo de interferência da entrevistadora que se colocou numa escuta atenta.

Para tanto foi estruturado um roteiro de entrevista conforme os eixos indicados:

1. Minhas origens, meu histórico
2. Meus estudos
3. Meu trabalho
4. Minha família – pai e mãe, marido e filhos
5. Ser feliz
6. Frustrações
7. Sexualidade

Ao iniciar as entrevistas, tive algumas dificuldades, as mulheres esperavam as perguntas, respondiam pouco e não continuavam falando sobre os detalhes da sua vida, que era o que efetivamente interessava; mesmo com cuidado de pesquisador, as perguntas acabavam sendo direcionadas e as respostas parciais.

[27]O silêncio aparecia em muitos dos encontros.

Isso obrigou a realizar uma pesquisa sobre a Linguagem do Silêncio e foi em Walter Benjamin que foram encontrados subsídios para entender o silêncio das mulheres.

[27] No texto "Sobre a Linguagem em Geral" (escrito em 1916) Benjamin aborda a questão da mudez e da tristeza. Na mudez reside a ausência da linguagem devido à tristeza. No silêncio não, ele é parte integrante da linguagem.

O feminino aparece como enigmático, mas não negativo. No entendimento benjaminiano o silêncio é visto não como polo oposto da conversa, mas, sim, dentro dela.

A dialética da conversa é assimétrica e se estabelece entre duas diferenças: a que fala e a que escuta; ou seja, entre a fala e o silêncio, entre o homem e a mulher. O sentido é dialético e não dialógico. Na conversa, silêncio e fala engendram-se mutuamente: se o silêncio é fonte de sentido a fala gera o silêncio. “Grandeza é o silêncio eternal depois da conversa. É ouvir o ritmo de suas próprias palavras no vazio ” [28] (VALLE, 2008, p.81)

Segundo ele (Benjamin), as mulheres não se deixam impressionar pelo assunto, pelo que é comunicado, mas o prazer está no lúdico da conversa.

Conforme VALLE (2008) enquanto para o universo masculino a conversa se constitui num embate onde as palavras são usadas como uma guerra e com elas são feitos acordos e se constrói o mundo, para o universo feminino sobra o silêncio e é nele que se encontra a origem do sentido e do novo.

> Se o falar, dizer é o mostrar, fazer ver, fazer conhecer, o calar é algo que se liberta nesse espaço vazio que se constitui como borda do falar, o silêncio. O calar é soltar, baixar, fazer baixar, tornar livre, relaxar, escoar, ceder. Se falar remete ao discurso, a fala masculina e, em última instância, poderíamos dizer ao falo, o emblema masculino por excelência, o calar, então sobra ao feminino. Calar parece não dizer nada, mas diz. É assim que conversam as mulheres, seja para falar tudo ao mesmo tempo e de tudo, e dessa forma, não dizer nada, a tagarelice feminina. Seja para falar no espaço surdo do nada, pelo olhar, sem pronúncia evidente, dizer tudo (VALLE, 2008, p.74).

A partir da visão benjaminiana é possível entender o silêncio como muito significativo, a não verbalização não pode ser entendida como um vazio, um nada a dizer, porque em determinados momentos ela é mais forte e tem mais significados que a palavra.

Ao realizar minha pesquisa, após ouvir separadamente quatro mulheres de diferentes origens e idades, fiz com que elas se encontrassem e falassem sobre variados temas e uma das componentes do grupo, permanecia em longos silêncios, como que a contemplar as falas e quando se manifestava o fazia muito pontualmente, mas seus silêncios eram muito mais significativos que a tagarelice do

[28] Ver o artigo **Quando Calar é Dizer. Sobre a Linguagem do Silêncio em Walter Benjamin**, escrito por Bárbara Valle e publicado em Mulheres, filosofia ou coisas do gênero. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

grupo, deixavam perceber uma preocupação, um tentar entender silencioso ou ocultar um desconforto, porque o assunto debatido mostrou-se penoso em sua entrevista.

Como somente a análise dos silêncios não daria conta de minha pesquisa continuei fazendo as entrevistas que com o tempo de relacionamento com as mulheres ficaram muito mais fáceis.

Durante as mesmas buscou-se obter dados que permitissem perceber como são construídas as espacialidades femininas, entre o falar e o silêncio das mesmas.

Além das observações e da leitura de referências sobre a temática e o local, as entrevistas foram aprofundadas.

O universo pesquisado se compõe de 10 de mulheres, 5 nascidas no local, sendo que destas 3 vivem no local há mais de 30 anos, denominadas do local e 5 que chegaram após meados dos anos 1980, denominadas as que chegaram, com faixa etária entre 23 e 66 anos, quatro com curso superior, quatro com ensino fundamental e ainda duas com ensino médio. Os critérios utilizados para a definição do universo de pesquisa foram local de nascimento e tempo de residência em Roça Velha. Constituíram assim as fontes primárias da pesquisa. Como fontes secundárias jornais, fotos, textos que tratam da temática, além da bibliografia consultada compuseram os demais elementos da pesquisa.

Os momentos de pesquisa para a coleta de dados foram constituídos de encontros individuais e em pequenos grupos. Para registrar as percepções dos sujeitos envolvidos utilizou-se de entrevista em separado com cada uma das mulheres.

A análise das entrevistas permitiu identificar pontos comuns relativos ao seu cotidiano o que possibilitou estabelecer um elo inicial com os fundamentos teóricos da pesquisa. Mas, os aspectos emergentes remetiam a querer conhecer com mais profundidade as representações das entrevistadas, o que provocou vivenciar outros dois momentos de entrevista coletiva. Para tanto foram constituídos dois grupos compostos por mulheres do lugar e das que chegaram.

O registro dos encontros foi feito em gravação e transcrito em seguida para garantir a fidedignidade e construir a memória fundamental para a pesquisa.

Os encontros duraram cerca de 30 minutos com cada uma das mulheres ouvidas e buscou-se criar um clima de informalidade, porque através das falas muito

amistosas e informais, acredita-se que conteúdos mais íntimos puderam ser relatados.

Uma das grandes dificuldades foi a impossibilidade de transcrever a entonação, os silêncios e os ruídos externos, elementos integrantes do discurso e que se misturavam aos sons dos galos cantando e vacas mugindo, compondo o texto e o contexto.

O passo seguinte foi a análise de conteúdo que ocorreu conforme abaixo descrito:

a) transcrição dos registros dos encontros

b) leitura do material bruto – os relatos foram lidos e relidos exaustivamente, sendo registradas todas as impressões, bem como eventuais perguntas suscitadas pela leitura do material e que poderiam servir para uma análise mais detalhada. O que se pretendia com esse procedimento era a constatação das espacialidades e do gênero;

c) leitura sistematizada com marcação de trechos - a leitura mais sistematizada procurou identificar e destacar as principais categorias e as mais constantes nos relatos, tanto das falas, como dos silêncios e sentimentos;

d) construção inicial de um elenco de categorias - os trechos marcados foram, então destacados e agrupados pela proximidade de conteúdo e relacionados aos princípios teóricos que fundamentam este trabalho.

Eixos emergentes:

1. a consciência de ser mulher, a segurança e a independência que envolve meus sonhos, meus estudos, meu trabalho
2. a família – relações pai e mãe, marido e filhos
3. conflitos e frustrações
4. sexualidade, afetividade, comunicação.

Para a análise dos eixos emergentes foram definidas as categorias analíticas abaixo descritas, considerando-se a abordagem teórica definida ao longo do trabalho.

As categorias 1, 2 e 3 estão baseadas no entendimento de Moscovici sobre as representações sociais.

Categoria 1 – representação como construção coletiva que ocorre a partir das comunicações interpessoais e intergrupais, surgindo de uma necessidade do sujeito em harmonizar suas falas e atitudes com as da sociedade. É constituída por um conjunto estruturado de descrições e explicações, mais ou menos interligadas umas às outras, da personalidade, da doença, dos sentimentos ou dos fenômenos naturais que todas as pessoas possuem, mesmo que não estejam cientes disso e que elas usam para organizar sua experiência, para participar de uma conversação, ou para negociar com outras pessoas.

Categoria 2 - o caráter fluído das representações que pode ser modificado pela criatividade do sujeito e por sua possibilidade de mudança da vida social, podendo existir diferentes representações sociais dentro do mesmo grupo.

Categoria 3 - circulação da informação cujo efeito é reforçar, identificar e levar à efeito a ideia, ou item de conhecimento circulante na sociedade seja ele novo ou velho.

As categorias 4, 5 e 6 baseiam-se na teoria de Ricouer que argumenta que a mimese pode ser pensada como representação e que pelo entendimento de seu processo de constituição, utilizando-se da linguagem, é que ocorre a apreensão do mundo.

Categoria 4 – mimese I - o mundo anterior ao texto – é o mundo prático ainda não explorado pela atividade mimética, ainda não narrado. É o momento da pré-configuração do mundo que condiciona a relação entre o mundo do produtor e o mundo do texto e permite entender o agir humano.

Categoria 5 – mimese II - o mundo do texto que tem a função de mediação entre o antes e o depois da configuração (concordância-discordância). É a fase da configuração da intriga, em que a linguagem é utilizada para a conformação dos sentidos no texto.

Categoria 6 - mimese III – o mundo do leitor – a narrativa alcança seu sentido pleno quando é restituída ao tempo do agir. Marca a inserção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou leitor.

A categoria 7 está fundamentada no entendimento das performances sociais contínuas conforme propostas por Butler.

Categoria 7 – Performances sociais contínuas

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2010, p. 201).

A categoria 8 tem como base a conceituação de espaço proposta por Mc Dowell – O espaço é conflitivo, fluído e inseguro. O que define o lugar são as práticas socioespaciais, as relações sociais de poder e de exclusão, por isso os espaços se sobrepõem e entrecruzam e seus limites são variados e móveis. Os espaços surgem das relações de poder, as relações de poder estabelecem as normas e as normas definem os limites que são tanto sociais como espaciais, porque determinam quem pertence a um lugar e quem fica excluído, assim como a situação ou a localização de uma determinada experiência.

6 O CENÁRIO DO ESTUDO

O cenário para o desenvolvimento deste estudo se constitui nas localidades de Thomaz Coelho e Roça Velha, ambas situadas em Araucária-PR.

6.1 Araucária – os primórdios

Na época do descobrimento do Brasil, a região onde está localizada Araucária, já era conhecida como Tindiqüera. Viajantes que aqui estiveram nos séculos XVI e XVII, bem como os mapas da época, localizavam as grandes aldeias indígenas, aparecendo entre estas a de Tindiqüera. Em 1.668, o Capitão Mor Gabriel de Lara doou uma sesmaria a Domingos Rodrigues da Cunha e seus filhos na região de Tindiqüera. No final do século XVII, eram proprietários de terras na região o Alferes Gaspar Carrasco do Reis, Luiz da Cunha, Garcia Rodrigues Velho, o Capitão Manoel Ricam de Carvalho e o médico prático Paschoal Fernandes Leite, entre outros. Os habitantes de Tindiqüera, bem como de todo Paraná, viviam em extrema pobreza.

Em 1.837, a Capela de Nossa Senhora da Luz de Tindiqüera foi elevada a Capela Curada, um ano depois foram estabelecidas as primeiras divisas do bairro.

Gradativamente, a população foi se transferindo para as margens do Rio Iguaçu e a sede do curato de Tindiqüera passa para o local em que estava a capela de "Nossa Senhora dos Remédios do Yguassú". Através da Lei Provincial 21, de 28 de fevereiro de 1.858, foi criada Freguesia do Iguassú. Em 1.868, a Freguezia do Iguassú foi desligada de Curitiba e anexada como distrito de São José dos Pinhais até 1.888, quando volta a ser administrado por Curitiba.

A partir de 1.876, começou a corrente imigratória, isto no tempo do Império, principalmente por poloneses seguidos por alemães, italianos, ucranianos, que notavelmente deram à região um surto de progresso. Na década de 1950, iniciou a imigração japonesa.

A criação do Município deve-se ao encaminhamento feito pelo Major Sezino Pereira de Souza (chefe político da região), redigido pelo médico Dr. Victor do

Amaral, de uma petição em forma de abaixo-assinado ao então Governador do Estado, o contra-almirante José Marques Guimarães, solicitando que a Freguezia do Iguassú fosse elevada a Vila e logo em seguida, fosse criado o Município. Assim, pelo Decreto Estadual 40, de 11 de fevereiro de 1.890, foi criado o Município de Araucária, que teve seu nome sugerido pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral.

O primeiro administrador de Araucária, como intendente, foi o Major Sezino Pereira de Souza.

A primeira eleição municipal realizou-se no dia 22 de setembro de 1.892, sendo o primeiro Prefeito eleito de Araucária, o Sr. Manoel Gonçalves Ferreira. Em 1.911, foi criado o Termo Judiciário e em 1.919, o Município foi elevado à categoria de Comarca.

O distrito de Guajuvira foi criado em 1.947, e o Município perdeu temporariamente sua categoria de Comarca, ficando subordinado a São José dos Pinhais por quatro meses. Em 1.949, Araucária recuperou definitivamente sua categoria de Comarca.



RUA MAJOR SEZINO, 1938
Foto: Arquivo Histórico Municipal - Araucária

A região de Tindiqüera, mesmo não possuindo ouro, atraiu alguns interessados pela pequena região de campos incrustada e cercada por matas onde predominava a Araucária e a Imbuia. O trabalho consistia em cultivar a terra e criar gado em pequena escala, produzindo apenas o suficiente para o sustento das famílias. O isolamento em que viviam e a ausência do mercado consumidor

impossibilitava qualquer tipo de comércio.

Surgiu então na região de Tindiqüera, um pequeno porto para canoas, conhecido como Passo das Laranjeiras. A partir daí se ergueu o aglomerado de pessoas que formariam a Vila de Araucária.

Tindiqüera era também passagem obrigatória entre Curitiba e Lapa. No final do século XVIII, a região produzia feijão, milho, fumo, toucinho, erva-mate e trigo.

Quanto à erva-mate, inicialmente, atendia apenas o consumo local. Mais tarde o produto passou a ser exportado.

Araucária era ponto de parada obrigatória para quem transportava erva-mate da Lapa para Curitiba.

Em 1866 a Freguezia do Iguassú contava com 2.565 habitantes, dos quais, 125 eram escravos que trabalhavam na agricultura e nos engenhos de soque.

Os moradores de Araucária se dedicaram à exploração da erva-mate até a década de 1940 quando houve o declínio das exportações para a Argentina, que se tornou autossuficiente. Este trabalho era uma atividade exclusivamente masculina.

A presença dos imigrantes estrangeiros a partir de 1876 modificou a paisagem da região, com grande desenvolvimento da agricultura.

A exploração comercial da madeira iniciou-se na Freguezia do Iguassú a partir do século XIX, até a década de 1930, quando entra em crise pela devastação das reservas.

O crescimento econômico da região proporcionou a abertura de mercado para outras atividades geradoras de emprego para a população como olarias, cerâmicas, moinhos, fábricas de palhões, de massa de tomate, de caixas de madeira, de linho, de fósforo, de balas, de bolachas e torrefação de café.

Em 1972, com a instalação da Refinaria Presidente Getúlio Vargas e em 1973 com a criação do CIAR (Centro Industrial de Araucária), ocorreu um crescimento bastante acentuado e uma inversão no quadro populacional, econômico e social do Município, em que a população urbana passou a superar a rural com a vinda de um contingente populacional de vários pontos do país e a economia que se baseava na agricultura e pecuária passou a ser predominantemente industrial/urbana (dados obtidos no sítio da Prefeitura

Municipal de Araucária. Acesso em junho de 2011).

Thomaz Coelho e Roça Velha, localidades de Araucária, em sua origem eram integrantes de uma mesma região.

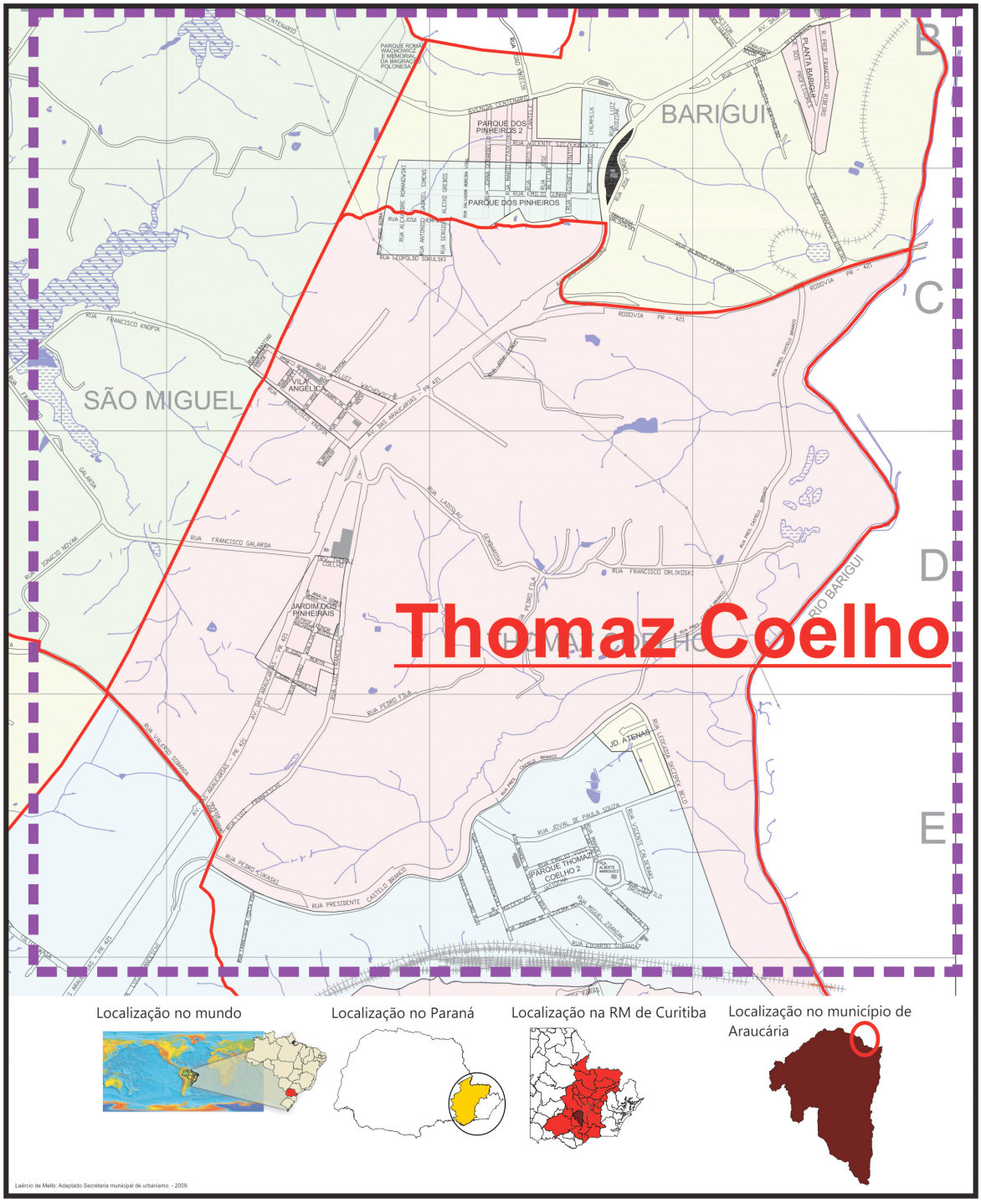
FIGURA 1 – ESTRADA DE ACESSO À ROÇA VELHA



Foto de Cristina Surek (2010)

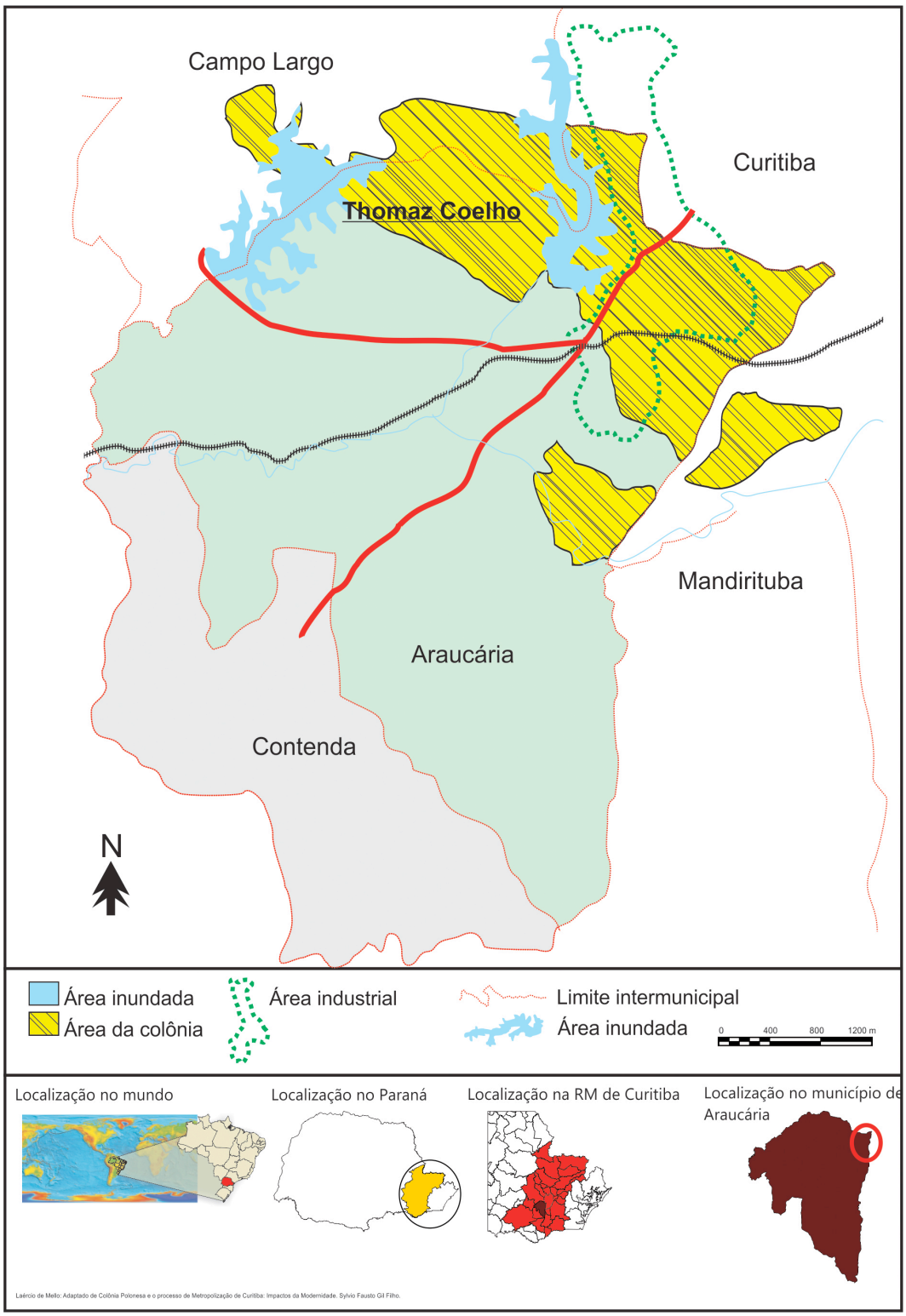
Após a divisão causada pela represa do Passaúna, Roça Velha está classificada pela Prefeitura de Araucária como área rural, o que determina algumas diferenças quanto ao fracionamento da terra, à venda de terrenos e à ocupação, à precariedade de manutenção das estradas e da iluminação, tanto nas estradas quanto nas residências (pequenas chuvas derrubam a rede elétrica frequentemente) e também o acesso à escola que é feito pelo transporte escolar e fica interrompido (ver figura 1 p.99 e mapa 1 p. 100).

MAPA 1 – MAPA DO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA-THOMAZ COELHO



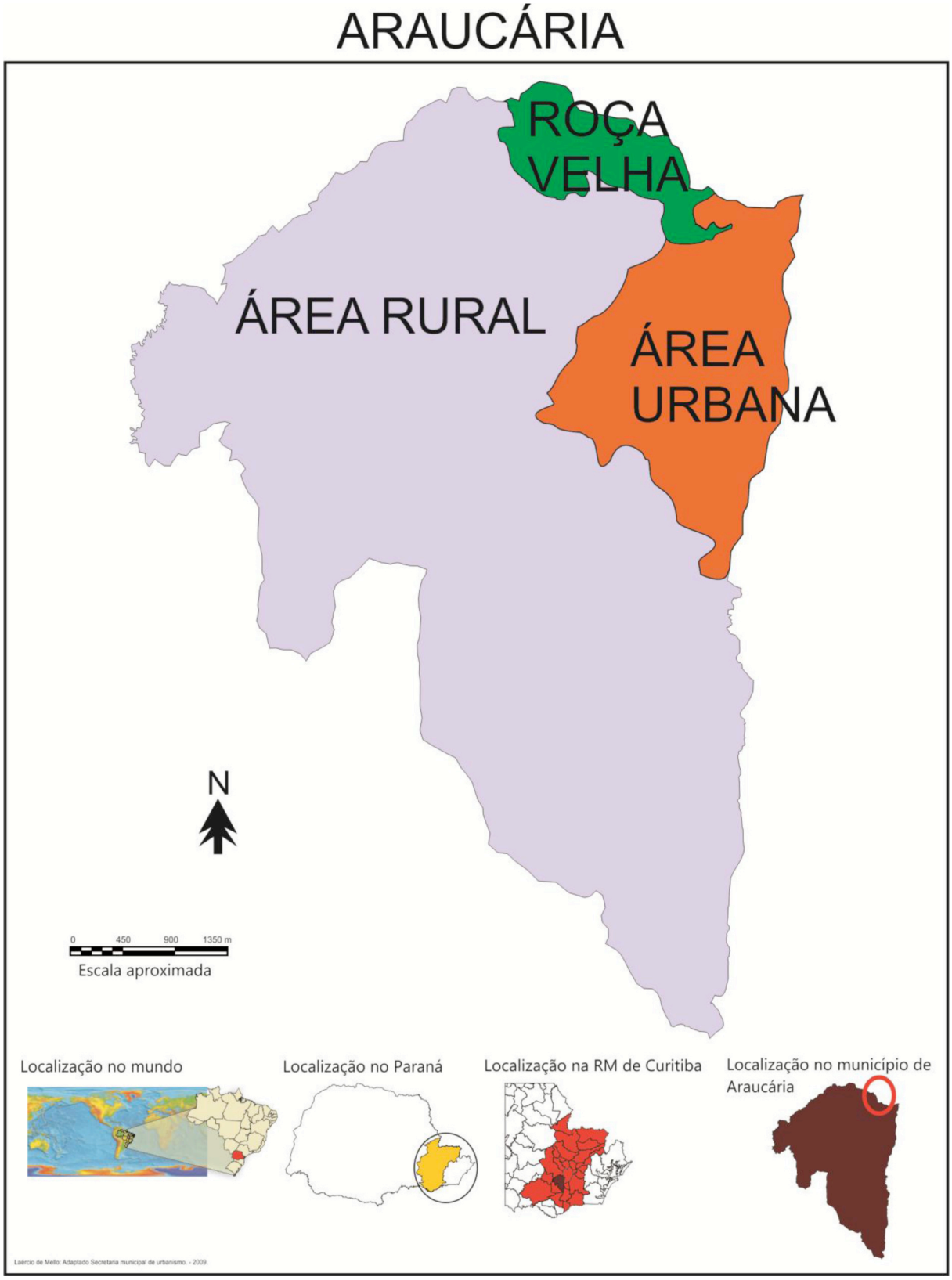
No mapa acima, Thomaz Coelho antes da divisão pela represa do Passaúna.

MAPA 2 – LIMITES ORIGINAIS DE THOMAZ COELHO



No mapa acima os limites originais de Thomaz Coelho, com destaque à área a ser inundada.

MAPA 3 – MAPA DE ARAUCÁRIA DESTACANDO ROÇA VELHA



Mapa de Araucária com destaque para Roça Velha, após a represa do Passaúna.

FIGURA 2 – PORTAL POLONÊS THOMAZ COELHO



Foto de Cristina Surek (2010)

Thomaz Coelho é classificada como área urbana pela Prefeitura de Araucária, o que faz com que a situação geral de infraestrutura seja melhor do que a de Roça Velha. Acessos mais conservados, asfalto, melhor iluminação, sistema integrado de transporte coletivo, acesso mais fácil para a escola (conforme figura 2, p. 103). No cenário descrito o que se buscou na pesquisa, por meio de observação, entrevistas, relatos ou narrativas, foi entender como os processos de urbanização e industrialização de Araucária re-arranjaram as espacialidades cotidianas femininas e como as transformações das espacialidades cotidianas das mulheres constituem os papéis de gênero em Roça Velha.

6.2 Do espaço original ao atual: de Thomaz Coelho à Roça Velha

A Colônia Thomaz Coelho, fundada em 1876, no município de Araucária e da qual se desmembrou Roça Velha em 1980, devido à inundação provocada pelo represamento do rio Passaúna, foi o núcleo que recebeu a maioria dos imigrantes poloneses da região de Curitiba.

A vinda dos poloneses ocorreu pelo recrutamento feito por empresas particulares que faziam promessas de que o Brasil era rico, tinha ouro.

Foram recrutados em grande parte pelo agente de imigração Eugenio Bendaszewski, natural de Gorlice, antiga Galícia austríaca, residente em Curitiba.

Os imigrantes poloneses se estabeleceram em Thomaz Coelho, antiga Roça Nova, que recebeu este nome em homenagem à Thomaz José Coelho de Almeida, membro do Gabinete do Império, presidido por Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias.

Fundada pelo presidente da província Adolpho Lamenha Lins, um dos grandes defensores da imigração como principal instrumento para a ocupação e colonização dos vazios demográficos, tinha como principal objetivo abastecer a capital do Estado com gêneros agrícolas.

Formada inicialmente por 1274 ocupantes entre poloneses, franceses e holandeses contava com 183 lotes, mas devido a grande procura pelos lotes, ampliou-se passando para 270 lotes em 1878, sendo que em 1887 havia 387 propriedades de imigrantes poloneses.

Araucária, antiga Freguesia do Iguaçu, subordinada ao município de São José dos Pinhais tinha em 1887, mais ou menos 3.871 habitantes sendo que na Colônia Thomaz Coelho residiam 1.071 pessoas, o que expressa a importância econômica e cultural da população polonesa. Eram 387 propriedades de colonos, resultantes da expansão dos 270 lotes pioneiros. (KERSTEN,1988).

As propriedades localizavam-se ao longo de pequenas estradas carroçáveis, distantes entre si de 500 a 1000 metros e a ocupação espacial era linear e dispersa, adensando-se, com o tempo ao redor da igreja.

A pequena capela construída na Campina dos Ausentes e que foi visitada pela Princesa Isabel em 10 de dezembro de 1884, transformou-se na capela de São Miguel, igreja atual, sendo um dos três sinos existentes na mesma doado pela Princesa Isabel, que pode ser vista abaixo (figura 3, p. 105).

FIGURA 3 – IGREJA DE SÃO MIGUEL



Foto de Cristina Surek (2010)

Em 1889, Araucária tornou-se município e mesmo com o número significativo de habitantes na Colônia não ocorreu a formação de uma vila ou qualquer centro de comércio importante.

Nas proximidades da Colônia além da venda de produtos agrícolas estava instalada uma das melhores serrarias das circunvizinhanças de Curitiba pertencente a Pedro Hey, o que possibilitava um ganho extra aos colonos, tanto através da venda dos pinheiros que abundavam em seus lotes, quanto no trabalho como operários, além do obtido com o trabalho agrícola.

A existência dessa serraria contribuiu para que os colonos pudessem construir suas casas.

O colono poderia ligar-se à terra pelo direito de propriedade, facilitando-se a aquisição da mesma. Cada imigrante maior de 10 anos teria um auxílio de fixação de $20 mil Réis e mais a mesma soma para a compra de utensílios e sementes.

Depois de fixado, seria empregado na construção de estradas da colônia, cessando então a alimentação que era fornecida pelo governo.

Os primeiros imigrantes fixaram-se em locais próximos aos rios Iguaçu e Passaúna, em terras férteis, porém com condições muito precárias de acesso à Curitiba, que ocorria por meio de carreiros, o que fazia com que a produção agrícola ficasse em paióis, apodrecendo, enquanto muitas vezes, os habitantes passavam necessidades pois não tinham como vender.

Na tentativa de superar suas dificuldades os colonos diversificaram a produção introduzindo outras variedades como o trigo, milho e feijão além da batata-inglesa.

Cabia às mulheres e filhas menores, levarem para o mercado o resultado das colheitas, dividindo-se o trabalho em atividade agrícola, realizada pelos homens e o comércio realizado pelas mulheres.

Os primeiros imigrantes poloneses vieram para uma colonização de povoamento, diferente dos portugueses e espanhóis, que vieram para explorar e exportar.

Conforme Greboge Filho, em artigo escrito para o jornal *Polska w Brazylii* (Polônia no Brasil) os poloneses que chegaram a Thomaz Coelho, em sua grande maioria colonos, buscavam reconstruir sua cidadania e não se dedicar somente à lavoura, embora à época fosse usada a expressão “Deus vos escolheu para a lavoura”, o que consideravam, lhes roubava o direito de estudar e prosperar com melhores condições de vida.

Para dar conta de suas necessidades, os pequenos proprietários realizavam também um trabalho assalariado que se constituía de um sobre-trabalho, cuja jornada chegava a durar 12 horas. Os rapazes passaram a empregar-se em serrarias e as moças polonesas nos serviços domésticos em Curitiba.

Nos finais de semana, além das atividades fora de casa, cozinhavam, lavavam e limpavam suas próprias casas geralmente à noite ou aos domingos.

O colono, enquanto pequeno proprietário, era ao mesmo tempo dono dos meios de produção e trabalhador.

No ambiente familiar além do reconhecimento do trabalho individual valorizava-se o trabalho externo como contribuição significativa para a manutenção da família.

As relações sociais cotidianas na Colônia, na Igreja e no comércio reproduziam o espiritual e o material, recriando valores culturais e padrões de comportamento, fortalecendo-se neste processo contínuo a percepção que os colonos tinham de si mesmos, bem como a que a sociedade elaborava sobre os mesmos.

Na Colônia as mulheres organizavam a vida do lar, atendiam as crianças, cuidavam da educação e dos deveres religiosos.

Junto com as funções de mãe e esposa as mulheres ocupavam-se com a produção e venda de verduras, frutas e laticínios produzidos por elas.

Algumas mulheres iam a pé e outras de carroça para Curitiba, algumas na companhia dos maridos e outras dos filhos mais velhos, oferecer seus produtos para a venda.

O dinheiro para a manutenção era buscado de diversas formas. Bordado, tricô, costura, quase todas sabiam fazer com um alto grau artístico.

As que costuravam ficaram muito felizes quando deixaram de costurar à mão e puderam comprar em prestações e para uso coletivo, uma máquina de costura (GREBOGE FILHO, 2008, ed. 31, p.5).

As moças da Colônia vinham para Curitiba e trabalhavam nas casas das famílias mais abastadas como empregadas domésticas, fazendo compras, cuidando das crianças, cozinhando e carregando água dos poços que se localizavam nas praças como a Praça Zacarias.

Na época era mais barato pagar duas empregadas, que entre outras atividades, carregavam água do que pagar os pipeiros (distribuidores de água).

> Como creadas de servir, realizavam todos os tipos de serviços: lavar, passar, engomar,cozinhar,cuidar de crianças e fazer compras. Moravam no serviço. Trabalhavam desde cedo até algumas horas da noite. Folgavam nos finais de semana. Não tinham salário fixo. Os patrões pagavam o que queriam. (BUENO, 1999,p. 65)

Por um século, a Colônia manteve uma economia característica da produção camponesa. Com trabalho familiar, construiu sua identidade sociocultural marcando

a fisionomia da região de Curitiba e tornou-se uma grande produtora de batata inglesa, fornecendo não só para Curitiba e região, mas também para outras localidades.

A produção do espaço do imigrante polonês em Thomaz Coelho, revelava também a figura do colono " polaco" com suas relações atávicas com a terra e seu comportamento conservador diante da modernidade ditada pela metrópole. O grupo imigrante polonês, foi considerado com um padrão espaço organizacional característico e distintivo ou seja, culturalmente diferenciado, em estudos e levantamentos realizados entre os anos 1980 e 1990.

O grupo de pessoas que habitava em Thomaz Coelho possuía articulação cultural e espacial inserida em determinada espacialidade. Sob o ponto de vista social, possuíam laços próprios de cunho histórico e cultural que estruturavam o espaço concreto das colônias. Estas relações revelavam a apropriação do espaço estabelecendo os limites de sua territorialidade que poderia ser confundida com a identidade cultural.

A população de Thomaz Coelho continuou esparsamente distribuída, com exceção de um pequeno núcleo ao redor da Igreja, onde as chácaras eram mais próximas e estavam instalados o colégio, o convento, o cemitério e a salão paroquial, construído no local recentemente.

O espaço destinado ao convívio social mantem-se com características semelhantes à Colônia, agregando igreja, cemitério, salão paroquial e mais recentemente a capela mortuária, necessidade trazida pela modernidade; hoje não se costuma velar os mortos em suas casas, há um espaço socialmente definido para isso.

Em 1911 chegaram a Thomaz Coelho três religiosas com a finalidade de instalar uma escola, que foi provisoriamente iniciada em uma das casas. No fim de 1912 foi concluída a nova escola com acomodação para as religiosas e os alunos que chegaram a ser em número de 100.

Havia entre as famílias camponesas polonesas, o costume de fazer uma diferenciação de tratamento entre meninos e meninas, ou seja, entre filhos e filhas. Via-se no menino o principal herdeiro das propriedades da família, bem como o continuador do nome da mesma. Além disso, era o menino quem precisava receber, segundo eles, uma instrução melhor do que a menina, porque teria que enfrentar a

vida, procurar trabalho e maior responsabilidade em sustentar futuramente uma família.

A menina, achavam os colonos, pelo contrário, não tendo de arcar com todas essas responsabilidades, dependente em todas as circunstâncias do marido ficaria em casa. Logo, não tinha tanta necessidade de educação sistemática e a prática que recebia da mãe, do lar, afigurava-se suficiente. Este modo de pensar difundido entre os colonos, levou as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo a se oporem contra tal situação e a criarem um tipo especial de curso para meninas em seus estabelecimentos de ensino, o curso de Educação Familiar.

As moças precisavam ser instruídas, não só nas primeiras letras, mas também iniciar-se na futura função de dona da casa e receber esclarecimentos suficientes para serem aptas a educar convenientemente seus filhos.

O currículo se compunha de alfabetização, corte e costura, trabalhos manuais, culinária e serviço de copa, administração do lar e higiene, aproveitamento de frutas e conservas, boas maneiras e comportamento social, lavar e passar roupa, música e rudimentos de francês ou alemão, se for da vontade dos pais.

O currículo procurava se adaptar ao meio e à cultura em que as moças viviam (WACHOWICZ, 1977, p. 40).

Para Wachowicz, a religiosidade pode ser considerada como o cimento que uniu os imigrantes poloneses em torno da fé na nova vida. A religiosidade e o trabalho agrícola familiar definiram a imagem do imigrante polonês, que ainda é perceptível na forma de ocupação e manutenção do espaço em Roça Velha.

Essa forte religiosidade, componente étnico dos poloneses ficou reforçada com a vinda dos primeiros padres poloneses para o Brasil.[29]

> Uma carroça puxada por dois cavalos! Com suas malas, quatro missionários trajando batinas pretas. Era o dia 4 de julho de 1903, na localidade hoje chamada de Colônia Thomaz Coelho, no interior de Araucária-PR. Eles acabavam de chegar da Polônia para o Brasil. Pe. Boleslau Bayer, Pe. Francisco Chylaszek, Pe. Hugo Dylla e Ir. Alexandre Wengrzyn. Foram eles os primeiros missionários vicentinos poloneses a

[29] Dados retirados do texto Centenário da Chegada dos Primeiros Missionários Poloneses, disponível em **http://www.cmps.org.br/subpages/centenario.htm**

chegar ao sul do Brasil. Eles iniciaram uma obra missionária que agora, cem anos depois, se chama Congregação da Missão Província do Sul.
No dia 27 de junho, às 15.00 h embarcaram no navio "Itaipava" que os levou até o porto de Paranaguá, onde desembarcaram no dia 29 do mesmo mês. No dia seguinte, 30 de junho, tomaram o trem que os levou à Curitiba. A viagem demorou 6 h. Foram recebidos pelos coirmãos P. Desidério Deschand e P. Mello que trabalhavam no seminário diocesano. No dia 4 de junho, um sábado de manhã, foram em carroça para a Colônia Thomaz Coelho, na Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios do Iguaçu, hoje Araucária. A viagem entre Curitiba e Thomaz Coelho demorou 2.00 horas. Foram recebidos com festa pelos colonos poloneses.

Os jornais da época deram destaque à chegada dos missionários:

> Bem vindos! Os esperados padres Missionários de Cracóvia desembarcaram, no dia 29 de junho último, em Paranaguá e em Curitiba, aos 30. Em nome de todos quantos receberam com alegria esta boa nova que lhes despontará, qual aurora, a mente, e cujos corações tocados pela expectativa de um alvorecer mais risonho vibraram intensamente, apresentamos, jubilosos, boas vindas (Gazeta Polska, edição de 4 de julho de 1903)

> Já chegaram a esta capital os 3 padres da Província de Cracóvia, da Congregação da Missão, a pedido do Exmo. Sr. Bispo. São os PP. Boleslau Bayer, Hugo Dylla e Francisco Chylaszek e mais um irmão coadjutor Alexandre Wengrzyn. Já tomaram posse da Capelania de Tomás Coelho e pregarão Missões. (Estrela da Manhã, edição de 12 de julho de 1903)

Eis como o P. Hugo Dylla descreveu suas primeiras impressões sobre o novo campo de missão:

> [...] Designaram-nos provisoriamente para a Colônia Tomás Coelho, distante 20 km da cidade. Os colonos souberam do fato e enviaram alguns para certificarem-se de nossa chegada.
> Partimos na manhã do dia 4 de julho de 1903, afim de realizar os ofícios religiosos no domingo. Recebemos vinho de missa e de mesa dos padres lazaristas do seminário, onde nos hospedamos. Esperançosos de que Deus abençoaria nosso trabalho, partimos. O dia era lindo e ao longo do caminho cruzamos com poloneses que nos saudavam, pois a noticia da vinda dos padres poloneses espalhou-se por toda a região.
> [....] Recepcionaram-nos com foguetes. Um numeroso grupo de pessoas havia se reunido para contemplar os novos sacerdotes. Há três meses os fiéis não tinham ofícios religiosos e eis que aparecem três padres de uma só vez.
> A casa paroquial é pequena, um tanto estragada, com as cercas caídas. Tudo será restaurado no devido tempo. Em compensação a igreja é de bom gosto e agradável. Localiza-se numa pequena *elevação.* É limpa e a mesa

> de comunhão, bem como o púlpito, são artisticamente trabalhados. Os castiçais, estandartes e outros utensílios sagrados, são como nas melhores igrejas europeias.
> No primeiro dia estranhamos a nova moradia. Em redor tudo era silêncio e vazio. Somente existem algumas casinhas distantes. Em contrapartida, o panorama é exuberante. (...) A nossa colônia estende-se por três milhas e as moradas dos colonos acham-se disseminadas pelos morros e canhadas.
> *[...] espalhou-se a noticia pela colônia que os padres vieram e que haveria missa. Pelas 10 h (do dia 5, domingo) reuniu-se uma multidão de colonos diante da igreja: esqueci que me encontrava no Brasil. Tive a impressão de estar pregando missões na Galícia. São os mesmos honestos e piedosos poloneses, os mesmos costumes, as mesmas vestes, os mesmos ofícios religiosos, os mesmos cânticos na igreja. Antes da missa ressoa o "Haec est dies", a procissão e as mesmas vésperas.*
> *[...] Ofereciam tudo aos sacerdotes. Já no primeiro dia um colono nos trouxe uma broa, um saco de batatinhas e três frangos. No dia seguinte já tínhamos algumas galinhas, broas, manteiga, dezena de cabeças de repolho.*
> *[...] Ainda que o país seja tão estranho, pois o sol nos ilumina do lado norte, ainda que a lua fique no avesso e sejam completamente outras as estrelas do firmamento,(....) apesar da vastidão do oceano e milhares de milhares de distância de nossa pátria, sempre me parece, bem como a meus companheiros, de que nos encontramos na Galícia, entre os nossos. Perguntamo-nos, será isto efetivamente o Brasil? será que estamos realmente tão longe de Cracóvia ? (Centenário da Chegada dos Primeiros Missionários Poloneses)*

O objetivo da vinda dos missionários poloneses ao Paraná foi a assistência espiritual dos colonos poloneses. Essa se concretizou no atendimento paroquial e nas missões populares. O primeiro campo de ação foi o curato de S. Miguel em Thomaz Coelho. As missas e demais sacramentos eram celebrados em latim e polonês. Thomaz Coelho foi elevada a categoria de paróquia somente em 1936 e seu primeiro pároco foi o P. Boleslau Bayer. Dos quatro primeiros missionários, os padres Francisco Chylaszek e Hugo Dylla dedicaram-se às missões populares. O P. Boleslau Bayer era o superior e se dedicou mais aos trabalhos pastorais em Thomaz Coelho auxiliado pelo Ir. Alexandre que era um grande organista. Já em 1904 iniciaram as missões populares para os imigrantes poloneses. As missões seguiam o esquema tradicional: pregações, missas, confissões e outros exercícios de piedade (procissões, terço, via-sacra.) A princípio as missões eram destinadas aos imigrantes poloneses, pois os padres ainda não dominavam a língua portuguesa. Duravam, no mínimo quinze dias, divididos em duas etapas: uma semana para os homens, adultos e jovens; outra para as mulheres, senhoras e moças. As missões terminavam com a Missa Solene, Comunhão geral, Benção do Santíssimo e implantação do Cruzeiro com a inscrição "Salva tua Alma" (*Zbaw Dusze Swoja*).

Nos primeiros anos não havia ainda uma equipe missionária fixa. Todos os padres eram missionários e pregaram as missões conforme as necessidades e as possibilidades. Assim o P. Bayer, que passou os quarenta anos de sua permanência no Brasil, em Thomaz Coelho, pregou missões em Abranches, na igreja do Rosário em Curitiba e em outras paróquias. Os padres que vieram da Polônia sabiam que com o passar dos anos seu trabalho não se restringiria ao atendimento espiritual dos imigrantes poloneses, mas devido ao aumento da população e à escassez de padres, deveriam estender o campo de ação também a cristãos de outras nacionalidades. Para isso sabiam que precisariam de padres oriundos do Brasil. Os primeiros candidatos surgiram entre os descendentes de poloneses. Já em 1906 um jovem da família Sandecki, morador de Thomaz Coelho, foi enviado para a Polônia para os estudos eclesiásticos. A importância da Colônia para a Igreja Católica pode ser observada nas descrições acima. A Igreja de São Miguel, descrita pelo P. Hugo Dylla continua instalada no mesmo local.

A Igreja se constituía no ponto de encontro dos moradores, onde além das celebrações aconteciam reuniões para a discussão dos assuntos ligados á comunidade, o que explica o fato de que os moradores de Roça Velha continuam frequentando a mesma igreja, embora haja outras mais próximas, para manter sua identidade. As comemorações religiosas que ocorrem na Igreja de São Miguel, mantém muitos dos aspectos tradicionais e é possível observar que os frequentadores idosos, continuam sentando separado, homens de um lado e mulheres do outro. As entrevistadas, do local, frequentam a Igreja de São Miguel, onde também se localizam o salão paroquial e a capela mortuária (ver figuras 4, p. 113 e 5, p.114).

FIGURA 4 – IGREJA, CAPELA MORTUÁRIA E SALÃO PAROQUIAL



Foto de Cristina Surek (2010)

FIGURA 5 – CEMITÉRIO DE SÃO MIGUEL JUNTO AO SALÃO PAROQUIAL



Foto de Cristina Surek (2010)

Neste Núcleo aconteciam os encontros dos moradores aos domingos, para a missa e discussão dos problemas do povoado, rompendo o isolamento da semana e passando do espaço cotidiano na chácara familiar ao espaço social da reunião de domingo.

Os moradores falavam cotidianamente o polonês, o que já não ocorre.

A partir da década de 1970 a região sofreu uma profunda transformação que marcou para o município de Araucária a expansão urbano-industrial o que intensificou a desarticulação da colônia polonesa.

A instalação da Refinaria da Petrobrás e da Cidade Industrial de Araucária CIAR. Asfalto, viadutos, rede elétrica e terraplanagem modificaram vertiginosamente a paisagem agrícola.(conforme figura 6, p. 115)

FIGURA 6 – INÍCIO DA TERRAPLANAGEM PARA A CONSTRUÇÃO DA REPRESA



Foto do acervo de Luiz Patyk

A urbanização começou pelas bordas da Colônia, com o surgimento de loteamentos e com a saída de pequenos proprietários.

Ao tratar da temática Gil Filho (1994) afirma que a colônia polonesa perpetuou-se graças a um processo comunitário baseado na tradição, e que grandes mudanças poderiam levar à destruição da identidade cultural e do auto reconhecimento enquanto comunidade.

A implantação da Refinaria da Petrobrás – REPAR, abriu as portas ao capital industrial em Curitiba e em Araucária, culminando com a construção da CIC e da CIAR. O processo que se iniciou na década dos anos 1970, avançou na década de 1980, especialmente com a construção da barragem de captação de água do rio Passaúna, marcando assim a desarticulação do último foco tradicional polonês na Grande Curitiba.

Mesmo com o processo de desarticulação a terra continuou sendo o elemento fundamental para a sobrevivência, com as atividades diversificadas devido às sucessivas divisões de propriedade ocorridas por questões de herança.

A possibilidade ou obrigatoriedade de buscar trabalho na cidade muitas vezes atraia e ainda atrai os jovens, que consideram o trabalho agrícola pesado e pouco valorizado, enquanto o trabalho na indústria e comércio remunera melhor e inclui direitos aos benefícios sociais.

No processo de modernização a colônia polonesa mais antiga e numerosa do Paraná cedeu seu espaço à industrialização. O centro tradicional de São Miguel viu suas terras inundadas pelo represamento do rio Passaúna e a Colônia se dividiu pela água, surgindo aí Roça Velha. (ver figuras 7, p.116 , 8 e 9, p.117, 10, p.118)

FIGURA 7 – VISTA DE PROPRIEDADE EM THOMAZ COELHO ANTES DA INUNDAÇÃO



Acervo Luiz Patyk

FIGURA 8 – VISTA PARCIAL DE PROPRIEDADE COM PARTE COBERTA PELO LAGO



Acervo de Casemiro Rendak

FIGURA 9 – VISTA PARCIAL DA REPRESA DO PASSAÚNA



Foto de Cristina Surek (2009)

Com o crescimento de Curitiba os municípios da região metropolitana também cresceram aumentando as necessidades da população, em especial no que diz respeito à água. Em 1974, o rio Passaúna foi selecionado como uma das fontes de abastecimento de água de Curitiba, sendo projetada uma barragem de contenção cujo lago cobriu cerca de 800 hectares de terra com lavoura, campos, jardins, quintais, casas, fornos, olarias, vinícolas, afinal tudo o que foi construído pelos homens em quase 100 anos.

FIGURA 10 – VERTEDOURO DA REPRESA DO PASSAÚNA



Foto de Cristina Surek (2009)

Moradores entrevistados na época diziam:

> Aqui tem armazém, galpão, casa de moradia, paióis, galpão grande. E também dois paióis de troncos que servem de depósito. Foram construídos pelos meus bisavós. Era a sede, mas depois construímos estas casas de cá. Meu bisavô J.C. construiu quando chegou da Polônia, em 1900 mais ou menos (A represa e os colonos, 1986, p.76) (ver figura 11, p. 119)

FIGURA 11 – PROPRIEDADE ANTES DA INUNDAÇÃO



Acervo de Casemiro Rendak

> Quando as pessoas receberem o dinheiro da indenização vão colocar no Open ou na poupança e vão continuar aqui mesmo [...] e continuar plantando, pois é o sistema de vida da gente, não dá para irmos para a cidade (A represa e os colonos, p. 76).

> O povo foi pedir melhores preços, não foi pedir para parar a construção porque não dava mais tempo. Ninguém fez nada antes porque o povo não acreditava que iria sair uma represa (A represa e os colonos, p. 76).

No final das missas de domingo só se falava da inundação que finalmente aconteceu.

Dividiram-se os moradores e quebrou-se a identidade do local e as relações sociais que solidamente se construíram no trabalho coletivo ao longo dos anos, se mantêm ainda, mesmo que parcialmente na Igreja de São Miguel e nos encontros que acontecem entre as famílias, mas perdeu-se a unidade, a vivência do cotidiano. (ver figura 12 p. 120)

FIGURA 12 – IGREJA DE SÃO MIGUEL APÓS A DIVISÃO DAS TERRAS



Acervo de Luiz Patyk

Pesquisadores da época afirmaram que o principal traço da reação dos moradores à ameaça de inundação de suas terras foi o conformismo. Ao que tudo indica, recorriam às velhas normas de conduta política de seus ancestrais poloneses que trouxeram da Polônia autoritária e conservadora um rígido código de obediência às autoridades. A postura construída ao longo dos anos em que não se exigia desta população nenhuma participação política e muito menos reivindicatória fez com que não houvesse contestação quanto à necessidade da represa ou ao direito do Estado intervir na privacidade do cidadão.

> Vamos nos mudar para Roça Velha a uns quilômetros daqui. Vamos levar as benfeitorias (A represa e os colonos, p. 77) (ver figura 13 p. 121).

FIGURA 13 – DE UM LADO THOMAZ COELHO, DO OUTRO ROÇA VELHA



Acervo de Casemiro Rendak

6.3 Roça Velha – Primeiras Aproximações

Nas pesquisas e documentos produzidos durante o período que antecedeu a instalação da represa que foram acessados, tais como os escritos produzidos por Bueno, Filipak, Gil Filho, Kersten, Wachowicz e a Caracterização Socioeconômica da Colônia Thomaz Coelho, documento produzido pelo IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social) em 1987, as atividades das mulheres estavam vinculadas à rotina doméstica, alternando-se entre o preparo dos alimentos que se iniciava com o café entre cinco e seis horas da manhã, o trabalho no campo, o jantar, o terço em família e o recolher-se cedo para dar conta do dia seguinte.

A rotina se completava com o preparo de broas e conservas, a faxina da casa no sábado, a lavagem da roupa, a ida à missa aos domingos e a participação de festas familiares ou na sociedade local.

> Minha avó era muito organizada. Tinha cada dia uma coisa. Segunda-feira ela lavava roupa.[...] No outro dia era fazer alguma plantação. Daí tinha um dia na semana que era para buscar lenha no mato[...] De tarde, a gente ia buscar trato pras vacas[...].Às três horas da tarde era a hora de soltar os gansos e marrecos pra fora[...] No sábado era feita a limpeza da casa.(Krainski apud Bueno, 1999, p. 52).

A divisão do trabalho familiar era definida de acordo com o sexo. A derrubada da mata e o trabalho com o arado ou trator eram realizados exclusivamente pelos homens, sendo a capina e a colheita realizadas também por mulheres e crianças. As tarefas domésticas eram consideradas como trabalho exclusivamente feminino. (conforme figura 14, p.123)

FIGURA 14 – MORADORES TRABALHANDO NA TERRA (1983)



Acervo de Luiz Patyk

O trabalho com os tratores e o transporte da produção e mesmo a negociação direta com o intermediário ou o consumidor eram de responsabilidade dos homens, assim como a escolha do mercado; as mulheres não costumavam tomar parte nas transações comerciais.

Atualmente em Roça Velha, local escolhido para esta pesquisa, observei que há um número significativo de mulheres, algumas mais velhas, originárias das áreas rurais, esposas de proprietários de terra, que organizam as relações sociais em torno de laços familiares que, por conta de sua descendência, mantêm alguns traços da cultura polonesa, trazidos pelos seus antepassados e mantidos pelas mesmas, tais como a organização das festas de Páscoa, com a benção dos alimentos, a ceia de Natal composta de 11 pratos diferentes e com um lugar a mais à mesa, para o visitante que chegar e a participação no coral da Igreja de São Miguel, onde cantam em polonês.

Estas mulheres, em torno das quais se organiza a vida familiar e também a social, uma vez que são elas que mantêm as tradições das festas mencionadas, participam ativamente da organização da Igreja de São Miguel e agregam em sua vida cotidiana um grupo de mulheres mais jovens, originárias do local e outras,

mulheres urbanas que, buscando uma melhor qualidade de vida optaram por abandonar a Capital e outros centros maiores, passando a residir na área mencionada.

Em sua grande maioria as mulheres locais, desempenham trabalho doméstico e quando trabalham na agricultura, não são remuneradas.

As mais jovens que se reuniram ao grupo por força do casamento, participam da produção e venda de produtos agrícolas e de laticínios, mas num papel secundário, não como decisoras, mas como auxiliares de maridos e sogros, portanto de homens.

No universo da pesquisa, há mulheres do local, que desempenham atividades agrícolas e comerciais e também atuam no setor público, como auxiliares administrativas alternando em seu cotidiano, diferentes papéis.

A partir das observações assistemáticas e de alguns relatos ouvidos é possível perceber que muitas práticas adotadas nos anos 1970 e 1980 ainda se mantêm, em especial as que estão ligadas ao fazer diário de homens e mulheres, que para os antigos moradores ainda mantem os traços da divisão do trabalho em que as mulheres eram responsáveis pelas tarefas do lar e os homens das atividades com a terra e econômicas.

É possível perceber também que embora tenha sido construída uma nova espacialidade devido principalmente à divisão da área, algumas práticas se mantêm, parece que estão cristalizadas.

Outro elemento que foi possivel perceber na observação e nos relatos de algumas mulheres do local, é a pouca importância dada à aparência enquanto demonstração de *status,* simbolizada pelas práticas de consumo, difundidas pela mídia em especial.

Em todas as casas há aparelhos de tv e todos assistem novelas, mas o *status* social não é medido pelo uso de roupas da moda. A importância do fator econômico, pode ser percebida em práticas do cotidiano, há um acompanhamento da variação dos preços de produtos hortigranjeiros e laticínios no mercado consumidor, que faz com que se alterem produção e preços de venda dos mesmos, como é possível observar na afirmação abaixo.

O Sr. Clóvis proprietário de uma grande área de terra e produtor local, diz:

> *Vou de Kombi velha para a Ceasa porque é mais seguro, menos perigo de assalto e quando vou na cidade vender os ovos e verduras também vou de Kombi velha, assim os clientes não pedem para diminuir o preço.*
>
> *O carro novo uso para levar a mulher na missa nos domingos.*

As mulheres usualmente não vão ao Ceasa (Centrais de Abastecimento do Paraná) porque é necessário ir de madrugada e elas ficam com os filhos e muitas não dirigem.

Também notou-se que há caseiros e caseiras nas casas das pessoas que moravam na capital e se mudaram para Roça Velha, nas propriedades dos antigos moradores, mesmo que agregando jovens, noras ou genros, o serviço doméstico é feito pelas proprietárias e para o serviço na lavoura são contratados trabalhadores diaristas, não há empregados permanentes.

A oposição entre urbano e rural é muito tênue, quase imperceptível, devido à proximidade das áreas urbanas e aos meios de comunicação.

Efetivamente o aspecto rural em Roça Velha se mantem, basicamente, pela questão legal definida pela Prefeitura de Araucária que, como anteriormente mencionado, não proporciona uma infraestrutura urbana no que diz respeito à asfalto e iluminação pública.

Há também outro aspecto que merece ser considerado. Embora tenha ocorrido um crescimento considerável tanto de moradores quanto de edificações, em Thomaz Coelho, existe ainda uma concentração ao redor da Igreja de São Miguel. O cemitério, a capela mortuária que é bem recente, o Seminário que agora abriga religiosas idosas que produzem geleias, licores e conservas e o espaço para festas concentram-se ao redor da Igreja, o que configura uma organização do espaço não moderna, porque mistura a fé, a tristeza das perdas e velórios com as festas que são realizadas no Salão Paroquial.

Os moradores de Roça Velha, embora existam igrejas mais próximas, continuam frequentando a Igreja de São Miguel e fazendo as festas e casamentos no Salão Paroquial, tentando manter a unidade construída pelo forte vínculo sentimental, embora entre Roça Velha e a Igreja de São Miguel, que se situa em Thomaz Coelho, exista o Jardim Califórnia, bairro que está estruturado nos moldes urbanos, com infraestrutura urbana, supermercados, escolas e igrejas de diferentes religiões.

Na Igreja de São Miguel o padre é itinerante, não reside no local e são as Irmãs que cuidam da Igreja e as mulheres da comunidade, as mais antigas, que auxiliam e organizam as celebrações e o coral, que ainda entoa canções em polonês, razão pela qual não integra as moradoras do Jardim Califórnia, que nada tem a ver com estes hábitos culturais.

Na pesquisa de campo que foi realizada com a observação, narrativas e entrevistas pode-se perceber as diferenças e semelhanças no universo feminino.

A maioria das 10 mulheres ouvidas falou cerca de 30 minutos cada uma, sobre a sua vida, que para muitas se inicia com o nascimento e para outras com o início de seu período de trabalho assalariado.

Nas falas é possível perceber que, embora a proximidade com a capital, muitos valores urbanos, presentes nas falas “das que chegaram” não compõem o repertório de algumas das locais, em especial no que diz respeito ao uso de equipamentos domésticos e mídias (computador, internet e celulares).

Outra questão é a vinculação afetiva ao local, que se deve especialmente ao apego à terra que foi comprada por pais ou avós ou herdada, que define a espacialidade feminina das moradoras do local.

Integradas numa mesma paisagem há casas antigas, de madeira e casas modernas de alvenaria, construídas pelos filhos de proprietários ou por pessoas que adquiriram a terra e construíram casas modernas.(conforme figuras 15, p.127, 16, p. 128)

FIGURA 15 – RESIDÊNCIA DE ALVENARIA DE SILVESTRE RENDAK



Foto de Cristina Surek (2010)

FIGURA 16 – CASA DE MADEIRA DE CASEMIRO RENDAK



Foto de Cristina Surek (2010)

As imagens acima mostram dois tipos de moradia, na mesma paisagem, uma de madeira, mais antiga com moradores mais velhos e outra de alvenaria, com moradores mais jovens.

Suas moradoras, embora com idades muito diferentes, mantem alguns hábitos semelhantes, como por exemplo, o trabalho no lar, o horário de acordar e dormir e os hábitos alimentares.

A vivência das mulheres que são o objeto da pesquisa ocorre em um espaço que é construído no cotidiano e que está marcado por suas representações, que também estão expressas na forma como organizam as casas, os jardins e aquilo que as circunda.

Em algumas falas das entrevistadas há menção a outro tipo de moradia, que aparece como um sonho a ser atingido, como por exemplo, a fala de Regina, cuja casa atual pode ser vista abaixo (conforme figura 17, p. 129).

Meu sonho é ter minha casa de alvenaria, agora tenho uma casinha de madeira bem pequena, dois cômodos, cozinha e banheiro, mas quero ter uma casa de alvenaria, sei que vou conseguir.

FIGURA 17 – CASA DE REGINA



Foto de Cristina Surek (2011)

7 O ESPAÇO DE RELAÇÕES SOCIAIS: GÊNERO E COTIDIANO

Há diversos teóricos que estudam a realidade e como ela se constrói e dentre eles destaca-se Berger (1998) cuja abordagem privilegia o cotidiano e a subjetividade ao afirmar que “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para os mesmos na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER, 1998, p. 35).

Ao se referir às múltiplas realidades afirma que a realidade da vida cotidiana é a que pode ser entendida como a realidade por excelência, que é apreendida de forma ordenada, composta de objetos designados como tais antes das pessoas entrarem em cena. Esta realidade está ordenada em torno do aqui (meu corpo) e do agora (meu presente), de um lugar que é geograficamente determinado.

A realidade da vida diária não se esgota nas presenças imediatas, mas a vida cotidiana pode ser percebida em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente e na maioria das vezes o que se percebe mais claramente é o que constitui as zonas mais próximas, as da ocupação diária, constituindo-se assim o espaço de relações.

O espaço como realidade relacional emerge a partir da articulação social entre pessoas e objetos. Essa relação é marcada por um processo de modelagem simbólica no plano do conhecimento num determinado meio.

Nesta perspectiva a percepção do indivíduo é que edifica o conhecimento do espaço. Esse espaço assim entendido pode ser projetado como um universo de imagens espaciais concatenadas pelas representações. (GIL FILHO, 1996, p. 54)

A experiência da espacialidade manifesta-se a partir da fixação do sujeito no mundo, de um contexto que determina um campo perceptivo, das modalidades desta fixação, segundo Bailly que observa também que o espaço geográfico é um produto social, refletindo no solo a organização social humana, a partir de uma relação dialética que preside sua formação, seu funcionamento e sua permanência. (HOLZER, 1992, p. 449).

Linda McDowell em sua obra *Gênero, identidad y lugar – Un estudio de las geografias feministas* traz à discussão uma das grandes preocupações quanto ao espaço e seu aumento em escala global que traria como consequência o desligamento das pessoas do espaço local. Segundo a autora, as mudanças relacionadas à escala global só afetam um determinado número de pessoas em

certas zonas do mundo, em especial os ricos do Ocidente, porque a vida cotidiana da maioria das pessoas continua se desenvolvendo em espaços locais. Uma grande parte das atividades cotidianas tanto do trabalho como domésticas, acontecem numa zona delimitada.

> Pero, aunque la "localización" de la vida cotidiana sea um hecho indiscutible, cabe preguntarse qué efectos producen unos cambios tan profundos como los de nuestro siglo en el " sentido del espacio". Existe aún la sensación de formar parte de un área local? Se asume la responsabilidad hacia el entorno el entorno cercano? La pérdida de la estabilidad o, por mejor decir, de la inmovilidad que antes vinculaba a la gente a un determinado lugar durante toda su vida e, incluso durante, la decadência de las costumbres que antes caracterizaban ese lugar y lo distinguian de otros? (Mc DOWELL,1999, p. 14).[30]

Mesmo que estes questionamentos sejam muito importantes para os estudos da antropologia não são menos para os geógrafos, preocupados com as consequências da modernidade, com o domínio crescente do capitalismo global e com a suposta falta de pertencimento a um lugar concreto. Porém o que é possível perceber é que há vários sinais de que o sentido do local, longe de perder-se intensificou-se em numerosas zonas do mundo.

Também como reconhecem os antropólogos e os geógrafos as mudanças que ocorreram no processo de mundialização não unificaram o mundo nem reduziram as diferenças locais porque a diferença e a diversidade não se geram na comunidade local, íntegra e autêntica, enraizada na tradição, que pode resistir ou adaptar-se ao novo sistema mundial com forças renovadas, mas, paradoxalmente, nas próprias condições das mudanças globalizadoras(Mc DOWELL, 2009, p.14).

Segundo a autora

> La preocupacion por compreender el significado del espacio, y el descubimiento de que las fuerzas de la mundializacion, mas que destruir, reconstruyen lo local, han producido, entre otros efectos positivos, uma

[30] Porém, ainda que a localização da vida cotidiana seja um fato indiscutível, cabe perguntar-se que efeitos produzem as mudanças tão profundas como as do nosso século na percepção do espaço. Existe ainda a sensação de fazer parte de uma área local? Assume-se a responsabilidade do entorno próximo? A perda da estabilidade, ou melhor dizendo, da imobilidade que antes vinculava as pessoas a um determinado lugar durante toda a sua vida e também gerações e gerações de uma mesma família, corresponde à decadência dos costumes que antes caracterizavam esse lugar e o distinguiam dos outros? (Mc DOWELL,1999, p. 14, tradução nossa).

> conceptualización más completa de la propria nocion de espacio, y un cuestionamento de la idea geográfica tradicional de lugar como conjunto de coordinadas situadas en un mapa que fijan un terrotorio bien definido y delimitado. Los estudiosos de la geografia saben ahora que el espacio es conflictivo, fluído e inseguro. Lo que define el lugar son las prácticas socioespaciales, las relaciones sociales de poder y de exclusión; por eso los espacios se superponen y entrecruzan y sus limites son variados e móviles. Los espacios surgem de las relaciones de poder; las relaciones de poder establecen normas; y las normas definem los limites, que son tanto sociales como espaciales, porque determinam quién pertenece a un lugar y quién queda excluido, asi como la situacion o emplazamiento de una determinada experiencia.(McDOWELL,1999, p.15)[31]

A construção do espaço implica na produção da escala geográfica, na medida em que cada espaço é diverso do outro. Uma casa ou uma vizinhança constituem uma localidade delimitada pela escala, isto é, regras, relações de poder que mantem fora os demais, se constituem pela interseção de um conjunto de fatores que coincidem ali, sem que por isso seu funcionamento fique restrito ao nível local.

A identidade das mulheres objeto desta pesquisa é construída, a partir de sua vida cotidiana, constituindo um mundo intersubjetivo, de contínua interação com os outros, um conhecimento do senso comum partilhado com os outros nas rotinas normais da vida cotidiana.

A identidade é formada por processos sociais e uma vez cristalizada é mantida, modificada ou remodelada pelas relações sociais, cujos processos são determinados pela estrutura social.

Pode-se também entender a identidade sob a visão de Ricouer que apresenta a “identidade idem” e “identidade ipse”.

O conceito de identidade é apresentado por ele em sua característica de equivocidade , ou seja, dupla significação (mesmo e outro).

> Identificar alguma coisa é poder fazer que o outro conheça , no seio de uma gama de coisas particulares do mesmo tipo, aquela sobre a qual é nossa intenção discorrer (RICOUER , O si mesmo como outro, 1991, p.39)

---

[31] A preocupação por compreender o significado do espaço e o descobrimento das forças da mundialização, mais que destruir, reconstroem o local, produzindo entre outros efeitos positivos uma conceituação mais complexa da própria noção de espaço e um questionamento da ideia geográfica tradicional de lugar como conjunto de coordenadas situadas num mapa que fixam um território bem definido e delimitado. Os estudiosos da geografia agora sabem que o espaço é conflitivo, fluído e inseguro. O que define o lugar são as práticas socioespaciais, as relações sociais de poder e de exclusão, por isso os espaços se sobrepõem e entrecruzam e seus limites são variados e móveis. Os espaços surgem das relações de poder, as relações de poder estabelecem as normas e as normas definem os limites que são tanto sociais como espaciais, porque determinam quem pertence a um lugar e quem fica excluído, assim como a situação ou a localização de uma determinada experiência. (McDOWELL,1999, p.15, tradução nossa).

Ao definir a identidade como dupla significação esclarece que a identidade idem é aquela que permite ao “self” sua mesmidade no espaço e no tempo e, a identidade ipse é a que permite ao “self” inovar.

Não haveria qualquer identidade sem a composição dessas duas facetas em uma única. São duas faces da identidade que se unem na medida em que estão na regra da causalidade natural.

Para a primeira há uma causalidade física e para a segunda a causalidade é intencional. Não é pela verificação empírica que tal “self” é apreendido e unificado, mas pelo que Ricouer chama de testemunho.

Ao analisar o espaço das mulheres nos Estados Unidos, Mitchell (2000) afirma que as mulheres foram parcialmente isoladas dentro e sob certos tipos de espaços, não como parte de uma grande conspiração, mas como consequência das decisões sociais tomadas por atores individuais e coletivos para a criação de uma paisagem suburbana e da transformação das funções femininas na sociedade industrializada.

Um grupo de estruturas geográficas sociais foi criado dessa forma o qual teve, e tem, o efeito de reproduzir e reforçar certas normas culturais, formas sociais e realidades espaciais. A manutenção dessas estruturas então se torna um objetivo, do qual esses atores se beneficiam, buscando com que as mesmas sejam entendidas não como estruturas sociais, mas como ordens naturais (MITCHELL, 2000, p. 200)

Na perspectiva da geografia a omissão científica da mulher enquanto sujeito social, tem sido apontada por geógrafas feministas que buscam a inclusão do gênero como objeto de estudo da geografia.

Esta constatação não se restringe à geografia, mas está presente também nas outras ciências. Narayan, apud JaggarA (1997) analisando a participação das mulheres na epistemologia afirma que as mulheres têm sido frequentemente excluídas de áreas de prestígio da atividade humana (a política ou a ciência, por exemplo), o que fez com que essas atividades parecessem muitas vezes acentuadamente masculinas. Nas atividades das quais não foram excluídas como o trabalho de subsistência, sua contribuição tem sido erroneamente considerada como secundária e inferior à dos homens, o que de certa forma sustenta a invisibilidade da mulher não só nas abordagens científicas mas também na construção de seus espaços de representação (JAGGAR, 1997, p. 276).

Ao analisar a construção da masculinidade que o Promise Keepers, grupo de homens de base religiosa do Colorado fundado por Bill MCCartney, denominado Mensageiros da Promessa defende, Mitchell afirma:

> What is also apparent in Promise Keepers sucess and the concomitant lack of critical attention in the main-stream media is the degree to wich gendered dividions within families and within society at large are simply taken for granted (and actively reinforced) by many, many people. "Men and women have never been anything less than in God's eyes", one woman PK supporter argued in the Hartford Courant,"and God knew what He was doing when He set up the model for marriage with a loving and caring man at its head and a wife who is his partner and helpmate. Real women are not threatened by this model, but freed and empowered to fully develop all their womanly potential (MITCHELL, 2000, p. 203) [32]

Considera ainda que o ponto importante, no entanto, é que hipóteses tidas como certas sobre a naturalidade de divisões de gênero são por si próprias mantidas e reforçadas por divisões de espaço por gênero – divisões de espaço que permaneceram bem invisíveis em toda a cobertura da mídia da passeata do Promise Keepers .

Os grupos atribuem diferentes significados aos espaços e cada espaço pode ser ocupado por uma série de diferentes grupos e as práticas dos mesmos estarão imbuídas com diferentes significados e tempos distintos.

A geografia feminista procura compreender como o sujeito feminino é construído dentro das estruturas de dominação sócio-espaciais.

A rotina das mulheres é muito significativa para o entendimento do espaço vivido e percebido pelas mesmas.

Os espaços do cotidiano demonstram como e quando as mulheres desempenham suas atividades. Há uma forte articulação entre o espaço temporal e

[32] O que também ficou aparente com o sucesso da corrente Promisse Keepers (Guardiões da Promessa) e com a falta concomitante de uma atenção crítica no veio principal da mídia foi o grau com que foram criadas as divisões de gênero nas famílias e dentro da sociedade como um todo, tornando o conceito óbvio (e reforçado ativamente) por muitas, mas muitas pessoas. "Homens e mulheres nunca foram nada menos aos olhos de Deus", discursou uma mulher defensora da corrente PK na Hartford Courant, "e Deus sempre soube o que Ele estava fazendo quando definiu o modelo de casamento tendo um homem amoroso e cuidadoso como o cabeça da família e a esposa sua parceira e auxiliando-o nesta tarefa. Uma mulher de verdade não se sente ameaçada por este modelo, mas sente-se liberta e forte para desempenhar plenamente todo seu potencial feminino.
(MITCHELL, 2000, p. 203, tradução nossa) .

fortes estruturas sociais que são influenciadas pelo que a sociedade espera que as mulheres sejam ou façam. Sobre isso Mitchell afirma:

> The “sequestring” of woman in the home was itself a product of chnaging ideologies of domesticity associated with the rise of the bourgeoisie-ideologies that some called the “cult of domesticity” or the “cult of true womanhood”. So hard were this ideologies pushed, and so entrenched did they become, at last among those with access to the bourgeois media, that by the end of the nineteenth century, in such purveyors of taste and proper behavior as women’s magazine, “there was no accepted role for vomem outside this model, and consequently there was no dwulling type based om other roles. Even historians and social scientists of the time insisted that the nuclear family had always existed, everywhere the God - given state for humam beings. Books of architectural drawings, along with ilustrations in turn-of the century magazines, worked hard to shape domestic space to reflect and reinforce this ideal.((MITCHELL, 2000, p. 204).[33]

O chamado culto à domesticidade, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX, girava em torno de uma nova glorificação da maternidade e da vida doméstica, mas o trabalho das mulheres não estava restrito somente ao trabalho doméstico, elas organizaram sociedades beneficentes, sociedades femininas de reforma e missões estrangeiras e uma vasta liga antialcoólicos, além de instituições filantrópicas e de caridade.

Assim como ocorreu com as mulheres geógrafas, os registros dos trabalhos femininos não receberam a visibilidade adequada ao trabalho realizado por elas, porque as atividades eram não remuneradas, portanto não consideradas como trabalho produtivo.

No período compreendido entre 1890 e 1920, conforme Lasch (1999, p.117) a Federação dos Clubes Femininos chegou a ter 2 milhões de sócias que garantiram a votação de todas as leis progressistas de proteção da criança e do lar, nos Estados Unidos.

---

[33] O isolamento da mulher em sua própria casa foi, por si só, um produto da mudança da ideologia doméstica com a chegada da ideologia burguesa que alguns chamaram de “culto à domesticidade” ou de “culto à real feminilidade”. Tais ideologias foram inseridas com tal rigidez, e tornaram-se tão arraigadas, pelo menos entre aquelas com acesso à mídia burguesa, que ao final do século XIX, nas publicações sobre costumes, gostos e comportamentos, as revistas femininas, “não havia papel aceitável de mulher fora deste modelo, e consequentemente não havia outro tipo de moradia baseada em outros papéis que não esse. “Historiadores e cientistas sociais da época insistiam que o núcleo familiar havia sempre existido, em todos os lugares havia sido dado por Deus para os seres humanos. Livros de desenhos arquitetônicos, juntamente com ilustrações nas revistas do final do século, determinavam com bastante rigidez um espaço que refletisse e reforçasse esse ideal. (MITCHELL, 2000, p. 204, tradução nossa).

O trabalho das mulheres como voluntárias sustentou uma vasta gama de serviços públicos, tais como bibliotecas, hospitais, creches, centros sociais e museus, sendo considerado a era progressista, que foi o auge da cidade bonita, americana.

O rápido crescimento do subúrbio que se iniciou entre as décadas de 1940 e 1950 , fez com que as pessoas se mudassem em busca da privacidade total.

Segundo Lasch, os subúrbios:

> Pareciam institucionalizar o princípio da livre e ilimitada escolha, por terem sido projetados para excluir tudo que não fosse possível de escolha – o trabalho, a família extensa, a sociabilidade forçada das ruas da cidade. Os americanos queriam deixar tudo para trás quando buscaram a solidão dos subúrbios, onde, acreditavam não precisavam dar satisfação a ninguém (LASCH, 1999, p.123).

Foi no espaço do subúrbio que as mulheres se tornaram mães e donas de casa em tempo integral. A família era descrita como um santo refúgio, uma fortaleza, uma ilha de serenidade e apoio em um mundo artificial, agitado e geralmente mesquinho.

Lasch, assim como Mitchell, entende que a mudança provocada pela ideologia burguesa, excluiu a família extensa e os vizinhos do lar suburbano da classe média americana, fazendo com que as donas-de-casa se sentissem proprietárias únicas do lar, livres para organizar tudo como queriam.

E foi nesse espaço do cotidiano que a divisão de tarefas se fortaleceu, separando os papéis masculinos e femininos, reforçando as divisões e mantendo a mulher no lar, enquanto o homem era o provedor, era quem tomava as decisões enquanto as mulheres cuidavam dos filhos e da casa.

A insatisfação de algumas mulheres, que se sentiram aprisionadas e insatisfeitas com o modelo estabelecido levou aos primeiros movimentos no início dos anos 1960.

Em pouco tempo aquilo que deveria ser o sonho, transformou-se em pesadelo, cada sexo invejava a vida levada pelo outro; os homens invejavam a segurança doméstica desfrutada pelas esposas e as mulheres invejavam a carreira empolgante dos maridos, e os filhos que supunha-se fossem os maiores beneficiados, deixaram de ter objetivos maiores e perderam o senso de comunidade natural ou moral.

O descontentamento crescente fez com que as mulheres fossem em busca do trabalho realizado no espaço público, buscando a profissionalização, o trabalho remunerado, a carreira, o que de certa forma pode ser considerado uma ameaça aos papéis desempenhados pelos homens, os quais acabaram criando organizações como o Promise Keepers, que com bases religiosas considera naturais as divisões de gênero na família e na sociedade como um todo.

A contestação da família patriarcal que ocorreu pela mudança do trabalho feminino e da conscientização da mulher, integra os processos de mudança do século XX. Estes processos são impulsionados pelo crescimento da economia informacional global, mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie e o impulso poderoso promovido pelas lutas da mulher e pelo movimento feminista.

Globalmente estas transformações, que alcançaram Araucária e Roça Velha, contexto deste estudo.

8 AS MULHERES DE ROÇA VELHA

> “O tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência cultural.” (RICOUER, 2010, p. 09)

Antes de iniciar o relato da pesquisa realizada com as mulheres de Roça Velha são necessárias informações do espaço atual ao qual estão vinculadas as entrevistadas.

Na Caracterização Socioeconômica da Colônia Thomaz Coelho, realizada pelo IPARDES (1987) após a construção da barragem do Passaúna com a finalidade de indenizar os proprietários que tiveram suas terras alagadas, há dados representativos da realidade na época, dos quais retirados alguns, por serem considerados significativos para este estudo.

As propriedades eram consideradas como unidades de produção e de consumo, onde as relações de produção ocorriam em função dos laços de parentesco. Foram entrevistadas 20 famílias que eram proprietárias de terra, sendo que nestas o tamanho médio da família era de 5 pessoas formando uma população de 91 pessoas, com faixa etária compreendida entre 1 e 70 anos. Destes, 17 estavam na faixa de 41 a 50 anos.

Quanto à escolaridade, entre os jovens de 20 a 28 anos (12 na mostra da pesquisa) tinham concluído o ginásio, uma moça de 20 anos cursava a Faculdade de Letras na UFPR (Universidade Federal do Paraná) duas tinham concluído o magistério e um rapaz de 16 anos estudava no CEFET - PR (Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná).

Todos os proprietários e a maioria dos membros da família trabalhavam na lavoura; as crianças em suas horas vagas e as mulheres além do trabalho doméstico também trabalhavam na lavoura. Mesmo os que estavam inseridos no mercado de trabalho, nos finais de semana ajudavam no trabalho da família.

Uma particularidade registrada no documento; somente na família brasileira os meninos ajudavam no trabalho agrícola, as meninas e a mãe só faziam o trabalho doméstico.

Entre os entrevistados 9 tinham iluminação elétrica em casa sendo que os demais usavam, lampião a gás. Dos 20 produtores, 19 possuíam rádio, 13 tv preto e branco, 7 batedeira de bolo, 4 tv em cores, 2 aparelho de som e telefone e 1 radiola.

Embora nos estudos preliminares à construção da barragem do Rio Passaúna e da represa os estudos desenvolvidos à época (1987) pelo IPARDES apontassem para um grande desenvolvimento da região e em especial de Thomaz Coelho, Roça Velha e adjacências, motivado especialmente pelo aumento de produção agrícola para abastecer Curitiba e a região metropolitana e também pela inserção dos colonos como produtores mercantis, o que se observa atualmente é que o fato não aconteceu conforme previsto, porém houve uma mudança significativa tanto no que diz respeito aos moradores quanto no que se refere às moradias e ao valor da terra.

As grandes mudanças se iniciaram com a instalação da Cidade Industrial de Curitiba – CIC, pela FIEP - Federação das Indústrias do Estado do Paraná, na área que faz divisa entre Curitiba e Araucária, o que ocorreu em 20 de janeiro de 1973. A área escolhida compreendia 40 quilômetros quadrados no município de Curitiba e foi definida levando-se em conta vários fatores, dentre os quais a bacia do Rio Barigui, o rio Passaúna e os ventos dominantes que por estudos já realizados mostravam que a maioria dos ventos de Curitiba tem o sentido do centro para fora, passando pela cidade. Assim sendo os eventuais problemas de chaminés não trariam a fumaça para o centro da cidade, pensou-se em eliminar ou minimizar o impacto para a capital, mas nada foi pensado quanto à Araucária.

Segundo Flavio D'Aquino, coordenador de implantação da Cidade Industrial de Curitiba - CIC " o projeto da Cidade Industrial era a única mercadoria que nós (o Paraná) tínhamos para oferecer no cenário do chamado milagre brasileiro".
(Memória da Curitiba Urbana, 1991,p. 299).

Vários órgãos do governo do Paraná se mobilizaram e trabalharam de maneira integrada para a implementação da Cidade Industrial e embora a mesma estivesse localizada entre Curitiba e Araucária não há registros de que tenha ocorrido uma participação efetiva dos representantes de Araucária nas discussões e tomada de decisões.

Conforme depoimento de Flávio D'Aquino:

> A COHAB-CT fez cerca de 60 mil unidades habitacionais, no total. Se colocarmos cinco habitantes por unidade, teremos trezentas mil pessoas morando ali. E se formos analisá-la por outro ângulo, seria a sexta ou sétima cidade do Estado em termos de arrecadação. Se vem uma indústria, é preciso ter escola para os filhos dos funcionários, casa para o trabalhador... (Memória da Curitiba Urbana, 1991, p. 305).

Esse processo de industrialização trouxe trabalhadores das diferentes partes do pais e mudou fortemente a composição populacional tanto de Curitiba quanto de Araucária, mudança que impactou tanto homens quanto mulheres.

Também é importante destacar que o município de Araucária cresceu significativamente desde que se iniciou o processo de urbanização e industrialização em meados dos anos 1970.

Conforme dados do Censo IBGE 2010 a população era de 119.123 habitantes com uma densidade demográfica de 253,90 hab/km2 sendo o 13º. município do Paraná em número de habitantes.

O Centro Industrial de Araucária – CIAR se constitui de 46.137.500 m2 de área destinada ao polo industrial, sendo a agroindústria e a petroquímica as indústrias mais importantes, conforme dados da Prefeitura de Araucária (2011).

Possui também a CODAR – Companhia de Desenvolvimento de Araucária que incentiva e define a implantação de indústrias no município.

Conforme dados do IBGE (2010) Araucária é o 35º. município do Brasil usando-se o critério de PIB não *per capita*.

Roça Velha, após a divisão da terra pela represa do Passaúna, permaneceu na área rural de Araucária o que impediu e impede a divisão da terra em loteamentos, com metragem pequena que poderiam ser comercializados pelos proprietários e que mudariam a paisagem que ainda se constitui de propriedades de mais de 10 mil m2, porém os novos proprietários, ou seja os que adquiriram terras nos últimos 20 anos construíram casas de alto padrão e utilizam a terra para plantio ou criação e adestramento de animais.

FIGURA 18 – CASA DE UMA DAS MULHERES QUE CHEGARAM



Foto de Cristina Surek (2010)

Os habitantes do local que continuam morando distantes uns dos outros, considerando-se o adensamento urbano, constituem-se dos antigos proprietários ou de seus herdeiros que continuam plantando, mas sem um sofisticado aparato de tecnologia, até porque alguns deles plantam sem finalidade comercial, e dos moradores mais recentes que se utilizam de tecnologia para o plantio. É nesse espaço que as mulheres vivenciam seus papéis de gênero (conforme figura 18, p. 141 e 19, p.142).

FIGURA 19 – O PLANTIO EM ROÇA VELHA



Foto Cristina Surek (2009)

8.1 O Cotidiano das Mulheres de Roça Velha

Antes de iniciar a análise das categorias elencadas considera-se importante trazer algumas informações do cotidiano das mulheres entrevistadas.

Das moradoras entrevistadas, das do local, Fernanda tem 66 anos e é uma das antigas moradoras. Nasceu em Roça Velha, quando ainda era Thomaz Coelho e vive na região até agora. Reside na área que não foi alagada pela represa em casa de madeira construída após o alagamento de parte de suas terras. Frequentou somente as duas primeiras séries do ensino fundamental; é casada, tem 5 filhos adultos, sendo dois solteiros, um deles que reside com os pais. Atualmente cuida da casa, dos afazeres domésticos, dos netos quando necessário, mas, quando mais jovem auxiliou o marido e os filhos na lavoura.

Sua rotina diária é levantar-se, preparar o café, servi-lo aos que estão em casa. Preparar o almoço, atender o marido que no momento está preso a uma

cadeira de rodas, atender a criação (aves, cavalo, vaca e cachorros) e cuidar da casa. Participa também dos grupos de oração, das novenas que acontecem na casa dos moradores vizinhos, das festas de aniversário da família e dos vizinhos e também das festas da Igreja. Também vai aos bingos que são promovidos pela igreja ou pelo clube de Araucária. Não dirige e não usa celular e nem internet.

A outra, Ana tem 32 anos, nasceu no local, tem dois filhos pequenos, mora numa casa de alvenaria, construída após o seu casamento com um dos herdeiros (aquele que recebeu por herança parte das terras da família), possui uma casa excelente com tudo que é necessário para que se tenha conforto. Frequentou a escola até a quarta série do ensino fundamental. Auxiliava o marido nas atividades agrícolas, mas prioritariamente atende a casa e os filhos. Atualmente o marido deixou de plantar com o objetivo comercial e planta somente para subsistência, o que reduziu o trabalho na agricultura. Ela trabalha numa empresa no período da manhã. A decisão de reduzir o plantio deve-se ao fato da dificuldade de colocar os produtos no mercado recebendo por eles, um preço justo. A concorrência dos grandes fornecedores é muito grande, causando prejuízo ao pequeno agricultor, fato comprovado na vida de Ana, nos dois últimos anos. Além da rotina doméstica diária que inclui lavar, cozinhar, passar e manter a casa e o jardim em ordem lê, em especial, revistas e livros para sua filha e seu filho, assiste tv, visita a família próxima, em especial nos finais de semana e em ocasiões especiais e também ajuda a cuidar do sogro que está doente. Participa das festas da Igreja e vai aos bingos. Usa celular mas não dirige, embora o marido tenha carro.

A terceira, Silvia tem 23 anos, nasceu em Curitiba porque sua mãe fazia o pré-natal na capital, mas a família é originária da região, onde sempre residiu. Casou-se recentemente com um dos filhos das famílias que se mudaram para Roça Velha nos últimos quinze anos, herdou a casa onde reside e parte da terra de sua mãe, que é falecida. Possui curso superior completo, trabalha e estuda, dedicando-se somente o necessário às atividades do lar. Sua rotina diária de recém-casada se constitui de atender as atividades domésticas básicas e trabalhar em uma empresa na área de treinamento; pretende cursar uma pós-graduação para se especializar na sua área de preferência, que é a de recursos humanos. Nos finais de semana encontra-se com sua própria família e com a do marido, vai ao cinema e aos

shoppings, dirige, lê, assiste tv e usa celular e internet. Também já esteve no Nordeste, no interior do Paraná e Santa Catarina e em Foz do Iguaçu.

A quarta, Clara tem 36 anos, é filha de um dos antigos proprietários e casou-se com um dos herdeiros de outra das famílias residentes no local, há mais de 80 anos. Completou o ensino fundamental (o antigo ginásio), auxilia o marido nas atividades agrícolas e também na produção de laticínios que são comercializados. Já trabalhou no serviço público municipal e também comercializa produtos na feira - livre semanal. A rotina doméstica diária é feita por ela assim como o atendimento à criação que inclui vacas, cavalos e aves. Nos dias em que vai para a feira, levanta-se à uma hora da madrugada para ordenhar as vacas e por volta das três horas sai de casa com o marido, porque as barracas da feira começam a ser montadas às 4 horas. Tem dois filhos adolescentes, dirige, atende sua mãe e seu pai, participa das atividades da comunidade, vai aos bingos, ao cinema e aos shoppings, usa internet e celular e também assiste tv.

A quinta, Joana tem 28 anos, também é nascida no local, é solteira, reside com a mãe e os irmãos que também são agricultores. Diariamente vai para a faculdade no período noturno e trabalha durante o dia em uma empresa na CIC, mas também auxilia nos trabalhos domésticos, dirige, vai ao cinema, aos shoppings, às festas de família e convive muito com a família do noivo. Também viaja sempre que possível, para cidades próximas. Atualmente está envolvida na construção de sua casa pois pretende se casar em breve. Dirige, utiliza celular e computador.

Das que chegaram, Claudia tem 60 anos, é natural de Wenceslau Braz, cursou o ensino médio e trabalhou enquanto solteira e depois de casada antes dos filhos nascerem. Mudou-se para Roça Velha após a aposentadoria do marido, para as terras que foram herdadas por ele. Tem dois filhos e uma filha, adultos. Possui uma casa de madeira, que foi reformada e adaptada à paisagem local. Cuida da rotina diária da casa, cozinha, viaja, utiliza internet e celular e atende as tarefas domésticas e quando necessário contrata uma diarista para auxiliá-la. Gosta de receber em sua casa, participa semanalmente de atividades voluntárias no Centro Espírita em Curitiba. Vai ao cinema, assiste tv, faz trabalhos manuais, participa das

atividades da comunidade, das festas da família e mantem um vínculo permanente com os amigos de Curitiba.

Maria tem 50 anos, é nascida em Curitiba, é formada em arquitetura e trabalha na área. Tem dois filhos adultos e também outras propriedades em Curitiba e na Lapa, as quais atende porque o marido fica ausente por alguns períodos do mês devido ao seu trabalho. Dirige e utiliza todas as tecnologias e divide seu tempo entre Roça Velha, Curitiba e a Lapa. Fez e faz cursos em áreas diversas de sua formação, participa das atividades e festas da comunidade e da família. Faz viagens internacionais e nacionais e já teve intercambistas de outros países morando em sua casa. Frequenta *shoppings,* cinema, teatro e lê bastante, além de assistir filmes na tv. Divide as tarefas rotineiras da casa com os filhos e quando recebe em sua casa contrata os serviços de alimentação e limpeza. Cuida da aparência e do corpo, razão pela qual frequenta academia de ginástica.

Carmem tem 23 anos, nasceu em Curitiba e mudou-se para Roça Velha com os pais, mas durante seu tempo de estudos e no início de sua carreira profissional, dividia-se entre Roça Velha, onde reside e Curitiba, ficando muitas vezes na capital, numa das propriedades da família. Estuda e trabalha, é jovem e muito dinâmica, mora na casa dos pais, dirige e participa da vida social tanto de Araucária quanto de Curitiba. Sua rotina diária está vinculada ao trabalho em uma das empresas da Cidade Industrial de Curitiba e ao curso de pós-graduação que está concluindo. Viaja, vai ao cinema, aos *shoppings*, lê, assiste filmes na tv, usa todas as tecnologias, tem carro próprio e dirige, auxilia nos serviços domésticos no final de semana.

Regina tem 42 anos, nasceu em Quatro Barras e morou em Curitiba e em várias cidades do interior do Paraná. Mudou-se para Roça Velha para acompanhar o marido que é caseiro de uma das propriedades. Trabalha como diarista em Curitiba, tem quatro filhos adultos, dois morando com os pais, atende os netos e sua própria casa. Sua rotina diária começa muito cedo, pois se desloca até o terminal do ônibus de onde vai para as casas nas quais trabalha em Curitiba. No final de semana atende sua própria casa, cozinha para a semana e faz as compras para a semana.

Assiste tv, auxilia o marido no plantio e nas atividades de caseiro, dirige e usa celular.

Rosa tem 40 anos, nasceu em São Gabriel do Amparo no Espírito Santo, concluiu o ensino médio e atualmente trabalha em uma das empresas da Cidade Industrial. Morava em Curitiba e mudou-se para acompanhar o marido que é profissional liberal, reside numa das chácaras e junto com seu marido atende os sogros que moram em outra casa, na mesma propriedade. Não tem filhos e tem uma experiência internacional de trabalho. Sua rotina diária inicia-se muito cedo pois sua jornada de trabalho começa às seis horas. Realiza as atividades corriqueiras da casa, participa das festas da família, vai ao cinema, aos *shoppings*, viaja, usa celular e internet. Vai à academia para cuidar do corpo e cuida da aparência.

A rotina das mulheres entrevistadas é bastante significativa para o entendimento das espacialidades femininas cotidianas e dos papéis de gênero que as mesmas desempenham.

Na observação do cotidiano das entrevistadas, de suas moradias e suas relações, do modo como se vestem e cuidam do corpo é possivel perceber, mesmo que parcialmente, em que espaços se instituem as identidades femininas e que papéis de gênero as mesmas desempenham.

Ao situar as entrevistadas, saber um pouco de suas origens, sua história, seu cotidiano pode-se entender melhor as espacialidades construídas e suas representações.

A seguir, os eixos emergentes da pesquisa são analisados.

8.2 A consciência de ser mulher, a segurança e a independência

As palavras saem quase sem querer,
Rezam por nós dois.
Tome conta do que vai dizer.
Elas estão dentro dos meus olhos
Da minha boca, dos meus ombros
Se quiser ouvir
É fácil perceber...

As palavras fogem
Se você deixar
O impacto é grande demais
Cidades inteiras nascem a partir daí
Violentam, enlouquecem ou me fazem dormir
Adoecem, curam ou me dão limites
Vá com carinho no que vai dizer..."

As Palavras – Vanessa da Mata

Neste eixo emergente é possível incluir os aspectos que envolvem os sonhos, os estudos e o trabalho das entrevistadas.

Inicia-se com o que é considerado muito marcante no universo pesquisado, a inquestionável certeza de ser mulher.

Ao analisar as afirmações "eu sou uma mulher" é possível perceber que não existe identidade entre o eu que cria, que ama ou que rejeita e o eu que já está constituído, que é visto pelo outro e que se define por suas relações com o outro.

Em nenhum dos relatos que compõem a pesquisa as mulheres questionam a sua condição feminina. Parece haver a percepção que para elas o mundo feminino foi criado pelos homens, que de certa forma ainda as submete.

Nas falas foi possível perceber um forte e claro desejo de independência, de construção de si mesma, de afirmação.

Quanto ao desejo de independência identificam-se diferenças entre as mulheres do local e as que chegaram. Nas mais jovens a necessidade de independência e profissionalização é parte integrante de sua identidade, todas desejam ser mulheres para si. Tais constatações são descritas abaixo.

Uma das mulheres ouvidas, Carmem que tem 23 anos, possui curso superior, cursa pós-graduação e faz parte do grupo das que chegaram, afirma:

> Em conversas a gente percebe, eu e minhas amigas da mesma faixa etária, nós não vamos deixar de ter a nossa independência. De repente, não estou mais casada, vou sobreviver tranquilamente com o meu filho embaixo da minha asa, sem necessitar de um apoio masculino tanto no lado de personalidade e afetivo tanto no lado financeiro de uma moradia e assim por

> diante. Eu acho que isso é bem forte, assim de ter esse orgulho de independência.

Na afirmação, percebe-se que as representações são construídas coletivamente e que a circulação das informações faz com que elas se tornem representações de um grupo, de pessoas de uma mesma faixa etária, quando a entrevistada afirma " eu e minhas amigas da mesma faixa etária".

Há também outra representação de gênero que perpassa a fala acima mencionada ao referir-se ao masculino como apoio e não de uma relação de igualdade.

Joana tem 28 anos, é do grupo das locais e diz:

> Meu maior desejo agora é me formar, porque eu nunca pensei que eu poderia chegar a esse ponto , me formar, fazer uma faculdade, agora que eu estou chegando lá eu quero cada vez mais me dedicar a alguma coisa para ter um serviço, ser independente, não precisar depender de ninguém, fazer o que quiser com o meu dinheiro, com as minhas coisas.

Na fala acima, a entrevistada expressa seu desejo de concluir uma faculdade superando o que acreditava serem seus próprios limites o que demonstra o caráter fluído das representações, ou seja que pela criatividade e mudança da vida social, tanto as práticas do cotidiano quanto as representações podem mudar.

Ainda em relação à independência, Silvia que tem 23 anos e é das do local afirma:

> Sou formada em Pedagogia porém não pretendo atuar na área escolar mas na área de treinamento empresarial, pretendo fazer pós, um curso de especialização, pretendo ser uma profissional assim bem dedicada...

> Trabalho, recentemente faz um ano e meio numa grande empresa de alimentação. O meu trabalho anterior, trabalhei fora do país, sete anos como babá em Portugal. Minha perspectiva de vida melhorar cada vez mais, trabalhar bastante e viver o melhor possível na medida do possível com bastante saúde (fala de Rosa).

Nas falas acima, é possível perceber que há uma fluidez das representações sociais, que faz com que as entrevistadas acreditem que há possibilidades de mudança na vida social e profissional.

Embora algumas delas também desempenhem os papéis de dona de casa ou exerçam atividades domésticas, estes não são mencionados, ou não se constituem em um espaço a ser mantido ou conquistado, parecem estar incorporados aos papéis desempenhados por elas.

O enfoque integrador entre o mundo do trabalho e o mundo do lar permitindo recuperar um conceito mais amplo de trabalho que inclui não somente a remuneração (que tem valor de troca), mas também o trabalho invisível, que também tem valor e é crucial para a sobrevivência do sistema social, não é mencionado.

No que se refere aos sonhos e desejos, as posturas são diversas e demonstram diferentes espaços vivenciados pelas entrevistadas, com limites variados e móveis. Na fala abaixo o desejo da entrevistada é ter uma casa de alvenaria, mudar o espaço do cotidiano e da família que poderá incluí-la num outro grupo de pessoas, num outro universo de relações. A fala da entrevistada também revela a mimeses III em que ela ao narrar, acredita que poderá concretizar o seu sonho.

> Meu sonho é ter minha casa de alvenaria, agora tenho uma casinha de madeira bem pequena, dois cômodos, cozinha e banheiro, mas quero ter uma casa de alvenaria, sei que vou conseguir (fala de Regina).

Outra das entrevistadas, Fernanda expressa a representação que possui do espaço enquanto norma definida pelas relações estabelecidas entre sua família e com as demais pessoas. Demonstra também uma construção coletiva que está presente na articulação entre vida, saúde e trabalho, constituindo um conjunto estruturado. Afirma que:

> Queria vivê até onde dá, saúde, trabalha, vivê, junta dinhero não adianta, você não leva dinhero quando more. Saúde, de bem com os filho, com toda gente (fala de Fernanda).

> Meu maior desejo é que meus filhos estudem, que se deem bem na vida, que tenham uma vida boa, longe de drogas, de bagunça, de coisas que só fazem mal. Hoje em dia tá muito difícil, pras mães, é muita droga, muita liberdade, muito botar as mãos pelos pés...(fala de Clara).

A consciência de ser mulher, a segurança e a independência estão presentes nas falas, em especial das mulheres mais jovens. É possível perceber uma postura que visa destruir a representação da mulher-para-o-homem, ainda fortemente interiorizada por algumas mulheres. As mulheres ao longo de seus relatos, falaram delas mesmo, não por egoísmo ou indiferença, mas por uma atitude mais central da relação consigo mesmas, do que com os outros.

Essas mulheres mais jovens, não se opõem aos homens, mas falam deles numa relação dialética, de interpenetração e não mais de submissão ou dependência.

> A relação homem mulher, vai muito do perfil de como a gente vai se relacionar futuramente e embaixo do próprio teto eu sei qual a visão do José a gente as vezes esbarra em situações bem difíceis de lidar porque eu penso, apesar de aqui em casa não ser assim, mas eu penso que tem que ser bem igual não é porque eu estou mais tempo em casa que eu tenho que fazer mais coisa, tem que ser 50% para cada um, mas não é bem assim. Eu sei que o José vem de uma família que ele não precisa fazer nada a mãe dele criou ele de forma totalmente diferente da que eu penso, mas eu acho que a gente vai se esbarrando e mostrando seu limite e acho que eu já consegui bastante coisa dessa divisão de tarefas (fala de Carmen).

O espaço de relações relatado por Carmem é um espaço fluído, conflitivo e inseguro que na medida em que se estabelecem as relações de poder e os limites, vai se construindo uma nova representação. Ao comparar o espaço de sua casa de origem, onde a divisão de tarefas está dividida entre tarefas das mulheres e tarefas dos homens, o que Carmem busca é a construção de um novo espaço de relações, mudanças, uma nova performance social para ela e José.

Nessas performances sociais contínuas, as mulheres entrevistadas constroem sua ipseidade que é um “si mesmo” mais pleno, em permanente evolução e que depende da vontade, da construção da identidade ipse, que é a que permite ao “self” inovar, conforme afirma Ricouer.

No discurso que se segue é possível perceber o que Ricouer denomina de mimese II. Quando há uma mediação, passa-se do mundo anterior ao texto para o

mundo do texto, o antes e o depois, o projeto e a execução. A mimese II promove a mediação entre acontecimentos individuais e uma história considerada como um todo e consegue dar um sentido a atos, que isoladamente, não representam nada.

> O que que eu pretendo? me formo este ano, no ano que vem pretendo fazer um curso de inglês, algo assim ou talvez futuramente fazer minha pós .
> Deixei de estudar porque ali não tinha condições, não tinha escola perto, tinha que mandar para a cidade e o medo do pessoal que trabalha na lavoura, na roça de mandar a criança ir sozinha para a cidade, tudo, não tive apoio dos meus pais para estudar, né, saí para trabalhar cedo de casa, fui vendo que todo mundo estuda que o mundo na cidade é diferente da área rural, bem diferente, daí fui vendo tinha minhas amigas que voltaram a estudar aí eu também fui, voltei, minha mãe brigou muito porque eu trabalhava de dia e de noite estudava, dizia que se acontecer alguma coisa ela não se responsabiliza porque ela não queria que eu fosse estudar por medo, por cuidado, mas mesmo assim eu peguei e fui e graças a Deus hoje eu estou me formando já na graduação (fala de Joana).

O relato acima demonstra a diferença de representações coletivas construídas sobre a roça e a cidade. Também é possível uma análise que contemple a mimese II e a mimese III em que há uma mediação, uma passagem entre o que ocorreu antes e o que ocorre agora. Na mimese III é o ponto de chegada, é o ato refigurante das narrativas.

> Nasci e fiquei até os 12 anos aqui, fui pra Curitiba fiz o ginásio e daí logo parei, depois já voltei pra cá de novo, casei com 18 anos e estou aqui até agora.
> Lembro de muito bom na minha vida a ida para a escola, não tinha condução, a gente ia em grupos, era uma diversão, era brincadeira, a gente ficava uma hora e pouco andando até a escola, tudo era divertido, não era como hoje, tudo é ônibus, é carro, é chegar rápido em casa, na porta de casa.
> Era frio, era chuva, você tinha que ir, a gente passava de casa em casa pegando os colegas, andava por muito tempo, aquela caminhada era muito divertida. Chegava no colégio as freiras já tavam esperando, né.
> Eu me lembro uma vez na época de enchente, a gente tinha que passar pela ponte e a água subiu demais; eu lembro que meu pai pegou no colo, eu e a minha irmã, uma de cada vez, pra passar a água e atravessar o rio e a gente se molhou. Quando a gente chegou na escola as freiras falaram: meu Deus do céu vocês tão tudo molhadinha. A gente colocou a roupa das internas; tremíamos de frio, era muito frio e a gente tava molhada, a gente não conseguia se esquentar, nunca me esqueço dessa. A freira disse: vocês vão tomar um cafezinho quente e vocês já se esquentam. Me lembro até hoje, era um tempo muito bom. Não tinha essa não vou pra aula, você tinha que ir, e ir caminhando (fala de Clara).

O relato acima mostra o processo de passagem da mimese II para a mimese III, onde a narrativa alcança seu sentido pleno, sendo restituída ao tempo do agir. Na fala de Clara há um percurso que parte do mundo da vida, ainda não narrado, passa pela configuração e encontra o mundo da vida.

Ao se referir aos melhores momentos de sua infância, resgata os elementos percebidos à época em que aconteceram e guardados na memória e ao narrá-los estabelece a mediação entre o ontem e o hoje.

Uma das coisas mais significativas que puderam ser observadas é que as mulheres passaram da consciência de objeto para a consciência de sujeitos, elas dão um sentido bem preciso aos objetivos que pretendem alcançar.

Ao se referirem ao trabalho, há diferentes posturas, porém ele é considerado uma das vias da independência, do prazer e da realização.

A representação que as entrevistadas fazem do trabalho configura-se como uma representação coletiva, na qual se considera o movimento, a mudança e em especial nas falas relacionadas ao trabalho o que se percebe é a face simbólica ou seja a que é atribuída ao objeto pelo sujeito.

> Nasci aqui, pertinho e me casei com 20 anos, a vida foi difícil, tive cinco filhos, fiquei grávida 7 vezes e 2 perdimo. Eu sofri, tinha sete irmão e irmã , sete nois tamo de tudo, mas eu tava mais velha de casa, minha Bapka (avó) tava com 90 ano, o pé não andava, só na cama né, a mãe não dexo estuda muito porque fique com Bapka (avó), porque eles lá na roça,né.
> Desde que casei vim mora aqui, moremo aí na casa velha, aí tava sogra, a cunhada, o irmão, morava a família intera e o cunhado paralítico que tinha que dá de come, ele engatinhava né, tinha que enche na garafa leite e dá porque ele não pegava suzinho.
> O difícil foi vive, cuida todos, porque agora tem tudo. Trabalhei muito, eu, meu marido e meus filhos, trabalhamo na roça, plantamo no calor, no frio e na chuva e tudo que a gente tem foi do trabalho duro (fala de Fernanda).

Na fala de Fernanda é possível perceber a categoria analítica denominada mimese I, entendida como uma pré- compreensão do que acontece com o agir das pessoas. Ao contar sobre sua vida e seus estudos ela fala de um mundo prático, percebido pelo que Moscovici denomina senso comum pós-científico. Na fala, ao referir-se à situação de sua avó e da necessidade de sua permanência em casa para atendê-la, faz somente uma narrativa do mundo em que viveu e como as relações se estabeleceram, não questionando em nenhum momento as consequências das mesmas. É a descrição que faz do seu cotidiano, valendo-se da linguagem coloquial em que descreve diferentes momentos de sua vida.

> Futuramente talvez eu não precise trabalhar fora mas eu não vou deixar, eu penso que eu nunca deixaria de trabalhar fora, mesmo com filhos, porque tem que se manter ocupado, não precisa ser assalariada, mas talvez com um trabalho voluntário, ter compromissos não só voltados à família, ter compromissos pessoais, profissionais , estudo, ou alguma coisa assim voltada a isso, voltada ao meu conhecimento (fala de Carmem).

A fala de Carmem pode ser analisada a partir das performances sociais contínuas entendidas aqui como a abertura da possibilidade de um outro tipo de trabalho, não o trabalho assalariado contido nas representações coletivas do mundo ocidental globalizado, nem do entendimento do trabalho doméstico, mas, do trabalho voltado ao próprio conhecimento que permite também perceber o caráter fluído das representações e a busca de uma identidade ipse.Com relação ao trabalho narra Silvia:

> Comecei trabalhar muito nova com 14 anos, hoje eu tenho 23 , faz quase dez anos que eu trabalho apesar da pouca idade eu já tenho muita experiência , eu acho bem bacana porque a gente vai amadurecendo, cada trabalho vai aprendendo uma coisa e eu acho isso muito legal (fala de Silvia).

Na fala de Silvia, o trabalho é considerado como um espaço de aprendizagem podendo-se depreender que é no espaço de circulação de informações e conhecimentos, permeado de conflitos e tensões que as experiências ocorrem, marcando a intersecção entre o mundo configurado e a ação efetiva. Da mesma forma para Clara:

> O trabalho, faço com prazer, gosto daquilo que faço, não gosto de ficar parada. Tem épocas que é bom, tem épocas que não é, porque tudo vai do giro do capital. Mas eu gosto de trabalhar fora, gostava de trabalhar fora, foi uma opção para eu sair da depressão eu fui trabalhar fora e se surgir uma outra oportunidade eu vou também.
> Pra abrir um negócio próprio tá difícil de ter uma liberação, pra liberar é muito burocrático, até porque a gente trabalha com laticínios, então a gente vai levando como dá, a gente já tentou fazer o CIF, mas é muito burocrático (fala de Clara).

Em sua fala, Clara reafirma a representação do trabalho socialmente construída enquanto valor pessoal, sua inserção no grupo com o qual convive e aponta para a dificuldade de mudar a forma de venda de seus produtos. Entende

também o trabalho realizado no espaço público como forma de melhoria para a sua vida pessoal. Ainda sobre o trabalho, Regina relata.

> Minha infância e adolescência foram de muito trabalho, era a mais velha dos irmãos e precisava trabalhar para ajudar a criar os outros irmãos, era a lei (fala de Regina).

Ao afirmar que o trabalho era a lei, Regina traz a representação coletivamente construída da necessidade do trabalho como forma de sobrevivência, como norma.

Todas as mulheres entrevistadas falaram sobre o trabalho, dando ao mesmo diferentes interpretações. O trabalho doméstico, como resultado de suas próprias raízes históricas não foi encarado como as demais relações de trabalho que ocorrem no espaço público, mas todas as mulheres de Roça Velha que constituíram o universo de pesquisa, executam trabalhos domésticos que são entendidos por elas como um papel de gênero.

> Eu saí trabalha pra fora porque tá difícil na lavoura, aí desistimos, acho que não dá mais pra voltar para a roça, vamos ver se daqui pra frente vai melhorar e dai, vamos ver o que fazer pra frente...(fala de Ana).

Embora Ana tenha começado trabalhar muito jovem, cuidando de irmãos e da casa por ser a mais velha dos filhos, as atividades realizadas no espaço privado não são consideradas, mesmo que o produto do trabalho realizado na roça fosse fonte de recursos. A representação do trabalho está vinculada à representação coletiva de que somente o trabalho remunerado é que possui valor social .

Um dos relatos de Carmem, com relação ao trabalho revela que:

> A percepção das mudanças é bem diferente da sua faixa de idade(62 anos). Eu vejo pela minha mãe, pela maioria das mães da maioria das minhas amigas e muitas têm graduação. Até mesmo chegaram a atuar no mercado de trabalho mas não atuam mais, porque ou o marido não deixou ou porque teve que largar tudo e se dedicou só a família e muitas delas hoje estão indo para o mercado de trabalho, mas vão trabalhar junto com o marido, elas tiveram um espaço de tempo muito longo para se dedicar exclusivamente à família, não acho que isso seja errado de forma alguma, é um privilégio eu acho, mas, é bem diferente de ter a nossa independência. (fala de Carmem).

É possível analisar a fala acima de acordo com várias categorias de análise. Ao se referir à percepção conforme diferentes faixas etárias a entrevistada estabelece um recorte de tempo que pode ser explicado pelas performances sociais contínuas; ao se referir à dedicação à família reforça a representação coletiva de que o trabalho doméstico não constitui trabalho e ao falar de independência, expressa também a representação coletiva de que a independência ocorre pelo trabalho remunerado.

A representação de mercado de trabalho parece bastante importante, como relata Rosa:

> Mercado de trabalho: mudou bastante, a mulher subiu muito de cargo, tem muitos, como vou dizer, tem muito mercado para ela, evoluiu bastante, acho que a mulher evoluiu bastante e está subindo assim de níveis bastante elevados, está bastante apurado o mercado pra ela, eu particularmente aprovo bastante (fala de Rosa).

Ao analisar a fala de Rosa pode-se perceber que a noção de crescimento do mercado do trabalho feminino se constitui numa representação coletiva, construída pela circulação de informações e também como numa mimese II porque promove a composição e mediação de elementos heterogêneos.

Ainda sobre a temática em tela, Maria afirma:

> A mulher sempre precisa lutar o dobro ou o triplo que o homem, isso vai continuar sempre, porque a questão da aparência, a questão da discriminação dos homens eu acredito que não tenha mudado. Primeiro ela tem que provar duas vezes que ela é profissional, primeiro as pessoas vão ver a aparência dela, ela tem que provar o profissionalismo, ela tem que ser melhor duas, três vezes mais que um homem para sobressair, eu acho que tem muito tempo ainda para mudar. Até ela provar que ela é profissional, existe a discriminação, os homens veem primeiro a aparência. Primeiro os homens vêm a mulher, não a profissional, ela tem que provar que ela é profissional para ela igualar o homem, ela precisa lutar muito para se sobressair, para conseguir um cargo maior que o homem ela precisa ser uma super. profissional, porque até então ela é uma mulher, ela não é uma profissional, ela é uma mulher...sexo frágil (fala de Maria).

Na fala de Maria é possível perceber a performatividade de gênero, a mulher precisa vencer a discriminação para ocupar um lugar nas relações de trabalho que acontecem no espaço público. No espaço conflituoso das relações de

trabalho, há ainda uma representação coletiva de que o trabalho remunerado, o profissionalismo estão vinculados aos homens.

8.3 Família

Que pretendes, mulher?
Independência, igualdade de condições. ..
Empregos fora do lar?
És superior àqueles
que procuras imitar.
Tens o dom divino
de ser mãe
Em ti está presente a humanidade.
(Mãe – Cora Coralina)

Outro eixo emergente diz respeito à família, cuja representação foi percebida em todos os depoimentos**.**

Na dinâmica das relações das famílias é possível perceber a construção, o desempenho e as estratégias das mulheres que mantêm vínculos duradouros na rede de parentesco, através da trama de relações sociais constituídas no dia-a-dia.

Os estudos realizados sobre a dinâmica interna das famílias demonstram que as relações entre seus membros são controladas por um sistema. O espaço é conflitivo, fluído e o que define o lugar de seus componentes são as relações sociais de poder e de exclusão, por isso os espaços se sobrepõem e entrecruzam e seus limites são variados e móveis. Os espaços surgem das relações de poder, as relações de poder estabelecem as normas e estas definem os limites que são tanto sociais como espaciais, porque determinam quem pertence a um lugar e quem fica excluído.

As representações, ideias, sistemas e símbolos incorporados nas noções de parentesco, são os elementos que estabelecem os vínculos sociais entre os filhos, a mãe, o pai, os avós e outros membros da família.

A ligação entre os diversos membros da família se dá através do sistema de parentesco que provém da combinação dos diferentes papéis representados pelos seus membros que formam a dinâmica familiar.

Em todos os relatos ouvidos, as mulheres fazem referência à sua família, conforme os registros:

> Era muito forte o contato principalmente com a minha madrinha a relação de amizade que eu tinha com a minha prima e ainda tenho.
> Pra minha infância um dos pontos mais marcantes foi a amizade, primos, convívio familiar, festas de aniversário, é uma coisa que eu observo nas outras famílias e sinto falta, por exemplo, na família do José acho que é muito pouco, é restrito, isso que eu valorizo bastante na nossa família fala de Carmem).

> Me criei desde criança só com minha mãe, minha mãe foi meu pai e minha mãe, ela que criou a gente, todo mundo e até hoje é só ela e ainda a gente passa por algumas dificuldades com meu pai, né (fala de Joana).

Na fala de Joana é possível perceber a representação como uma construção coletiva. A família deveria estar composta pela figura masculina e feminina, cada qual cumprindo seu papel socialmente definido. Enquanto performance social contínua, a mãe ao assumir o papel de mantenedora da família, representa para a filha o apoio não encontrado na ausência do pai, em suas relações cotidianas.

> Faço tudo melhor que posso. As vezes tenho que ser dura, não deixar que o povo da minha casa tome conta, as vezes vejo cara feia e reclamação, não ligo (fala de Regina).

> Acho que meus filhos são, não poderiam ser melhores, cobro deles mas não aquela coisa assim pessimista, você não é capaz de fazer isso, você não pode fazer, tolhendo a liberdade da pessoa. Eu acho assim que sempre incentivei eles (os filhos) a fazer, se não desse certo tudo bem, tenta de novo, não era isso que eu fazia? acho que isso é muito bom na vida, a minha mãe não fazia isso comigo, a minha mãe toda vida dizia: não vai fazer porque é perigoso, porque não dá certo, eu poxa vida tava ali vibrante querendo experimentar, abrir minhas asinhas e ela não deixava.
> Eu acho que eu procurei fazer o contrário com eles, com os três, eu sempre procurei incentivar que eles fizessem se não desse certo, paciência...tenta de novo (fala de Claudia).

Na fala de Claudia é possivel identificar várias categorias elencadas tais como as performances sociais contínuas, quando a entrevistada intercala o passado com presente fazendo comparações entre a sua prática de mãe e de como sua mãe agia; isso também demonstra o caráter fluído das representações e a mimese III,

que é a narrativa restituída ao tempo do agir, a prática lida e trazida para as ações de mãe.

> Perdi minha mãe com cinco anos de idade, mas o meu pai nunca deixou faltar nada pra gente em questão de saúde, estudo, educação, valores, que isso admiro muito, tanto meu pai, minha avó, meu avô todo mundo que estava presente nunca deixou assim nada a desejar (fala de Silvia).

Em vários momentos nos relatos há menção à influência da família, ou de um de seus membros. Em muitos deles a família é vista como fonte de lealdade e de compromisso; é no espaço familiar que se recriam o código, produzindo-se uma teia de relações sociais significativas para seus membros.

> Sou filha adotiva, mas tive uma família muito amorosa, muito boa que me deu tudo que eu podia esperar, vivemos no interior do Paraná a princípio, em Wenceslau Brás, fomos até Cambé e viemos para Curitiba e meu pai e minha mãe eram pessoas calorosas, nossa casa ficava sempre cheia de gente, muitos amigos, era parente, era almoço, era janta, era festa, eu acho que de certa maneira peguei isso deles, também gosto da minha casa cheia, gosto de bastante amigos (fala de Claudia).

> Eu fiquei em Curitiba praticamente sozinha, eu me senti muito sozinha, então uma das causas que eu voltei, foi a solidão, por isso que eu voltei, porque é muito duro... Ainda se você tivesse teus amigos, mas na tua casa era só você, meu irmão saia, estudava à noite, saia voltava tarde, saia de manhã eu não tinha aquela convivência de família, de parar, conversar, jantar, comer junto, não tinha, era cada um pra si. Um dos fatores que eu voltei foi porque eu não aguentava ficar sozinha, na época minha mãe era muito doente, ficava muito no hospital, ficavam falando que aqui ela tá ruim, tá doente, então um dos pontos foi isso aí, é bem complicado.
> Sou a mais nova das mulheres e me sentia na obrigação de ajudar, por isso que eu digo, é bem complicado (fala de Clara).

A ligação que ocorre entre os diversos membros pode ser mais intensa ou mais diluída, mantendo ou não unidos os seus membros.

> Família? Ah família.(longo silêncio) não tenho nem pai, nem mãe, não tenho irmãos e minha família ultimamente mora em Rondônia, bem distante de mim, não tenho notícias deles. (fala de Rosa)

> Minha família era muito muito pobre a vida foi muito difícil, com muitos sacrifícios e dificuldades, de toda forma fui dando conta dos problemas, um a cada dia (fala de Regina)
>
> Minha família é o melhor da minha vida, eu fiz e faço tudo por ela (fala de Ana).
>
> Os filhos, tudo trabalham, se dão bem,né, os genro muito bom, cuidam dele (do marido) casamo bem as filha, precisava ve, gente não esperava. A nora também ajuda muito (fala de Fernanda).

Berger afirma que “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para os mesmos na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER, p. 35)

Ao se referir às múltiplas realidades afirma que a realidade da vida cotidiana é a que pode ser entendida como a realidade por excelência, que é apreendida de forma ordenada, composta de objetos designados como tais antes das pessoas entrarem em cena. Esta realidade está ordenada em torno do aqui (meu corpo) e do agora (meu presente), de um lugar que é geograficamente determinado.

Desta perspectiva, o sistema de parentesco e, sobretudo os papéis que os membros da família ocupam influenciam a vida e as representações das narradoras.

Mesmo quando se nega a existência da família, pode-se perceber um grande hiato, uma espécie de buraco no relato, um silêncio prolongado que é mais significativo naquele momento do que o dizer.

Ao analisar as diversas falas é possível perceber que as espacialidades das entrevistadas estão fortemente vinculadas à família, da qual tem uma representação que leva à segurança, funda as raízes pessoais, define as espacialidades, em especial, das mais velhas e os papéis de gênero.

8.4 Conflitos e frustrações

> Quero te dizer que nós vivemos muito (ou deixamos de viver) em função das imaginações geradas pelo nosso medo. Imaginamos consequências, censuras, sofrimentos que talvez não venham nunca e assim fugimos ao que é mais vital, mais profundo, mais vivo. A verdade, é que a vida, o mundo dobra-se sempre às nossas decisões. (Lygia Fagundes Telles)

Ao tratar dos conflitos e frustrações, as entrevistadas falaram sobre diferentes aspectos de suas vidas. Em algumas falas é possível perceber que havia uma representação sobre determinados objetos, relações ou práticas e que ao não se efetivarem, não passarem da mimese II para a mimese III ocasionaram uma frustração, um descontentamento.

Como toda a representação é construída na relação do sujeito com o objeto representado, é possível depreender que há uma expectativa, um desejo que não é satisfeito o que acaba causando conflitos ou frustrações. No caso das perdas a percepção que se tem é que havia uma representação coletiva que não se concretizou, em especial quando se trata de membros da família dos quais algumas das entrevistadas esperavam que desempenhassem seus papéis sociais.

> Talvez a única frustração da minha vida seja não ter trabalhado. Depois que eu casei eu parei de trabalhar e isso é realmente uma coisa que me incomoda de não ter assim uma profissão, uma coisa que me desse segurança e independência (fala de Claudia).

> Na verdade é assim, maior frustração é que eu não tive pai na vida, senti muita falta de pai na vida. Meu pai foi alcoólatra desde que eles casaram então ele não ajuda em casa, minha mãe teve que correr atrás de tudo sozinha, faz sete anos que estão separados, mas ainda assim perturba Não sei se ele quer terra se quer pensão, se quer voltar a morar com ela, daqui a pouco quer pensão porque a lei permite (fala de Joana).

> Uma frustração ocorreu, quando eu tinha 14 anos eu comecei a trabalhar em fevereiro e em julho eu faria 15 anos e o meu pai morreu em maio e eu tive que cancelar, eu tinha começado a trabalhar, já tinha reservado a minha festa, meu pai morreu em maio, em julho não saiu meu aniversário e aí eu trabalhando tive que me sustentar. A minha mãe não tinha nenhuma pensão e eu me sustentei, e a minha mãe acabou vendendo o material de trabalho do meu pai pra poder sobreviver e a partir de 14 anos eu trabalho e acho que isso é ótimo (fala de Maria).

> Uma das maiores frustrações minhas é ter perdido minha mãe com cinco anos de idade isso me faz muita falta hoje, o carinho, aquela coisa que eu teria se eu tivesse minha mãe. Eu parei de estudar quando minha mãe faleceu, eu só chorava porque eu fiquei muito traumatizada, porque imagina criança, hoje tua mãe ta aí, depois do nada ela morre, então grudei no meu pai que nem um carrapatinho, eu parei de ir para a escola, era em setembro, eu estava terminando o pré eu só queria ficar com o meu pai, mas meu pai me convenceu a voltar, mesmo assim foi difícil minha adaptação, porque aquilo me marcou muito, a perda da minha mãe, com a perda da minha mãe eu achava que a qualquer momento ia perder meu pai e não queria desgrudar dele (fala de Silvia).

> Sinto falta da vida urbana, mas por outro lado sinto mas não sinto, porque a hora que eu quero sair eu saio, pronto e volto, talvez se eu não tivesse como sair isso realmente fosse me incomodar, mas como eu não tenho essa preocupação de não poder sair, de não ter como sair, daí não me preocupa, não alterou a relação doméstica (fala de Claudia).

Hoje em dia já to acostumada, sei que isso que tava determinado pra mim, mas a maior frustração foi morar com os sogros, é uma coisa que quando você casa tem que ficar na sua vida, seguir sua vida com seu marido, porque a gente nunca consegue ter a própria vida, a gente acaba ficando doente por causa dos outros então vem a frustração, a depressão. Não que foi ruim só que tem vários pontos que você tem que ter sua privacidade e com mais pessoas em casa você não consegue, e a rotina é a rotina, não é fácil, é complicado (fala de Clara).

O mais triste foi o fato de que pensava que não podia ser mãe, criava alguns conflitos com meu marido, eu cobrava dele e ele de mim, mas a gente superou, a gente tem dois filhos (fala de Ana).

Minha frustração são meus filhos, casaram muito mal e também não quiseram estudar mesmo tendo chance. As oportunidades tiveram, mas não souberam aproveitar (fala de Regina).

Na cabeça deles a mulher é pra cozinha. Todo homem, toda parte masculina eles querem por mais que uma mulher atue, trabalhe, se esforce para ser profissional, mas eles na cabeça deles a mulher é sempre como se fosse pra cozinha, fogão, cozinha e tanque, uma empregada da casa. (fala de Rosa).

Depois da represa fico pior, quantos vagabundo passa, a água levo tanto tereno, né e não pagaram, se for vê agora, capaz que vão paga mais, né, pagaram mixuruca (fala de Fernanda).

Da represa a gente lembra bastante porque quando fui pra Curitiba tinha a pedreira...Mais pro final em 1986, 1987 quando eu vinha nos finais de semana então você via a água, cada vez subindo mais, quando você vinha a água tava num ponto, na outra semana tava mais alto e assim foi indo até chegar no estágio que está.
Você vinha e via a mudança aos poucos, toda semana que vinha via a água subindo, foi uma coisa assim aos poucos, sempre aos pouquinhos, então é uma coisa que marca, a mudança do lugar... (fala de Clara).

8.5 Sexualidade, afetividade e comunicação

> Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo - quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação...(Clarice Lispector).

A sexualidade pode ser entendida como o eixo principal da identidade e do ser no mundo, fundamentando-se em termos de valores institucionais, tais como a procriação, o casamento, a família, a hegemonia da heterossexualidade, que são culturalmente naturalizadas. Essa montagem complexa compreende todo um sistema de representação social codificada em normas, regras, paradigmas morais e modelos corpóreos que delimitam os campos do aceitável, do dizível, do compreensível.

É neste sistema de representações coletivamente construídas que o gênero se materializa, na prática do social, constituindo formas de construção social da realidade cuja mediação atravessa e constitui as práticas, através das quais se expressa.

Sobre a sexualidade Linda Mc Dowell afirma:

> La sexualidad abarca un conjunto de deseos, identidades y conductas sexuales influidos por las ideas y las ideologias que regulam la actividad sexual en concreto.... Asi pues, la conducta sexual está histórica y socialmente definida e tyene lugar en un ambito de relaciones sociales, entre las cuales, las mas comunes dentro del mudo heterosexual son la definición y el control de la sexualidad femenina por parte del hombre (Mc DOWELL,1999, p.67).[34]

Nas conversas que fundamentam o senso comum, na literatura, no discurso científico, pode-se encontrar representações sociais que instituem o mundo em seus recortes valorativos, recortes significativos que se referem à sexualidade e que relacionam sexo e gênero.

Referindo-se às relações entre sexo e gênero, Mc Dowell argumenta:

---

[34] A sexualidade engloba um conjunto de desejos, identidades e condutas sexuais influenciadas pelas ideias e ideologias que regulam a atividade sexual concreta...Assim, a conduta sexual está histórica e socialmente definida e tem lugar num âmbito de relações sociais, entre as quais, as mais comuns dentro do mundo heterossexual são a definição e o controle da sexualidade feminina por parte dos homens(Mc DOWELL, 1999, p. 67, tradução nossa).

> A mi parecer, las relaciones del sexo con el gênero son histórica y espacialmente contingentes, aunque, como observa New, los cambios biologicos evolucionarios afectam a la diferencia sexual real. Por tanto, el significado de ser hombre o mujer depende de um contexto y es relacional y variable, aunque se halle siempre sometido a las leyes y regulaciones de cada época, que establecen lo que está permitido y lo que puede ser um acto transgressor (Mc DOWELL, 1999, p. 44) .[35]

Nas falas das entrevistadas é possível perceber o que Butler define como um regime epistêmico de heterossexualidade imposta que produz e reifica a divisão de gênero, em todas as relações(BUTLER apud Mc DOWELL, 1999, p.86).

Sobre a questão da heterossexualidade, afirma:

> El gênero, mas que una división binaria basada en la diferencia biológica, es una continua falsificación que confundimos com a realidade. Ser mujer no es um hecho natural, sino una representación cultural, la que la naturalidad se crea mediante um conjunto de actos impuestos por el discurso, que producen un cuerpo através de las categorias de sexo y dentro de ellas. La finalidad de esta elaboracion es lograr una identidad coherente, que, para la mayor parte de la población, consiste en lo que llamamos ficción reguladora de heterosexualidad (Mc DOWELL, 1999, p. 86).[36]

Nas falas abaixo é possível perceber quais as representações das entrevistadas sobre as relações estáveis de pessoas do mesmo sexo.

> Não concordo com casamentos do mesmo sexo, discordo plenamente. Eu acho que Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem e não fez dois sexos iguais um para o outro (fala de Rosa).

> Eu ainda sou do tipo antigo, mulher com homem, homem com mulher eu não sou contra só que eu não aceitaria meus filhos assim, acho que seria um grande baque se tivesse que conviver com uma situação assim. Se meu filho fosse com outro homem, ia ser difícil, uma decepção...porque a gente

---

[35] No meu parecer, as relações do sexo com o gênero são histórica e espacialmente contingentes, ainda que como observa New, as mudanças da evolução biológica afetem a diferença sexual real. Portanto, o significado de ser homem ou mulher depende de um contexto e é relacional e variável. Ainda que se ache sempre submetido às leis e regulações de cada época, que estabelecem o que é permitido e o que pode ser um ato transgressor. (Mc DOWELL, 1999, p. 44, tradução nossa**)**

[36] O gênero, mais que uma divisão baseada na diferença biológica, é uma contínua falsificação que confundimos com a realidade. Ser mulher não é um feito natural, mas uma representação cultural, cuja naturalidade se cria a partir de um conjunto de atos impostos pelo discurso que produzem um corpo através das categorias de sexo e dentro delas. A finalidade desta elaboração é criar uma identidade coerente, que, para a maior parte da população consiste no que chamamos ficção reguladora da heterossexualidade. (Mc DOWELL, 1999, p. 86, tradução nossa).

> foi criada na maneira de casal normal, nada de diferente, então eu não aceitaria, acho, meu filho com outro homem (fala de Clara).

> Casamento de mesmo sexo... Isso é muito novo para nós, isso é muito novo. A questão sexual é opção e sei lá... o que se pode falar sobre isso. Eu não posso dizer que eu concordo ou não concordo porque é uma opção sexual, é fora dos padrões da família, da moral, de tudo que nós já vivemos da religião, o que prega a formação familiar, eu não vejo assim numa relação de pessoas do mesmo sexo formar uma família... normal, uma família...
> Olha pra mim é muito novo, eu não consigo.....eu não sou contra porque as pessoas se gostam, elas podem ser do mesmo sexo ou não, podem se gostar e se dar melhor do que sexos opostos. Quem sou eu para julgar.... (fala de Maria).

> Casa homem com homem e mulher com mulher, é uma vergonha isso (fala de Fernanda).

> Na geração que tem mais de 60 anos era um horror casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas hoje a nossa evolução, eu não posso condenar que duas pessoas se gostem e queiram viver juntas, não é o certo elas não vão formar uma família, mesmo adotando um filho acredito que não seja a mesma coisa (fala de Maria).

Nas afirmações é possível perceber a representação construída coletivamente na qual as relações estáveis entre pessoas do mesmo sexo são consideradas fora dos padrões culturalmente estabelecidos. Pela circulação de informações, a mídia de forma discursiva ou imagética teria o poder de controlar o campo do sentido social e produzir, promover as representações de gênero.

A representação de gênero definida em função do sexo aparece compondo todas as falas das entrevistadas, que devido ao contexto em que está inserida, poderia ser entendida como um ato transgressor.

Algumas afirmam categoricamente sua intransigência para práticas consideradas fora dos padrões e somente uma questiona o tempo em que essa discussão e prática se estabelecem, considerando-a muito nova. Estabelece assim uma mimese II compondo e mediando elementos heterogêneos.

Nos relatos abaixo, identificam-se as representações relativas às relações entre pessoas de mesmo sexo nas quais, a mídia é considerada elemento fundamental:

> Eu acho que isso aí principalmente casamento entre mesmo sexo é mais uma coisa de mídia, a mídia tá querendo empurrar isso , fazer descer pela

> nossa garganta afora, talvez a coisa até pudesse existir de uma outra forma, mas da forma como está sendo apresentado atualmente a imprensa está fazendo sabe assim, impingindo pra nós (fala de Claudia).

> E essa questão de casamento entre mesmo sexo eu não vejo assim com preconceito pra pessoas que se portam como uma pessoa normal e quanto à mídia é muito exagerado só porque eu sou gay eu tenho que me mostrar gay, eu tenho que me exibir, eu tenho que ser desvairado, eu tenho que ficar me firmando na frente dos outros, eu acho que não, é uma pessoa normal se você não gosta de homem, você gosta de mulher você é igual isso não vai mudar tua inteligência, tua capacidade de conversar e o mercado de trabalho. Pra mim eu não vejo esse preconceito, mas o que acho que denigre isso é, não digo que é a maioria, mas muitos que fazem esse exibicionismo, coisa exagerada e bibas como a gente fala e coisa estranbólica, isso é exagero é ridículo, igual nós mulheres vamos ser escandalosas porque somos mulheres, ou nós que moramos na região rural vamos ser exageradas porque moramos na região rural, isso pode gerar polêmica de qualquer forma e é o que eles ficam criando, eu acho que não é por aí (fala de Carmem).

> O homossexualismo eu sou completamente contra, pode ser um preconceito, hoje a mídia quer impor que a gente tem que aceitar e que é o gosto da pessoa mas eu acho que não é esse o objetivo sabe, acho que Deus não criou o homem para se relacionar com o homem e a mulher com a mulher, eu acho que o objetivo é o homem com mulher e ter a procriação, eu acho que não é esse o objetivo, acho que as pessoas estão fugindo do foco, independente eu não sei o que, as vezes as pessoas falam que a pessoa já nasce com aquela tendência de gostar de homem e mulher, mas, eu acho errado, não aceito (fala de Silvia).

Ao falar sobre si mesmas algumas das entrevistadas falaram sobre o corpo, referindo-se à saúde e aos direitos sobre o mesmo e expressaram suas opiniões sobre o aborto.

Assim como demonstrado na pesquisa nacional anteriormente citada neste estudo, as que fizeram referência ao aborto como um direito, sabiam das situações em que o aborto pode ser realizado legalmente.

As representações das entrevistadas sobre o aborto estão baseadas na circulação de informações, que criam representações coletivas e carecem de fundamentos científicos. As entrevistadas falaram do aborto como se estivessem analisando uma prática social, permitida em casos específicos, porém não fizeram menção a ter praticado elas mesmas, algum aborto. Para algumas o argumento contrário ao aborto está nos princípios religiosos.

> O aborto eu acho assim que em últimos casos como estupro, um feto mal gerado, daí sim a pessoa pode praticar o aborto, mas em caso contrário eu acho que não (fala de Rosa).

Sobre aborto eu acho que o aborto deve acontecer quando a criança tem alguma má formação, eu concordo com o aborto, porque a sociedade ela pode estar preparada mas eu não acho certo se a pessoa sabe que vai ter uma criança com problema, eu acho que deveria abortar.
Agora aborto com estupro também eu acho que não é uma criança querida, uma criança que vai vir com carinho, não sei a situação, eu imagino que a mãe não vai ter tanto amor, porque ela não quis, ela foi forçada, foi uma violência contra a mulher. Agora a pessoa consciente, sabendo que pode engravidar, se ela engravidou por descuido, eu não acho que seja descuido, acho que é irresponsabilidade, aí eu acho que ela tem que ter o filho, eu não concordo com o aborto assim só por prazer, teve o prazer ali, engravidou e agora eu vou tirar o filho, não, não concordo, aí eu acho que ela tem que aceitar porque ela quis (fala de Maria).

O aborto acho que nunca foi uma coisa boa porque a gente tem que pensar que é um ser que a gente carrega dentro da gente e que esse ser teria que ter oportunidade de dizer quero vir ou não quero vir, enfim você não está dando esta chance se você faz o aborto (fala de Claudia).

Aborto eu sou contra, com certeza. Se Deus escolheu você para ser mãe você tem que dar uma chance para essa criança vir, pense assim se você está matando um ser dentro de você pense que poderia ser você ali no lugar, se você veio ao mundo dá uma chance pra essa pessoa que tá dentro de você vir também, eu sou bem contra o aborto (fala de Joana).

Sou completamente contra o aborto acho um crime absurdo, mas acho complicado quando a mulher é estuprada nesse caso eu acho complicado pra mulher, entendeu, ela já tem o trauma do estupro, ela ter que carregar aquela criança, eu acho assim muito complicado, nesse caso eu acho até melhor, mais certo, não sei, é um crime mas eu acho complicado você sempre ter aquele filho sabendo que foi gerado com tanta violência, com tanto ódio (fala de Silvia).

Aborto eu sou contra só se fosse o caso de um risco da mãe, um caso de risco de morte da mãe, aí era uma situação diferente, mas no entanto, porque fez e não quer, eu não aceitaria, não sou a favor (fala de Clara).

Afetividade

> Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... Ou toca, ou não toca. (Clarice Lispector)

Ao incluir na pesquisa algumas questões ligadas à afetividade, considerou-se que os aspectos como felicidade, amor, desejo são importantes produtores de espaço, que na maioria das vezes, são invisíveis quando se trabalha a partir de uma perspectiva racionalista.

A dimensão humana que envolve sentimentos está presente tanto em homens quanto em mulheres, porém, por ter sido entendida como uma fragilidade das mulheres é muitas vezes ignorada ou desconsiderada, entendendo-se que sua manifestação poderia reduzir ou comprometer a racionalidade e capacidade femininas.

As entrevistadas manifestaram-se sobre o que entendem por ser feliz e nas diversas falas foi possível identificar representações coletivas, que passam pela saúde, pelo convívio com a família e amigos, pela falta de tempo, pela superação das dificuldades, pelo trabalho; é onde estão presentes as performances sociais contínuas construídas em práticas socioespaciais, que em momentos de conflito e insegurança podem ser modificadas pela criatividade, pela mudança da vida social.

As falas sobre o sentimento de ser feliz evidenciam o conjunto de descrições e explicações, mais ou menos interligadas umas às outras de sentimentos que todas as pessoas possuem e mesmo que não estejam cientes disso, usam para organizar sua experiência. Esse é um pensamento do cotidiano que associado à linguagem coloquial, faz com que a vida do dia a dia seja possível. Abaixo as representações referentes ao eixo em análise:

> Pra mim ser feliz é ter saúde, essa convivência familiar que eu acho muito bacana e uma coisa assim que aqui com vocês eu tenho mais esse contato do que as vezes com a minha família, porque a minha família infelizmente não tem esse hábito, ao menos por parte de pai de conviver assim, essa convivência forte, já pelo lado da minha mãe tem mais esse contato, porém eu não tive muito contato com eles desde a minha infância então aqui que eu sinto que é muito forte, por isso eu gosto muito de vir aqui e também na casa das minhas tias, então é a saúde, é ter uma pessoa do teu lado, amar e ser amado, acho que isso é muito bom, ter o teu trabalho, porque isso também gera uma frustração muito grande quando você precisa trabalhar e

não tem trabalho, o sustento, então eu me considero uma pessoa muito feliz (fala de Silvia).

Eu acho que eu poderia ser mais feliz, mas por exemplo, eu acordo muito cedo, eu trabalho o dia inteiro, eu vou pra faculdade eu chego meia noite em casa então eu não tenho tempo pra começar a pensar em mim e nas pessoas que estão próximas a mim. Às vezes você começa a pensar, está abrindo um e-mail, ai está abrindo a mente pô aquele tempinho que você tinha você podia compartilhar com teus amigos, tua família, essas coisas, mas assim você acha que você não tem tempo, mas o tempo é você que faz. Mas você tá sempre entre trabalho e faculdade mas o tempo que você tem, tem que parar e pensar para dar mais atenção pra pessoas com quem eu convivo (fala de Joana).

Eu me considero muito feliz e acho que eu sou feliz dessa maneira de encontrar dificuldades e brigar com elas ao mesmo tempo dali pouco tempo desistir delas, eu acho que a minha felicidade se constrói assim de altos e baixos, mas não é porque eu estou brigando que eu não sou feliz, eu sou feliz brigando...(risos) brigando as vezes com meu salário que não dá para todas as coisas que me satisfazem, sabendo que eu tenho que me dispor pras minhas amigas, tenho vontade de estar com a minha família, isso me faz feliz, essa coisa de ter esse convívio, pra mim é parte integrante principal da felicidade, convívio familiar, carinho, amar e ser amada (fala de Carmem).

Felicidade pra mim é o trabalho, é ter saúde, é pensa que vou consegui o que quero, é ajudar meus filhos e vive com meu marido (fala de Regina).

Bom eu nunca me importei com grandes coisas para ser feliz, nunca esperei grandes coisas para ser feliz porque tem gente que espera ser feliz para ter uma mansão, um carro do ano, eu acho que isso não é importante para a gente ser feliz. O importante é a gente estar junto com quem a gente gosta, fazendo o que a gente gosta, tendo também as coisas que a gente gosta, não precisa ser coisa cara nem nada, mas que está te servindo, que você possa usufruir, então isso é muito importante pra mim. Engraçado isso também é uma coisa que meu pai passou para mim, lá em casa nunca fomos muito ricos mas sempre tínhamos tudo que nós precisávamos. (fala de Claudia).

Ser feliz é o hoje eu acho que o ser feliz é o hoje. Ser feliz, tem pessoas que correm a vida inteira atrás da felicidade mas a felicidade é hoje, é o momento, não é o futuro porque as pessoas as vezes trabalham, as vezes deixam de fazer muitas coisas na vida pensando no amanhã e as vezes o amanhã não vem, ou as vezes vem, mas como ela é uma pessoa que tá sempre em busca da felicidade então ela não sabe o que é felicidade, ela não curte a felicidade ela vai sempre em busca e mesmo que ela alcance o seu objetivo ela acha que aquilo ali não é felicidade, ela vai sempre estar buscando algo mais ela nunca vai se satisfazer com aquele momento. A reunião familiar, isso é felicidade, ter meus filhos perto de mim isso é felicidade, todos com saúde, nenhum com problema, com droga, com

> bebidas, todos eles estudando, correndo atrás dos seus objetivos, mas a felicidade é o hoje, não é o amanhã nem o ontem (fala de Maria).

> Eu não sou infeliz....o que mais posso dizer? Que o serviço que eu peguei que eu seja feliz, que dê certo pra que eu não fique como diz "pulando de galho em galho (fala de Ana*).*

> Ser feliz é quando você tá bem com você mesma em primeiro lugar, em segundo, se você é casada, com seu marido, com seus, filhos, com sua família, com seus amigos, porque o resto, é resto, você consegue as coisas, batalhando você consegue (fala de Clara).

Desejos e expectativas

> Tudo o tempo leva
> A própria vida não dura
> Com sabedoria,
> colhe a alegria de agora
> para a saudade futura.
>
> (Sabedoria – Helena Kolody)

Vinculados à afetividade, ao relacionamento em diferentes esferas da vida, estão os elementos que compõem as representações das mulheres entrevistadas sobre desejos e expectativas, na maioria das vezes, pertinentes à idade das mesmas e que estão descritos abaixo:

> Eu acho que esse é o mesmo desejo de todas nós, de termos a nossa independência, nosso trabalho, casar, ter filhos, trabalhar, ter cerimônia de casamento, vestido bonito, é bem comum isso aí (fala de Carmem).

> Uma coisa que eu não falei foi sobre o que eu espero daqui pra frente... Bom o objetivo agora meu lógico, é sobreviver com saúde principalmente e aguardar os netos, a gente tem que pensar em termos de envelhecer bem, manter a nossa saúde porque isso é muito importante e pensar, ter atividades cerebrais boas (fala de Claudia).

> Desejo que isso continue, acho muito legal, eu e o João, a gente se diverte indo no mercado, a gente não precisa de um programa, além dessa companhia, dessa coisa gostosa, não interessa aonde (fala de Silvia).

> Meu desejo é casar, ter filhos, família (fala de Joana).

> Espero e desejo repetir o que aprendi, porque eu vi o pai e a mãe fazendo isso, um esforço da parte de cada um, a mãe me ensinou isso de não importa, ir num padock ou num coquetel maravilhoso, num autódromo ou sentado na arquibancada no cimento igual a gente já fez com um chapéu de palha enorme na cabeça por causa do sol, se é numa formatura dos meus alunos que eu fui acompanhar o meu marido vai junto, eu acho que essa questão de companheirismo me faz muito feliz e eu sei que isso aprendi com o pai e com a mãe, que a mãe sempre foi assim com o pai, onde quer que fosse colocava nós três no carro e vamos... (fala de Carmem).

> Viajar, queria muito, não tem como. Eu fui na praia, queria ir lá, ficar, mas aqui fica sem ninguém, não dá pra deixa criação, pior essas criação, na Colônia é assim, tem que pega alguém pra fica os dia que você quer saí. Mais difícil como na cidade, porque na cidade você fecha, e pronto (fala de Fernanda).

> Minha filha tem 8 anos e vai muito bem na escola. Quero que ela estude mais do que eu, mas ela fala que quer ser modelo (fala de Ana).

> Eu sempre quis casar jovem, desde menina eu tinha um sonho de casar e se tivesse uma filha teria o nome que dei para a minha. Isso ninguém mudou, desde a minha infância, era um desejo que eu tinha e ninguém podia mudar, tanto que dei o nome que sonhava para a minha filha e meu marido aceitou (fala de Clara*).*

Comunicação

Embora não tenha sido um dos temas abordados pela maioria das entrevistadas de forma direta, a comunicação aqui entendida como o espaço da mídia, é mencionada quando há falas sobre outras questões. No mundo contemporâneo as tecnologias aparecem de forma discursiva e imagética e certamente tem o poder de influenciar o campo do sentido social, das relações e representações de gênero.

Na fala de Carmem é possível perceber como a comunicação midiática é entendida:

> Eu acho que uma coisa que pode influenciar bastante nessa opinião nossa de não querer parar de estudar, de tal, tem a ver com a mídia, tem a ver com as redes sociais, com o computador que é muito mais próximo da gente , é muita informação, onde quer que esteja pega o tio google na mão e resolve qualquer coisa. Isso também acaba influenciando que a gente tenha ao mesmo tempo proximidade como também afastamento porque eu via o pai e a mãe antes saírem ir na casa de um amigo conversar, essa questão de proximidade você acaba diminuindo, agora relações, faz tempo que não se vê, eu vejo as pessoas pelo orkut, pelo facebook, vejo o que está acontecendo, então acho que essa questão de rede de conhecimento via televisão, internet, revista é muito mais presente do que na época da mãe, com certeza. E isso é uma concorrência muitas vezes até cruel, porque as vezes a gente não sabe como saber. Apesar de a gente estar olhando a internet, olhando a tv as notícias acontecem, as vezes todo mundo está sabendo e a gente não está, não sei se vocês sentem isso: mas meu Deus, como eu não sabia disso... tem uma concorrência declarada no mercado competitivo, mas também uma concorrência entre amigos, aquela curiosidade, aquele vídeo falando de uma comédia, isso é muito feroz assim, eu acho, você conviver com isso e acho as vezes até cruel, apesar de interessante.

A fala de Carmem demonstra também a tensão que existe entre o que permanece e o que muda, entre a proximidade e o afastamento, entre o estar presente e o estar conectado e como isso está presente na contemporaneidade.

A respeito disso, Mc Dowell, afirma:

> La mayoria de las personas vivimos mucho tiempo en una área restringida, llevamos una vida geograficamente limitada en una casa, una vecindad, una ciudad y un puesto de trabajo, y todo ello dentro de un Estado-nación. Naturalmente, todos estos lugares son un conjunto complejo de relaciones sociales que se entrecruzan y operan a muchos níveles, en funcion de unas ideas y unos comportamientos, unas imagines y unos simbolos que son,ellos mismos, cada vez más variables y complejos. La television, el video e internet han puesto al alcance de una mayoria una variedad quasi infinita de textos e imágines sobre cualquer cosa que se pueda concebir. Aun asi, todo ese material llega a un público cuyos miembros pertenecem a distintos tipos de comunidades, en las que existen divisiones de classe, raza, edad y gênero (Mc DOWELL, 1999, p.53).[37]

Um registro considerado importante, diz respeito ao corpo das entrevistadas.

---

[37] A maioria das pessoas, vivemos muito tempo em uma área restrita, levamos uma vida geograficamente limitada em uma casa, uma vizinhança, uma cidade e um posto de trabalho e tudo isso dentro de um estado-nação. Naturalmente, todos estes lugares são um conjunto complexo de relações sociais que se entrecruzam e operam a muitos níveis, em função de umas ideias e uns comportamentos, umas imagens e uns símbolos que são, eles mesmos, cada vez mais variáveis e complexos. A televisão, o vídeo e a internet puseram ao alcance de uma maioria, uma variedade quase infinita de textos e imagens sobre qualquer coisa que se possa conceber. Ainda assim, todo esse material chega a um público cujos membros pertencem a distintos tipos de comunidades, nas quais existem divisões de classe, raça, idade e gênero (Mc DOWELL, 1999, p. 53, tradução nossa).

Mesmo não estando elencado no roteiro das entrevistas, é um aspecto muito significativo para o entendimento das espacialidades femininas de Roça Velha.

O cuidado com o corpo é visível em algumas das entrevistadas que no seu cotidiano incluem a frequência à academias e também cuidam da alimentação, da pele e dos cabelos; fazem cirurgias plásticas, em outras esses cuidados parecem ser secundários.

Referindo-se ao corpo, Mc Dowell afirma:

> El primer lugar físico de la identidad personal, la escala del cuerpo, es una construcción social. El lugar del cuerpo establece la frontera entre el yo e el otro, tanto en el sentido social como en el físico, e implica la creación de un espacio personal que se anãde al espacio literalmente fisiológico (Mc Dowell, 1999, p.68). [38]

Observando o cotidiano das entrevistadas, percebe-se que as distinções sociais e de interesses pessoais estão marcadas nos gestos mais automáticos ou nas posturas como a forma de andar, de comer ou de falar.

Para as entrevistadas que estão envolvidas no espaço público do trabalho, na profissionalização e que atuam em empresas o cuidado com o corpo é um dos elementos fundamentais para a inclusão neste universo e também é parte integrante dos papéis de gênero desempenhados por essas mulheres.

Para as que vivem num universo mais limitado, cujo cotidiano restringe-se prioritariamente ao lar e às atividades eventuais na comunidade, os cuidados com o corpo não se inscrevem nas prioridades ou preocupações, uma vez que a espacialidade das mesmas se configura no espaço doméstico, onde desempenham o papel de esposas e mães.

No entendimento de Silva (2009, p. 128) os corpos vivos não são ingênuos e meros instrumentos de um sistema de significações e poder que comunica normas culturais. Os corpos atuam, exercitam suas performances e ao exercitá-las, abrem caminho para o novo. O corpo não é algo terminado, está sempre em processo, em contato com o meio ambiente.

---

[38] O primeiro lugar físico da identidade pessoal, a escala do corpo, é uma construção social. O lugar do corpo estabelece a fronteira entre o eu e o outro, tanto no sentido social como no físico e implica a criação de um espaço pessoal que se adiciona ao espaço literalmente fisiológico (Mc Dowell, 1999, p. 68, tradução nossa).

Nos gestos mais simples e rotineiros, o corpo se constrói, cotidianamente, criando representações, que acontecem num processo criativo, estando em constante negociação com seus espaços de existência e produzindo novas representações.

Esse processo pode ser percebido durante o tempo em que estivemos em contato com as mulheres de Roça Velha. Uma das entrevistadas viveu mudanças significativas no seu cotidiano, mudanças que ficaram visíveis no seu corpo, que no processo de negociação com outro espaço de existência, adquiriu nova configuração.

Outro aspecto que esteve presente nas narrativas, embora não nas de todas as entrevistadas, é o que se relaciona com a aparência, entendida aqui, como a representação de alguma coisa que deva ser socialmente demonstrada ou que é significativa para determinado grupo social.

Nas conversas com o grupo, algumas das entrevistadas referiram-se ao fato de que muitas vezes as pessoas querem demonstrar aquilo que não são, ou negar suas origens, usando para isso determinados comportamentos, roupas, objetos.

Desta perspectiva, a narrativa abaixo demonstra como uma das entrevistadas se referiu a esse aspecto.

> Essa questão, a da aparência, está presente até na casa das pessoas. Fui contratada para reformar uma casa, havia uma edícula com uma cozinha externa e uma cozinha completa no corpo da casa. Eu ficava pensando, pra que uma casa se a cozinha ficava lá naquela edícula, era lá que ela cozinhava, era lá que eles comiam, todos ficavam, o marido, os filhos, era lá que a vida acontecia. Acho que a dona da casa pensava: vou fazer uma cozinha bonita aqui só pra mostrar pras pessoas que tem a cozinha, tá tudo limpinho, o fogão limpinho, tudo bonitinho, mas aonde eu faço comida e tudo é lá embaixo, lá na edícula, lá fora. Mas isso daí é aparência, é a pessoa que quer mostrar....só que a vida dela é mais simples, é estar junto com a família, é se alimentar, é estar num lugar aconchegante. Aquela casa não era aconchegante, era para mostrar para as visitas, para os parentes, os amigos, que a casa é linda, bonita, sempre limpinha, arrumadinha, agora o lugar aconchegante era lá aquela edícula. Era tudo simples, tomava café com caneco, fogãozinho a lenha, aquela coisa mais íntima (fala de Maria).

Na narrativa de Maria, pode-se perceber à vinculação da prática com a não isenção axiológica, referida por Ricouer, uma vez que não se pensa e não se fala de um lugar não-ideológico, que é inexistente. Todas as sociedades desenvolvem a sua cultura como um elemento essencial para a sua constituição e esta cultura é

permeada de ideologias. Para ser aceita em determinado grupo, cujos valores e padrões estão culturalmente estabelecidos, a pessoa acima mencionada observa os espaços que constituem uma casa de determinado padrão, embora suas práticas do cotidiano sejam diferentes, criando assim um conflito entre aquilo que é socialmente representado e o que é realmente vivido.

Para concluir a análise destes eixos, em especial os vinculados à sexualidade, ao espaço e à afetividade, valemo-nos de Mc Dowell que afirma:

> Existe todo un conjunto de relaciones entre el gênero, la sexualidad y el espacio, en las que toda diferencia o asociación presenta una complejidad que supera la mera division entre el âmbito público y el âmbito privado, vinculados al hombre y a la mujer, respectivamente. En efecto, las associaciones entre el gênero y el lugar o entre la identidad y los espacios concretos son complicadas e paradójicas, tanto para los hombres como para las mujeres. La ciudad y los espacios públicos significam para los dos sexos temores y placeres, peligros y libertades embriagadoras (Mc DOWELL, 1999, p. 247). [39]

Das narrativas anteriormente analisadas, emergem os aspectos mencionados por Mc Dowell, ao se referir à complexidade das relações, que se apresentam complicadas ou paradoxais, em algumas das falas das entrevistadas.

[39] Existe todo um conjunto de relações entre o gênero, a sexualidade e o espaço, nas quais toda a diferença ou associação apresenta uma complexidade que supera a mera divisão entre o âmbito público e o âmbito privado vinculados ao homem e a mulher, respectivamente. As associações entre o gênero e o lugar, ou entre a identidade e os espaços concretos são complicadas e paradoxais tanto para os homens, como para as mulheres. A cidade e os espaços públicos significam para os dois sexos temores e prazeres, perigos e liberdades embriagadoras (Mc DOWELL. 1999, p. 247, tradução nossa).

9 CONCLUSÕES DA PESQUISA

As mudanças ocorridas nos últimos trinta anos, devido ao processo de industrialização e urbanização de Araucária e que também aconteceram em Roça Velha transformaram as espacialidades cotidianas femininas, alterando alguns dos papéis de gênero vivenciados pelas entrevistadas.

Em 1987, quando o IPARDES realizou o levantamento socioeconômico da região a energia elétrica estava restrita a algumas casas, as meninas não iam à escola pela dificuldade de acesso à mesma, os familiares trabalhavam na roça, plantando para sua subsistência e também para a comercialização, as tevês, os aparelhos eletrodomésticos, telefones, carros eram objetos raros e que somente alguns moradores possuíam.

A pesquisa revelou que todos os aspectos acima citados, agora estão presentes em todas as casas das entrevistadas.

As transformações também alteraram o conteúdo representacional das mulheres de Roça Velha, o que pode ser explicado à luz do entendimento de Duncan. Com a represa e os novos atores que passaram a ocupar o espaço de Roça Velha, um novo texto foi construído.

A desapropriação das terras, expulsou alguns dos antigos moradores, mas fez também com que alguns deles adquirissem as áreas dos vizinhos retirantes, que por se sentirem prejudicados ou por terem perdido parte de suas terras e de seus laços afetivos ao lugar que foi cortado pelas águas, venderam suas áreas .

O novo desenho do lugar despertou o interesse de alguns moradores da capital que prevendo a valorização da terra, devido a sua proximidade com Curitiba e também devido à represa do Passaúna adquiriram áreas em Roça Velha. Também trouxe de volta herdeiros que anteriormente não tinham grande interesse nas terras que possuíam.

Ao longo do processo de mudanças as espacialidades cotidianas femininas precisaram ser rearranjadas para se adequarem ao novo texto.

Inscritas neste texto estão as mudanças que facilitaram o acesso, pela melhoria das estradas tanto às casas quanto à escola e aos centros maiores como Curitiba e Araucária. A iluminação elétrica, tanto nas casas quanto nas ruas, também permitiu maior mobilidade da população e acesso às informações.

Uma mudança significativa está relacionada à escolaridade das mulheres do local que ingressaram e se mantiveram na escola, chegando ao ensino superior e à pós-graduação, o que não ocorria anteriormente. Em alguns dos relatos das mulheres do local, as meninas eram responsáveis pelo trabalho doméstico desde muito jovens, cuidando de avós ou irmãos menores enquanto os pais trabalhavam na lavoura, o que fazia com que frequentassem somente as séries iniciais do ensino fundamental.

Com maior escolaridade há também a construção de uma nova espacialidade e a constituição de novos papéis de gênero. Se no período em que se iniciaram as mudanças, as meninas e mulheres eram responsáveis pelos trabalhos domésticos, pela educação dos filhos e pelo trabalho na lavoura, atividades que embora vitais para a manutenção da família, as tornavam pouco visíveis, atualmente, elas estão inseridas no mercado de trabalho formal, ou seja, o trabalho realizado no espaço público.

Esse trabalho remunerado constitui um novo papel de gênero, dando às mesmas mais autonomia e maior visibilidade. O salário das mulheres é utilizado por elas mesmas para a sua manutenção e para auxiliar nas despesas da casa. Mesmo não tendo abandonado o trabalho doméstico, que se constitui num elemento de permanência do papel feminino, a identidade das entrevistadas não está mais construída a partir somente da representação mulher-dona-de-casa-mãe. Há uma transformação no conteúdo representacional, o trabalho no espaço público, a profissionalização estão vinculados à independência, à realização própria e não como acontecia anteriormente em que a representação do trabalho estava vinculada à norma, a uma exigência atávica ligada ao sexo feminino.

Neste sentido, a representação do trabalho enquanto autonomia, faz com que as mulheres busquem seus objetivos, procurem construir a si mesmas.

Das 10 mulheres entrevistadas somente duas não atuam no mercado de trabalho formal, uma delas lamenta o fato de ter deixado de trabalhar “fora” e outra, em função de sua origem e idade continua desempenhando o papel de esposa, dona-de-casa e mãe, tradicionalmente vinculado ao papel de gênero feminino.

As mulheres que chegaram, trouxeram também novas necessidades. A construção de residências de alto padrão que exigem aparato maior de serviços, ocasiona um consumo maior, o que impulsionou as mudanças performativas de gênero, especialmente nas do local. Para se sentir integradas ao grupo das que

chegaram, precisaram e precisam usar as novas tecnologias, estudar mais, trabalhar mais, preocupar-se com a aparência e ganhar mais, uma vez que para essa mudança no seu cotidiano precisam gastar mais.

Nas residências de todas as entrevistadas há tv a cores, telefone, carro, celular, além dos eletrodomésticos considerados básicos para o funcionamento da casa.

O acesso às tecnologias e às informações também alterou as relações de gênero e mudou o conteúdo representacional dos papéis de gênero vivenciados pelas mulheres de Roça Velha. Se antes e durante o processo de reestruturação espacial a informação estava restrita a poucas residências e moradores, atualmente ela está presente em todas as residências das entrevistadas seja pelo rádio e pela televisão, seja pelo uso do celular, do computador, o que altera as representações de roça e cidade, conforme mencionado. Se anteriormente a representação de roça e cidade se constituíam de diferentes espaços escalares, atualmente estão imbricados, são representados como diferentes espaços de atuação pelas mulheres entrevistadas.

Também a comunicação que se fazia de forma presencial, atualmente pode ser feita via tecnologias, o que mudou a dinâmica relacional, uma vez que tanto as mulheres quanto às famílias se visitam menos, embora saibam mais uns dos outros.

Entre os elementos de permanência do papel feminino a família é considerada como o núcleo fundamental das relações, estando representada em sua composição tradicional, pai, mãe, filhos e agregados. Das mulheres entrevistadas, as casadas continuam casadas com os mesmos maridos e as solteiras tem um relacionamento estável com alguém do sexo masculino. Nesse aspecto homens e mulheres continuam exercendo seus papéis tradicionais de gênero.

Outro elemento que não se alterou na reestruturação espacial é a representação do trabalho doméstico que continua integrando o papel feminino, à exceção de duas das entrevistadas que consideram que o trabalho doméstico deveria ser dividido entre homens e mulheres, as demais não questionaram o papel desempenhado por elas nos afazeres domésticos.

No que se refere à sexualidade, a representação das entrevistadas é a mesma, ou seja consideram que sexo e gênero tem papéis previamente definidos, não aceitando portanto, a performatividade de gênero e nem transformando seu

conteúdo representacional, por não perceberem que as práticas e valores são definidos pela cultura.

Mesmo que a mídia, em especial, as novelas da televisão apresentem situações muito frequentes de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, isso é visto pelas entrevistadas como uma invenção da mídia, ou uma ruptura com os preceitos divinos, não um elemento integrante da performatividade de gênero.

DUNCAN, na cidade - texto concebe a cultura como um texto, que ao ser escrito, não é desinteressado mas, comunica uma ordem social que se pretende solidificar através da comunicação. Como texto a ser interpretado esse discurso pode ser lido de maneiras diferentes uma vez que a heterogeneidade do grupo social pode atribuir significados diferentes àqueles significantes da paisagem.

Com base na cidade-texto de Duncan, embora um novo texto tenha sido escrito, os atores sociais interpretaram de maneira diferente algumas partes do mesmo, procurando adaptá-lo à reestruturação espacial, mas ainda mantêm trechos do texto antigo que se constituem em elementos de permanência da escrita anterior.

Partes do texto estão expressas nas falas abaixo:

> Eu pegava as criança, um pequeno, otro na barriga, otro no carinho e ia pra roça. Tinha muito serviço, a roça, tinha vaca pra tira leite, e eu vencia tudo faze. Tenho 66 ano e ainda faço tudo, cozinho, lavo, passo, faço tudo (Fernanda).

> Futuramente talvez eu não precise trabalhar fora mas eu não vou deixar, eu penso que eu nunca deixaria de trabalhar fora, mesmo com filhos, porque tem que se manter ocupada, não precisa ser assalariada, mas talvez com um trabalho voluntário, ter compromissos não só voltados à família, ter compromissos pessoais, profissionais, estudo, ou alguma coisa assim voltada a isso, voltada ao meu conhecimento (Carmem).

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática representações de gênero que constituiu o diálogo entre teoria e prática, foi norteada pelos pressupostos da geografia de gênero, contida na geografia cultural.

Sua articulação resultou em um estudo cujas indagações iniciais trouxeram à tona questões referentes aos elementos de permanência e mudança do papel feminino após a reestruturação espacial de Roça Velha, provocados pelo processo de industrialização e urbanização de Araucária e a construção da represa do Passaúna.

Na região, convivem mulheres mais velhas e mais jovens, algumas originárias do local e outras que chegaram, tornando rico o universo da pesquisa. O universo femino pesquisado constituiu-se de um mosaico: jovens e menos jovens, profissionais e donas de casa,

Neste cenário, objetivou-se analisar as espacialidades das mulheres de Roça Velha compreendendo seu gênero performativo, observando a cultura e o local.

Os fundamentos teóricos que sustentaram a pesquisa basearam-se na Teoria das Representações de Moscovici e na hermenêutica de Ricouer. A escolha por Moscovici e Ricouer deve-se ao fato de que para ambos as representações sociais são construções subjetivas, que ocorrem pela experiência das pessoas em um espaço determinado.

Para ambos, os processos pelos quais as pessoas apreendem o real de maneira própria e particular, partem do senso comum e da linguagem coloquial, recortando partes de informações circulantes sobre determinado objeto e esquematizando os mesmos em torno de um núcleo figurativo, dando ao mesmo concretude e significação. As interações que caracterizam a experiência humana, instituem novas experiências, fazendo com que novas representações sejam construídas, afirmam os autores.

A compreensão de Durkheim de que os fatos sociais influenciam e condicionam as atitudes e comportamentos dos indivíduos na sociedade, são reais, objetivos e constituídos por relações sociais exteriores aos mesmos, foi o ponto inicial de análise. Para o autor os fatos sociais perduram no tempo e possuem um poder coercitivo cuja representação se caracteriza como norma definidora das

práticas sociais. Mas se fez necessário alargar as fronteiras de tal compreensão em Moscovici

As representações sociais, conforme Moscovici, podem ser entendidas como universos simbólicos que emergem a partir da experiência das pessoas no mundo, as quais se comunicam e constroem suas representações, que se expressam em suas práticas no cotidiano.

A teoria das representações de Moscovici serviu de base para o entendimento das representações das mulheres de Roça Velha, tanto das do local como das que chegaram.

Em Durkeim, o consciente coletivo manifesta-se nos comportamentos e normas adotadas pelas pessoas e tem um poder de coerção. Na teoria de Moscovici há uma construção, uma mudança constante, uma fluidez que acontece quando as pessoas se apropriam do espaço no qual vivem e com suas práticas, suas relações e seu corpo, constroem novas representações. As óticas dos dois autores nortearam a análise e compreensão das narrativas.

O dinâmica de apreensão do mundo, diferente para cada uma das entrevistadas, expressou-se nos gestos e nas palavras das mesmas, que construíram seu universo simbólico a partir de comunicações interpessoais e Inter grupais, procurando adequar-se à cultura local.

O diálogo entre Moscovici e Ricouer parte de um princípio comum que é o da construção das representações enquanto processos permanentes que se constroem no cotidiano, no qual estão contidas as representações culturalmente construídas e vigentes. Por meio das mimeses, propostas por Ricouer, esse processo vai da simples apreensão da realidade que acontece na mimese I, à elaboração que, mediada pela mimese II, faz com que ocorra um retorno, uma reflexão, um *detour*, e que sejam construídas novas representações, chegando à mimese III. Ao final desse processo que é contínuo, a nova percepção que havia sido ancorada em conhecimentos anteriores passa a compor o repertório do conhecimento já existente.

Esses processos, o da objetivação e o da ancoragem, constituem as formas específicas das representações sociais estabelecerem mediações e trazem para o nível quase material a produção simbólica de uma comunidade, dando concretude às representações sociais na vida social.

A expressão deste processo ocorre pela linguagem, que pode ser falada ou pode se exprimir em gestos, posturas, comportamentos ou silêncios.

Tais conceitos constituiram-se em luminares, permitindo que durante a pesquisa, em vários momentos, fosse possível perceber a concretude do processo da construção das representações das mulheres de Roça Velha. Constatou-se nas falas a referência ao tempo passado, já vivido pelas entrevistadas e, em seguida uma passagem para o tempo presente.

Num primeiro momento, a apreensão do mundo se apresentou como um texto ainda não narrado, que vai se construindo e reconstruindo no contato das pessoas, umas com as outras e com o mundo, fazendo com que as mudanças ocorram e que as identidades se construam, passando da identidade idem para a identidade ipse. Isso foi percebido nas falas das entrevistadas quando narraram sobre o que aconteceu com elas, mas também apontaram maneiras de superar as dificuldades ou as amarras culturais e locais, em busca de uma nova construção.

As abordagens teóricas de Moscovici e Ricouer têm como características, o movimento, a criação, a mudança, a arte de produzir ou representar o novo; se fizeram presentes e ficaram expressas na permanência e mudança dos papéis femininos em Roça Velha.

O movimento e a mudança estão presentes em Roça Velha com os novos elementos espaciais que se estruturaram a partir da implantação da Cidade Industrial de Curitiba, da instalação da Refinaria da Petrobrás e da Represa do Passaúna, os quais impactaram toda a região em diferentes escalas e que se refletiram no cotidiano de seus moradores.

Uma vez que as representações sociais são construídas por pessoas em um espaço determinado, permeado pela cultura local, o significado do espaço proposto por McDowell entendido como conflituoso, fluído e inseguro parametrizou a compreensão das representações dos sujeitos envolvidos.

O lugar é definido pelas práticas socioespaciais, que no caso de Roça Velha se alteraram com os novos elementos espaciais que foram se estruturando a partir dos anos 1970. Em consequência, as alterações nas relações sociais de poder e de exclusão, puderam ser constatadas pela compra de parte das terras pelos atuais moradores ou por outros compradores que passaram a compor o grupo de habitantes do local, pelo retorno dos herdeiros e pela ampliação dos meios de comunicação, tanto de transporte quanto de tecnologias que provocaram mudanças nas práticas do cotidiano.

Os espaços se sobrepõem, se entrecruzam e seus limites são variados e móveis. Surgem das relações de poder, estabelecem as normas e estas definem os limites, que são tanto sociais, como espaciais, porque determinam quem pertence a um lugar e quem fica excluído, assim como, uma situação ou localização de uma determinada experiência. Esse processo que é conflituoso, na medida em que vai se rearticulando com novas práticas e representações, constitui um feixe de relações que compõe as espacialidades das mulheres de Roça Velha, fazendo com que alguns papéis de gênero se alterem, como por exemplo o que se refere ao trabalho.

Para analisar a mudança que ocorreu nos papéis de gênero em relação ao trabalho, baseamo-nos em Baumann, Mitchell, Lasch e em Mc Dowell.

Todas as entrevistadas executam trabalhos domésticos, que nem são questionados por serem entendidos como componentes dos papéis de gênero vinculados ao fazer feminino, mas quase todas apontam o trabalho no espaço público, a profissionalização e o estudo como elementos fundamentais para sua independência como mulheres.

Foi em relação ao trabalho que foram registradas as transformações mais significativas nas espacialidades cotidianas das mulheres de Roça Velha que também transformaram o conteúdo representacional dos papéis de gênero vivenciados pelas entrevistadas, que vão em busca de sua realização no espaço público e não mais no espaço privado.

No que se refere à cultura, fundamentou-se o estudo em Claval quando buscou-se o entendimento das opiniões, crenças e representações das moradoras de Roça Velha e os significados que permeiam a construção de suas espacialidades passadas e presentes.

A abordagem da geografia cultural, centrada nos significados que os diversos grupos sociais constroem relativos à espacialidade passada e presente foi comprovada pois as percepções das mulheres de Roça Velha revelaram que alguns aspectos da sua cultura têm raízes profundas não se alterando nem mesmo com a força inundante das águas da represa do Passaúna.

Em Touraine, encontrou-se a visão crítica das lutas feministas e da representação que as mulheres têm delas mesmas e de seu lugar na vida social, e também, a abordagem que faz sobre a cultura, como novo paradigma, muito importante neste século. Em sua ótica, afirma que, vinculado à globalização das

comunicações, as mudanças na economia, a importância que os problemas culturais adquiriram, exige que o pensamento social se organize em torno dela.

No que se refere à comunicação, mudanças muito significativas ocorreram em Roça Velha nos últimos anos melhorando o acesso à escola e aos centros maiores e a utilização das tecnologias, que transformaram as espacialidades femininas e alteraram os papéis de gênero.

Nas falas das entrevistadas, várias fizeram menção à dificuldade de continuar seus estudos, pela distância entre suas casas e a escola e a dificuldade de deslocamento. Atualmente, todas as entrevistadas se deslocam com facilidade, o que aumentou o nível de escolaridade das mesmas e ampliou a expectativa quanto à profissionalização e ao trabalho no espaço público.

Quanto à comunicação, a utilização de telefones fixos e celulares, internet e tv alteraram as relações das entrevistadas com a comunidade, reduzindo a quantidade de encontros presenciais e fazendo com que as mesmas fiquem conectadas com os acontecimentos locais, nacionais e internacionais, em tempo real.

O acesso às tecnologias impulsionou a emergência de novas necessidades, ampliando o consumo, comprovando a força da mídia na padronização da cultura local e globalmente.

Uma das limitações encontradas para o desenvolvimento da pesquisa foi a pouca produção científica relativa a representações sociais, cotidiano e gênero na geografia. Porém, como campo novo, foi o desafio.

As leituras e estudos basearam-se em Mc Dowell, Butler e Silva e em autores de outras áreas, devido ao caráter multidisciplinar dos estudos sobre gênero.

Partiu-se do entendimento de Butler de que o gênero é um ato, que está aberto a cisões.

Segundo Butler, quando se diz que o sujeito é constituído, isso quer dizer que o sujeito é uma consequência de certos discursos regidos por regras os quais governam a invocação inteligível da identidade. O sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado pela repetição que tanto se oculta, quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes

O gênero é performativo, ou seja, não está definido e acabado, ou dividido em masculino e feminino, mas se manifesta de diferentes formas, de acordo com a cultura, com o espaço e a ideologia dominante.

Portanto, os elementos de permanência e mudança do papel feminino na reestruturação espacial de Roça Velha, estão vinculados às representações de suas moradoras, expressas em suas falas e que ao término deste estudo poderão já estar mudadas, alterando seu cotidiano.

Foi possível constatar também que as palavras nem sempre dão conta de expressar a representação performativa das entrevistadas, porém, a observação assistemática, do cotidiano revelou-a.

Uma aprendizagem significativa emergente da pesquisa diz respeito à proximidade das representações das do local e das que chegaram. Foi possível verificar que em suas representações não há grandes diferenças nas percepções reveladas em suas falas em relações aos eixos norteadores do estudo.

Nesse sentido, foi possível concluir que os anos vividos contribuem para que as representações de gênero se mantenham inalteradas.

Outra aprendizagem foi a compreensão de que a vivência espacial das mulheres considerada insignificante, não o é, pois, em suas falas revelam um cotidiano interativo que consolida novos papéis de gênero.

Porém, a aprendizagem muito relevante foi a que permitiu aprender a ler o mundo por meio das lentes dos geógrafos culturais. Foi mais do que construir conhecimentos na área, foi aprender a aprender, resignificar conhecimentos e transformar-me, graças à geografia cultural.

REFERÊNCIAS

ADELMANN,M. Sexo, gênero,sujeito:uma entrevista com Alain Touraine. **Revista de Sociologia Política.** Curitiba:nov.2004,no.23.

Arquivo Público do Paraná. **Imagens do trabalhador imigrante no sul do Brasil: os poloneses do acervo Ruy Christovam Wachowicz**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007.

BAUMAN,Z. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria**.** RJ:Jorge Zahar Ed.,2008.

_____ **Vida líquida.** RJ:Jorge Zahar Ed.,2007.

BERGER, P; LUCKMANN,T.A. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes,1998.

BETANINI,T. **Espaço e ciências humanas**. Rio de Janeiro:Paz e Terra,1982.

BOURDIEU,Pierre **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2001.

BOZZANO,Horacio **Territórios Posibles:** procesos, lugares y actores.Buenos Aires: Lumiere, 2009.

BUENO,W.L. **Kobiety polskie w Kurytybie pod koniec XIX wieku i w pierwszych dekadach XX wieku .**Trabalho apresentado no I Simpósio Cultural Brasil Polônia, Curitiba.1988 .

_____**Uma cidade bem amanhecida:** vivência e trabalho das mulheres polonesas em Curitiba. Curitiba:aos Quatro Ventos,1999.

BUTLER,J. **Problemas de Gênero –** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTTIMER,Anne. **Apreendendo o dinamismo do mundo vivido**, in Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difusão Editorial, 1982.

CLAVAL, P. **La Geographie Culturelle**. Paris: Nathan, 1995.

_____ **As abordagens da Geografia Cultural.** In: Explorações Geográficas, organizado por I. E. Castro, P.C.C. Gomes e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____ **A geografia cultural**; trad. PIMENTA, F.L. & PIMENTA M.C.A., Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

_____ **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

_____ **A Geografia Cultural: O Estado da Arte**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, R.L. **Carl Sauer e a Geografia Cultural**. Revista Brasileira de Geografia, 1989, 51 (1). Reproduzido **em Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____ **A Dimensão Cultural do Espaço: Alguns temas. Espaço e Cultura** 1995, 1. Reproduzido em Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____ Carl Sauer e a Escola de Berkeley – uma apreciação. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

COSTA,A.A.A. **Movimento Feminista no Brasil:** dinâmica de uma intervenção política. In: Olhares Feministas. MEC-UNESCO, 2006.

CURITIBA: Imprensa Oficial. **Os poloneses do acervo Ruy C. Wachowicz**.Curitiba: 2007.

DUCLÓS,M.**Nota sobre o conceito de mimeses e katharsis na poética de Aristóteles**. Disponivel em http//www.consciencia.org./aristoteles_poetica.
Acesso em 21 de novembro de 2010.

DUNCAN, James. Após a guerra civil: reconstruindo a Geografia cultural como heterotopia. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Geografia Cultural:** um século. Vol. 2. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

_____ O supraorgânico na Geografia Cultural americana. **Espaço e Cultura**, no. 13, p. 7-33, jan/jun. 2002. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

DURKHEIM, E**. As formas elementares da vida religiosa**. Coleção Os Pensadores. São Paulo Abril Cultural, 1978.

FERREIRA,M.J. **Mulheres na História da Geografia Moderna**. Olhares sobre as Mulheres. Homenagem a Zilia Osório de Castro. CESNOVA/FCSH-UNL, Lisboa, 2011, p. 291-304.

FILIPAK, F. **Centenário no Brasil da Família Filipak**. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., 1980.

FONTES,J.G. **A maternidade em Mary Wollstonecraft e Michelle Roberts**. Disponível em unb.revistaintercambio.net.br.Acesso em 20 de agosto de 2011.

GARCIA, Maria Franco. **A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema**. Tese de doutorado. UNESP: Presidente Prudente, 2004.

GETE-Grupo de Estudos Territoriais. Disponível em http://www.gete.net.br Acesso em maio de 2011.

GIL FILHO, S. F. **Geografia cultural: estrutura e primado das representações**. Espaço e Cultura. 3 (Dez.1996) Rio de Janeiro.

_____Colônia polonesa e o processo de metropolização de Curitiba: **impactos espaciais da modernidade**. Dissertação de mestrado. UNESP: Rio Claro, 1994.

GREBOGE,Pedro. A imigração polonesa em Araucária**.** ***Polska w Brazylii***. São Bento do Sul,30 de junho de 2008,ed.31.

HOLZER,W. **A Geografia Humanista-sua trajetória de 1950 a 1990**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro,1992.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba,IPPUC. **Memória da Curitiba Urbana**. Curitiba,1991(depoimentos 7).

JAGGAR,A.,BORDO,S. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro:Record:Rosa dos Ventos,1997.

KERSTEN,M.S.A **Do camponês ao colono - Tomás Coelho - um núcleo colonial polonês**. Trabalho apresentado no I Simpósio Cultural Brasil Polônia, Curitiba.1988.

LASCH,C. **A mulher e a vida cotidiana:** amor, casamento e feminismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEITE,I.L. **Gênero, família e representação da velhice**. Londrina:EDUEL, 2004.

LOWENTHAL, David. **Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica**, in *Perspectivas da Geografia.* São Paulo: Difusão Editorial, 1982.

MAFESSOLI,Michel .**O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária,2000.

MARTINEZ, A.S**. La mujer em la investigación geográfica**. Anales de Geografia de la Universidad Complutense, num.4 .Ed. Complutense,1984.

McDOWELL, Linda. **A transformação da geografia cultural**. In: GREGORY, D.; MARTIN R.; SMITH, G. (orgs). **Geografia humana**: Sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1996. P. 159-188.

_____**Gênero,identidad y lugar –** Un estudio de las geografias feministas. Ediciones Cátedra. Universitat de València. Instituto de la Mujer, 1999.

MATOS,M.I. **História das Mulheres e Gênero:** usos e perspectivas.In: Olhares Feministas. Brasília; Ministério da Educação: UNESCO,2006.

MELO, H.P. et all (organizadoras). **Olhares Feministas**. Brasília; Ministério da Educação: UNESCO,2006.

MINELLA,L.S.,FUNCK,S.B.(organizadoras).**Saberes e fazeres de gênero**. Florianópolis.Ed. da UFSC, 2006.

MITCHELL,D. **Cultural Geography – A critical introduction**. Blackwell Publishers LTD. Oxford, UK.2000.

MOREIRA, A.S.P., OLIVEIRA, C.(org.) **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**.Goiânia:AB,1998.

MOSCOVICI,S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes,2003.

MURARO,R.M;BOFF,L. **Feminino e masculino:** uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante,2002.

OLIVEIRA,M.S.S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.19, no.55, 2004.

PAEGLE,L.M. **Espaços do cotidiano feminino no bairro Mercês, Curitiba: um estudo de geografia e gênero**. Dissertação de Mestrado. UFPR: Curitiba,2004.

PARANÁ. Secretaria da Cultura e do Esporte. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. **A represa e os colonos**. Curitiba,1986.

RAMON, M. D.G. **Gènere, espai i societat: una panorâmica de la geografia internacional a finals dels anys 90.** Cuadernos de Geografia, 64,295-312 : Valência, 1998.

RICOUER, P. **Teoria da Interpretação**. Lisboa, Portugal : Edições 70, 2010.

_____ **Hermenêutica e Ideologias**.Petrópolis,RJ: Editora Vozes Ltda.,2008.

_____**Tempo e Narrativa.** São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes,2010.

SILVA,J.M. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica**. Revista de História Regional** 8 (1) Verão 2003.

_____(organizadora)**Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa,PR:TODAPALAVRA Editora,2009.

_____(organizadora) **Espaço e gênero e feminilidades ibero-americanas**. Ponta Grossa,PR:TODAPALAVRA Editora,2011.

_____et al. Geografia e Gênero no Brasil: Uma Análise da Feminização do Campo Científico. **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO v.3,no.7, set.2009,p.38.

SILVA,T.R.F. **Cenários urbanos: o papel da paisagem na construção do discurso político em março de1964**. Dissertação de Mestrado. UFRJ:RJ,2006.

SKINNER, Frederic. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

THERBORN, G. **Sexo e Poder:** a família no mundo 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2006.

TIBURI,M; VALLE,B.(organizadoras) **Mulheres:** filosofia ou coisas do gênero. Santa Cruz do Sul:UDUNISC,2008.

TOURAINE,A. **O Mundo das Mulheres**. Petrópolis,RJ: Vozes,2007.

_____ **Un Nuevo Paradigma para compreender el mundo de hoy**. Buenos Aires: Paidós,2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difusão Editorial, 1983

_____. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística, in **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difusão Editorial, 1982.

_____ **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difusão Editorial, 1980.

VELEDA DA SILVA,S.M.**A Perspectiva Feminista na Geografia Brasileira**. I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico.

VENTURI,G., RECAMÁN M., OLIVEIRA, S. (org.) **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo,2004.

WACHOWIZ, R. **A saga de Araucária**. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., 1975.

WACHOWICZ,R. C. **Tomás Coelho : uma comunidade camponesa**. Curitiba: Real Artes Gráficas Ltda., 1977.

WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin. Temas de Geografia Cultural. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Geografia Cultural:** um século. Vol. 1. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.